

## O BRASIL NA HISTORIOGRAFIA ROMÂNTICA INGLÊSA UM ESTUDO DE AFINIDADES DE VISÃO HISTÓRICA: ROBERT SOUTHEY E WALTER SCOTT \*

Maria Odila Dias Curly

A correspondência trocada entre Roberto Southey e Walter Scott de 1805 a 1831 interessou-nos de início por numerosas referências à *História do Brasil* e pelo sincero entusiasmo com que Scott acolheu os três volumes dessa obra de Southey. Era uma reação inteiramente oposta à de um crítico da *Blackwood's Edinburgh Review* que na mesma época manifestava a sua indignação contra o absurdo de três folios desmedidos, dedicados a uma única colônia portuguesa (1).

É verdade que tendências políticas e ideológicas influenciaram na boa ou má recepção da obra na Inglaterra na época e, por esse lado, são bem conhecidas as tendências "tories" do poeta laureado e de Sir Walter. Ambos eram partidários de Canning e fizeram parte do círculo de relações do ministro (2).

As relações entre Southey e Scott descortinam inúmeras afinidades. Partilharam muitas idéias comuns, não somente sobre a revolução francesa (3), com também sobre os distúrbios e reformas sociais do tempo. As guerras napoleônicas constituíram uma experiência importante, durante muito tempo o tema principal de suas cartas, servindo para aproximá-los e consolidar sua amizade (4). Apesar de diferenças

---

(\*) Este trabalho foi apresentado em dezembro de 1965 como tese de mestrado para a Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

- (1) "... The most unreadable production in our time. Two or three elephant folios about one single portuguese colony. Every little colonel, captain, bishop, friar discussed at as much length as if they were so many Cromwell's and Loyolas..." (Blackwood's *Edinburgh Review*, February 1824; Cf. Boxer, C.R. *The Dutch in Brazil*, London, Oxford University Press, 1957, págs. VII-VIII).
- (2) Brinton, Crane. *The Political Ideas of the English Romanticists*, London, Oxford University Press, MCMXXVI, págs. 5, 48ss e 220ss.
- (3) Dowden, Edward. *The French Revolution and English Literature*, London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co Ltd., 1897, págs. 138ss e 238ss.
- (4) Davis, Nelson V. *Five English Romantics and Napoleon Bonaparte*. Tese imediata de Doutorado, Princeton University, 1958 (mic.) págs. 149ss.

marcantes de personalidade, também compartilharam muitas afinidades literárias; algumas com raízes em tendências comuns a toda a época, outras mais peculiares a suas próprias inspirações.

Nesse trabalho, procuramos estudar certas afinidades de estilo de reconstrução do passado e de conceituação do processo histórico na *História do Brasil* de Southey e nos romances de Scott. Afinidades que tinham raízes em experiências comuns e em conceitos da época e não em influências de um sobre o outro, que não existiram, tendo o primeiro volume de Southey sido publicado quatro anos antes do primeiro romance de Scott (*Waverley* 1814).

Na medida em que parece ignorar uma série de fatores e toda uma corrente de idéias que concorriam na época para o mesmo fim, parece exagerada a ênfase geralmente dada ao papel dos romances de Scott na transformação da historiografia nas primeiras décadas do século XIX. Nesse sentido, é muito sugestiva essa conformidade de estilo e de visão do passado entre os dois contemporâneos.

Procuramos, de início, definir afinidades de forma e de estilo de reconstrução histórica, discerníveis nas obras de Southey e de Scott e, em seguida, remontar às idéias e conceitos que os teriam norteado em sua representação e interpretação do passado.

Em suas obras, eles representaram a vida dos homens de outras eras englobada numa unidade orgânica, a do conceito romântico do espírito de uma época. Procuraram reviver a côr do tempo, a côr local através de um estilo amplo e panorâmico, abarcando com minuciosidade as múltiplas interrelações entre os homens, as idéias dominantes em seu tempo e o meio em que viviam. Manifestaram um sentimento intenso da individualidade das diferentes épocas da história, e, ao mesmo tempo, muito concreto, ocupando-se da vida material e rotineira dos homens de outrora.

As suas afinidades envolvem uma visão imaginativa, de identificação e revivência da vida de outros tempos, um novo gênero de narrativa histórica e o enriquecimento da historiografia com a integração no processo histórico de fatores econômicos e sociais alheios à vontade dos indivíduos.

No quadro de suas afinidades, a visão imaginativa, a tendência do historiador para recriar e reviver o passado

com tôda pujança e a dramaticidade da vida real parece remontar, não sômente ao sentimento vivo da diversidade do processo histórico, mas também à experiência artística de poetas voltados para temas históricos. A intensificação e minuciosidade que caracterizam a sua narrativa histórica remontam, por sua vez, a certas influências que assinalaram a literatura da época e à preocupação do historiador, ao manejar suas fontes, de buscar testemunhos vivos e pormenores bem característicos do “espírito da época”. As suas foram obras pioneiras do processo da integração da arte romântica na historiografia.

Todo o seu estilo de reconstrução do passado refletia, por outro lado, um esforço comum de interpretação da história e uma conceituação afim do processo histórico, que procuramos esclarecer com base em experiências e em conceitos filosóficos que não é de admirar fossem partilhados por dois contemporâneos vivendo num mesmo ambiente e com as mesmas tendências conservadoras. As experiências de seu tempo, da “idade das revoluções” em que viveram, estimularam a sua sensibilidade histórica e um sentimento muito vivo do evoluir dos grandes fenômenos sociais na História.

Contra a idéia de muitos homens do século XVIII e dos filósofos utilitaristas da sua geração, que pregavam reformas radicais na sociedade, como Bentham e J. S. Mill —, de que as grandes revoluções e cataclismas sociais eram necessários para o progresso das instituições e do bem estar dos homens —, Southey e Scott acreditavam numa evolução orgânica das sociedades através dos séculos. Em suas obras, procuraram realizar a filosofia de Burke e configurar um progresso independente de grandes revoluções.

A ênfase na continuidade histórica foi um dos aspectos mais característicos de suas obras. Representavam a história como uma continuidade de vidas quotidianas a absorver catástrofes, a restabelecer a harmonia e o equilíbrio nas interrelações de tôdas as classes no organismo social e a reformular no cadinho das tradições e dos grandes valores humanos as transformações bruscas e radicais e os males das revoluções intempestivas.

Essa consciência de um princípio orgânico lento, a presidir a evolução da história, como um organismo em sua totalidade, tem raízes no panorama social atribulado pela fermentação dos radicais na Inglaterra recém industrializada.

É a expressão de uma profunda afinidade ideológica entre Southey e Scott, a refletir-se em sua visão da História e a marcar em suas obras a tendência a integrar a iniciativa individual numa totalidade maior da história. Esse conceito, embora afim, transcendia o do espírito de uma época e traduziu-se numa visão do passado que abarcava o homem no organismo social, a da história das comunidades, da história anônima das sociedades.

Nesse trabalho, tivemos em vista a contribuição de Southey e de Scott para a historiografia romântica e principalmente o seu papel na fase de transição dos inícios do século XIX, o que nos levou a fazer referências a remanescentes em suas obras da historiografia racionalista do século XVIII e a apontar seus antecedentes em idéias correntes na época, em Schiller, em Herder, (5) sem entretanto procurar pormenorizar influências mais precisas.

Indiretamente o estudo das afinidades da visão e do estilo histórico de Southey e Scott vem jorrar luz sobre o ambiente em que foi elaborada a *História do Brasil* do primeiro, permitindo-nos melhor integrá-la na historiografia da época.

## O ESTILO DO HISTORIADOR

O estudo das afinidades de visão histórica de Southey e Walter Scott envolve o próprio cerne desta curiosa fase da historiografia, de transição dos moldes filosóficos e generalizadores do século XVIII para a narrativa particularista e imaginativa e para a nova consciência do processo histórico de Macaulay, de Carlyle, de Ranke e Michelet. Já Herder era de opinião que a história deveria ser representada em "quadros", em vez de ser analisada em generalizações abstratas (1). Os historiadores do século XVIII que se propuseram desvendar as origens remotas da humanidade primitiva tinham introduzido na historiografia o colorido de uma nova imaginação e vivência histórica. Os seus esforços seriam as raízes de profundas transformações no estilo de representação do passado. A *História de Roma* de Neibuhr (1811,

---

(5) Stokoe, F. W. *German Influence in the Romantic Period 1788-1818*, Cambridge, At the University Press, MCMXXVI, págs. 92ss.

(1) Herders *Sämmtliche Werke*, ed. Suphan, IV, p. 439; cf. Neff, Emery. *The Poetry of History*, N. York, Columbia University Press, 1961, págs. 47.

1812), assim como os estudos mitológicos de Müller (1825) são heranças diretas dessa tradição. Em método, porém, estavam demasiado impregnados das características da história filosófica ou conjectural para inaugurarem um novo estilo de narrativa histórica (2). Durante as duas primeiras décadas do século XIX o método comparativo, as generalizações, os textos ocupados em longas discussões de pontos controversos não de manter o estilo do historiador apegado aos moldes do século precedente. Os *Martires* de Chateaubriand e sobretudo as *Waverley Novels* de Scott são geralmente apontados como tendo exercido uma influência decisiva sobre a transformação da narrativa histórica e a integração da nova arte romântica na historiografia (3).

Na Inglaterra, nenhuma das obras históricas que se destacam nos inícios do século XIX chegaram a romper com o estilo e a tradição do século XVIII, embora inspiradas nos interesses dos novos tempos. As obras dos primeiros medievistas como a *História dos Anglo-Saxões* de Sharon Turner (1799-1805), as *Antiguidades da Igreja Anglo-saxônica* de John Lingard (1806) e a *História da Europa na Idade Média* de Hallam (1818) estão carregadas de pressuposições hipotéticas e das generalizações filosóficas e psicológicas que caracterizavam as obras de Gibbon e Robertson (4).

Mesmo as tentativas propriamente históricas de Walter Scott em sua *Vida de Napoleão* (1827) e em *Tales of a Grandfather* (1827-30) (5) prendem-se às tradições racionalistas pouco havendo nelas da imaginação histórica de seus romances.

O primeiro volume da *História do Brasil* de Southey, editado em 1810, foi, cronologicamente, uma obra pioneira

---

(2) *Ibidem*, págs. 116.

(3) "The difference between Gibbon and Macaulay is a measure of the influence of Scott"... Trevelyan, G.M. "Influence of Sir Walter Scott" in *An Autobiography and other Essays*, London, Longmans, 1949, págs. 201. V. também: Fueter, Ed. *História de la Historiografía Moderna*, Buenos Aires, Editorial Nova, s.d., II, págs. 120ss; 133, etc.; Gooch, G. P. *Historia y Historiadores en el siglo XIX*, México, Fondo de Cultura Económica, 1942, págs. 177-8 e 326. Feardon, Thomas; *The Transition in English Historical Writings (1750-1830)*, N. York, Columbia University Press, 1933, págs. 214-216.

(4) Preyer, Robert. *Bentham, Coleridge and the Science of History*, Western Germany, Verlag Heinrich Poppinghaus OHG, Bochum-Langendrer, 1958, págs. 12-15.

(5) Duncan Forbes, "The Rationalism of Sir Walter Scott", *Cambridge Journal*, 1953, págs. 26-27.

no sentido de integrar na narrativa histórica os princípios da arte e da imaginação romântica, assim como o foram também muitos dos seus conceitos sobre processo e desenvolvimento histórico. As suas idéias e o seu estilo imaginativo participaram intimamente do espírito da série de romances inaugurada por Scott em 1814 com *Waverley* e que tanto teria contribuído para transformar a historiografia de seu tempo.

Através dessas obras, a representação do passado passava a exigir do historiador, além das faculdades críticas e eruditas, um esforço subjetivo de revivência dramática e uma encenação minuciosa ante os olhos do leitor das condições de vida dos homens de outros tempos.

Ambos pretendiam um novo estilo de narrativa, direta e chã, abordando e explicando os fatos históricos com fluência, sem uma pomposidade oratória e artificial. Revoltavam-se contra a narrativa “esquemática em compartimentos” (6) dos historiadores do século XVIII. “Apesar de todo o artifício”, — escrevia Southey — “os historiadores racionalistas, distorcendo e desvirtuando causas e consequências como Hume, Gibbon ou Voltaire nada podem contra o fato, a evidência de um ato, contra a realidade. Motivos e opiniões não são história. Somente os atos em si compõem a história e eles não são propriedade exclusiva daqueles historiadores...” (7). Afastando-se dos fatos, sistematizando, generalizando, especulando em suas obras com hipóteses, reflexões e discussões de pontos controversos, aqueles historiadores “brincavam com a verdade histórica” (8).

A história deveria ser revivida com a mais simples objetividade e ao mesmo tempo com a intensidade da vida real, devendo o historiador a todo custo evitar um estilo brilhante demais e, por conseguinte artificial, que haveria de interpor-se entre os olhos do leitor e a matéria, interceptando a compreensão do tema ou distraíndo a atenção da narrativa. O principal defeito da *História dos Anglo-saxões* de Sharon Turner consistia para Southey no seu estilo pesado, em suas

(6) (Southey, R.) “On Froissart”, *The Annual Review*, III (1804), pág. 190.

(7) Southey, Robert. *The Doctor*, London, Longmans, 1834, vol. VI pág. 120.

(8) (Southey, R.) “On Barante”, *The Foreign Review*, Vol. I (1828), pág. 2.

“coruscations of Wit” e frequentes “irridescências da fantasia”, lembrando, por vêzes, Gibbon, sem porém equiparar-se a êle na precisão e condensação de idéias (9).

Por outro lado, escrever história subentendia ainda certa atividade afetiva e de simpatia com os homens do passado, — atividade subjetiva a que deveria corresponder um estilo peculiar de narrativa, pois “... não se tratava apenas de preencher uma cronologia, mas de reviver, de reincarnar os modos e os temperamentos dos homens” (10). Já não participavam daquele sentimento de superioridade em relação aos homens de outros tempos que explicava o despreendimento dos contemporâneos de Voltaire ou o tom de frieza e distância do próprio Hume na introdução à *História da Inglaterra* (11).

Mais do que a elaboração de uma narrativa coerente e regular sôbre a psicologia e a arte do governo, Walter Scott preferia a descrição de cenários e costumes que ilustrassem a vida dos moradores das raías da Inglaterra e da Escócia (12). Southey pretendia inaugurar, em sua *História de Portugal*, conforme escrevia em carta de 26 de março de 1800, uma forma de escrever sôbre o passado que tinha como completamente nova: “... Uma coisa sobretudo hei de tentar escrevendo história, entrelaçar tanto quanto possível na nar-

---

(9) (Southey, R.) “On Sharon Furner's History of the Anglo-saxons”, *The Annual Review*, I, (1802), pág. 268.

(10) Carta a John May, datada de 15 de dezembro de 1798, in *The Life and Correspondence of Robert Southey*, ed. pelo Rev. Charles Cuthbert Southey, M. A. London, Longmans (1850), I, pág. 351.

(11) “... a civilized nation, like the English, who have happily established the most perfect and most accurate system of liberty, that ever was found compatible with government, ought to be cautious of appealing to the practice of their ancestors, or regarding the maxims of uncultivated ages as certain rules for their present conduct. An acquaintance with the history of the remote periods of their government is chiefly USEFUL by instructing them to cherish their present constitution from a comparison or contrast with the condition of those distant times. And it is also CURIOUS, by showing them the remote, and commonly faint and disfigured originals of the most finished and most noble institutions, and by instructing them in the great mixture of accident which commonly occurs with a small ingredient of wisdom and foresight, in erecting the complicated fabric of the most perfect government.” “History of England, I, p.1-2; cf. Bryson, Gladys. *Man and Society: The Scottish Inquiry of the 18Th Century*, Princeton, Princeton University Press, 1945, pág. 105.

(12) “The Poem, now offered to the Public is intended to illustrate the customs and manners which anciently prevailed on the Borders of England and Scotland...” (*The Poetical Works of Sir Walter Scott*, London, Frederick Warne & Co., s.d., pág. 2 (prefácio ao “Lay of the Last Minstrel” (1805)).

rativa, os estilos e os modos da época, de sorte a aproximar-me nesse ponto, mais dos velhos cronistas do que dos modernos historiadores' (13).

Tinham a intenção de reviver os hábitos, os sentimentos e a mentalidade dos velhos tempos sem relegá-los, como Hume, para apêndices e notas... (14). "No alambique dos modernos fabricantes de história, tudo o que estimula e diferencia, logo se evapora e o que fica é um mero CAPUT MORTUUM de resultados", comentava Southey em 1804. "Em vez de apresentar os costumes dos homens, o narrador metafísico prefere exhibir seus motivos como se fôsse padre confessor ou membro do conselho privado entre os reis de antigamente. Em vez de fazer com que os personagens falem por si mesmos, há de juntá-los com um cordão de sentenças bonitas para poder mostrar como êle sabe marcar uma antítese ou arredondar um período" (15).

O linguajar do historiador deveria adaptar-se fielmente ao espírito e à alma de sua fontes, reproduzindo porém, antes a frescura da vida do que a própria fraseologia do documento, num estilo que evitasse modernismos ou termos por demais obsoletos (16). Deveria ainda afastar do texto debates

(13) Carta a William Taylor, in Robert Southey's *Journal of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838, Supplemented by Extracts from his Correspondence*, ed. por Adolfo Cabral, Oxford, Clarendon Press, 1959, pág. 69.

(14) "... to weave the manners of the times, as far as possibly can be done, into the narrative, instead of crowding the volume with appendix chapters..." Ibidem, idem.

(15) (Southey, R.) "On Froissart", art. cit., pág. 190.

(16) Tanto Southey como Scott voltaram-se para o linguajar de Chaucer como o mais apropriado para um historiador. Em carta ao irmão Thomas, datada de 18 de novembro de 1808, escrevia Southey sobre um determinado autor que o criticava: "...he seems to suppose that a book ought always to be rendered into English of the newest fashion; and, if not, that it then should be given in the English if of its own age. — a book of the 15 th century... in that of the 15th. He did not recollect that in the thirteenth century there was no such thing as English... But the fact is that both in this Chronicle and in Amadis, I have not formed a style, but followed one. The original when represented as literally as possible, ran into that phraseology, and all I had to do was avoid words, and forms of words, of modern creation, and also such as were unintelligibly obsolete. There is, as you must have heard Wordsworth point out, a language of pure intelligible English, which was spoken in Chaucer's time, and is spoken in ours..." (*Life & Correspondence*, III, p.193-4). Em 1817, na introdução a *Ivanhoe*, Scott exprimia os mesmos princípios: o historiador era obrigado a fazer concessões, pois não poderia escrever em anglo-saxão ou em franco-normando, nem imitar a caligrafia de Caxton ou Wynken de Worde (pág. 400). Ao reproduzir e reviver suas fontes deveria procurar um meio termo sem apegar-se estritamente a termos obsoletos ou demasiado modernos "...rather attend to its grammatical character, turn of expression and mode of arrangement, than labour to collect extraordinary and antiquated terms". Julgava ideal o "well of English undefiled" de Chaucer. (Scott, W. *Quentin Durward*. *Ivanhoe*. Kennilworth, New York, The Modern Library, s. d., págs. 401-2).



e discussões de pontos controversos e testemunhas discordantes, pois seu lugar adequado era em notas e apêndices (17). No texto, tornava a narrativa árida, anulando-lhe o efeito.

Certos requisitos essenciais marcavam a fibra do *verdadeiro* historiador: o dom de reproduzir com fidelidade os costumes de outros tempos; um estilo apto a transmitir a atmosfera, o espírito de uma outra época e a capacidade de comunicar vida, de ressuscitar uma realidade extinta e, pois, de impressionar e prender os leitores. "...Uma narrativa circunstancial, cheia de vida, fiel aos fatos e aos documentos, sabendo selecionar o característico e chegar aos valores mais profundos — e que, ainda assim, divertisse o leitor como um romance" (18) parecia-lhes o ideal. Para que fosse completa, algo deveria ser acrescentado à objetividade e ao rigor crítico de uma obra histórica, pois os fatos deviam despertar os sentimentos do leitor a fim de ficarem gravados em sua memória (19).

Respeitando estes atributos que acreditavam entrever um no outro, Southey e Scott partilharam a convicção de que o historiador deveria reunir "à ciência do antiquário, a marca viva do poeta" (20). A história, além de erudição, era para ele também uma arte.

Em 1802, ao resenhar a primeira obra de Scott, Southey ressaltava com admiração os traços "interessantes e cheios de vida" de seu ensaio sobre a vida dos "borderers" (21). Tecia elogios ao equilíbrio e sutileza de seu estilo "simples e pouco artificial, muito evocativo de povos rudes e marciais

---

(17) "...it appeared that Mr. Fox had right notions concerning the nature of narrations, and would have made it plain, straitforward narration, without any discussion of disputed points and jarring authorities. The text is now full of these discussions, but it cannot be doubted that he would have placed them in the notes or appendix". (Carta a John May, datada de 11 de novembro de 1808, in *Selections from the Letters of Robert Southey*, ed. por J. W. Warter, London, Longmans, 1856, II, pág. 106).

(18) (Southey, R.) "On Barante", art. cit., págs. 3-4.

(19) "...to be understood, and felt and remembered..." (Carta de Southey a Mr. Ebenezer Elliott, datada de 9 de fevereiro de 1810, in *Life & Correspondence*, III, pág. 275).

(20) (Southey, R.) "On Walter Scott's *Minstrelsy of the Scottish Border*", *The Annual Review*, II (1803), pág. 536. (correspondente à resenha do terceiro volume).

(21) (Southey, R.) "On Walter Scott's *Minstrelsy of the Scottish Border*", *The Annual Review*, I (1802), pág. 636.

do passado” (“... unsophisticated by scholastic pedantry, unadorned by classic elegance”) (22); ao seu linguajar puro, “igualmente livre de vulgarismos obsoletos e galas modernas”. E, sobretudo, admirava a sua capacidade de manter-se fiel aos sentimentos de outros tempos. de “... fazer com que preservassem constantemente aquêle judicioso meio termo entre a rudeza dos tempos idos e os requintes de hoje” (23).

Walter Scott, como que em réplica, escrevia para Southey em carta de outubro de 1807, elogiando-lhe a capacidade “... de brunar as armas de um PREUX CHEVALIER sem transformá-lo A LA TRESSAN num dragão militar moderno” (24). Em sua preocupação de reviver, de ressuscitar o passado, insistiam suas cartas na importância de um estilo cheio de vida e apropriado ao tema.

A maneira de Southey escrever história assemelha-se por vêzes a de um romancista:

“... Embreivavam e embridavam os cavalos, ao mesmo tempo em que os empanturravam de capim para evitar que relinchassem. No meio dessas precauções, tremiam os Guaranis de medo... Enquanto Cabeza de Vaca os ia exortando a tomar coragem e a atacar o inimigo, entraram os Guaiurus a entoar seu canto de alvorada e a rufar seus atabaques. Era um hino de exultação. Desafiavam tôdas as nações a enfrentá-los se tivessem brio para tanto. Segundo seu uso vinham agora, todos empunhando tochas acesas...” (25).

Ao elaborar o primeiro volume da *História do Brasil*, receiava Southey que não viesse a ser “divertido” (26). Quando os amigos o receberam com entusiasmo, passou a

---

(22) *ibidem*, pág. 639.

(23) (Southey, R.), art. cit., *The Annual Review*, II (1803), pág. 536.

(24) *The Letters of Sir Walter Scott*, ed. por H. J. C. Grierson, London, Constable, 1932, vol. I, pág. 385.

(25) Southey, R. *The History of Brazil*, London, Longman, 1810, I, pág. 121.

(26) Carta ao Rev. Herbert Hill, datada de 30 de maio de 1810, in *Life and Correspondence*, III, pág. 288.

escrever com maior animação sobre a “matéria estimulante” que o segundo volume conteria: “... Será tido por muito divertido, além de curioso” (27).

O entusiasmo de Scott pelo primeiro volume da *História do Brasil* (1810) (28) de Southey explica-o em parte sua atração pelo exotismo do Novo Mundo, mas também outras afinidades de gosto e de imaginação histórica, entre as quais a forma de expressão e a maneira de narrar.

Southey já lhe havia anunciado certos aspectos mais aptos a interessá-lo, como “... certas peijas travadas com aquêlê calor de antigamente” (29) e “uma guerra em Pernambuco que há de ser muito de seu gosto” (30). Nada poderia ir mais diretamente ao coração de Scott do que a rusticidade, o primitivismo de meios (31), a honra empenhada, as virtudes cavalheirescas revividas por Southey na narrativa da luta contra os holandêses. Tratava-se na verdade de preferências comuns, de afinidade mútua: o tema do heroísmo cavalheiresco, que os fazia vibrar em uníssono à leitura de antigas baladas e romances medievais, forçara de antemão o prisma do historiador do Brasil. Ele procura definir o caráter da luta entre holandêses e colonos como o de um tipo de luta que, embora oferecendo pouco para narrativas extensas, “exibia mais talento militar e mais coragem pessoal do que qualquer outra” (32). De fato, os lances

(27) Carta a Grosvenor Bedford, datada de 26 de abril de 1816, in *Life and Correspondence*, IV, pág. 172. Bem típica do estilo cheio de vida de sua obra é a passagem sobre os costumes dos Palaguás. (*History of Brazil*, III, págs. 258-9).

(28) “...Twenty times twenty thanks for the History of Brazil, which has been my amusement, and solace, and spring of instruction for this month past. I have always made it my reading-book after dinner between the removal of the cloth and our early tea-time. ...Your labours must have been immense to judge from the number of curious facts quoted, and unheard-of authorities which you have collected. I have traced the achievements of the Portuguese adventurers with greater interest than I remember to have felt since, when a school-boy, I first perused the duodecimo collection of Voyages and Discoveries called the World Displayed (London, 1759) — a sensation which I thought had long been dead in me...” (carta datada de 20 de maio de 1810, in *Letters*, II, pág. 340).

(29) Carta a Scott datada de 24 de dezembro de 1814, in *Life and Correspondence*, IV, pág. 97.

(30) “...You will receive the long-delayed conclusion of my Brazilian history in the course of the summer. It has much curious matter respecting savage life, a full account of the Jesuit establishment, and a war in Pernambuco, which will be much to your liking”. (carta a Scott, datada de 17 de março de 1816, in *Life and Correspondence*, vol. IV, pág. 154).

(31) *V. History of Brazil*, II, pág. 74.

(32) *Ibidem*, II (1817), pág. 146.

estratégicos gerais da batalhas modernas pareciam pouco interessá-los. Scott preferia em seus romances as pequenas escaramuças, os duelos cavalheirescos, as lutas em que os homens empenhavam a vida e a honra. Em *Old Mortality*, ao descrever uma batalha no século XVII entre tropas inglesas e rebeldes escoceses, focaliza pequeno recanto do campo de batalha, em que Bothwell e Balfour estavam empenhados em um duelo mortal (33).

O historiador do Brasil desdobrara-se ao reviver a luta contra os holandeses: dramatizara o ardor, a estratégia e o heroísmo dos guerrilheiros nas selvas (34); acentuara a emoção de certas passagens com cogitações sobre o risco corrido e o que poderia ter sido (35); descrevera com grande realismo as escaramuças, o ambiente de aventuras (36); pintara um quadro vivo e agitado da ferocidade e desespero de certas batalhas (37), com sentimento histórico e emoção artística. Esforçara-se por tornar a narrativa direta e fluente, acompanhando o seu desenrolar no tempo.

Em sua História, Southey só faz generalizações ou comentários sobre a natureza dos fatos para introduzir um assunto em sua época, para integrá-lo no contexto da política europeia ou em determinada fase da colonização da América do Sul. Revive quadros dramáticos e imaginativos; chega a introduzir o diálogo em certas passagens (38) e, finalmente,

---

(33) Scott, Walter. *Old Mortality*, London, Collins, 1954, pág. 165.

(34) *History of Brazil*, II, págs. 95-97.

(35) *Ibidem*, II, pág. 28, sobre o episódio do Forte Calvário

(36) *Ibidem*, II, págs. 146-147.

(37) "... (Nassau) resolved at last to storm the trenches of St. Antonio, and bring the siege to an issue. At seven in the evening of the eighteenth, three thousand men began the assault. They won the fosse and entrenched themselves there; then they assaulted the gate. Here the fight became bloody. The place was so narrow that no weapon was discharged in vain; the fireballs and grenades of the besiegers took full effect, and the beams and stones which the Portuguese threw down fell upon the heads of their assailants. Some attacked them in the fosse, others beat them from the gate. The troops from all the outworks came to the scene of action; Nassau brought up the rest of his forces, and the assault became a general battle. The Dutch gave way for they fought to disadvantage. Mauritz gave orders to kill all who fled, and they returned desperately to the charge; but it was of no avail; the Portuguese knew their ground, and had therefore a confidence in the darkness which their assailants could not feel; they had likewise a motive to animate them which redoubled their exertions, and they beat the enemy back" (*History of Brazil*, I, pág. 557).

(38) *Ibidem*, I, págs. 77; 289, etc.

no quadro das afinidades mútuas, vê o desenrolar do processo histórico através da experiência dos próprios personagens, no que participou de uma característica fundamental da maneira de Scott tornar humana e cheia de vida a reconstrução do passado em seus romances.

Essa aptidão de analisar simultaneamente a história através de seus personagens e as personagens através da história, que caracteriza os romances de Scott (39), tem seu precedente na arte narrativa de Defoe. Em suas narrativas históricas, costumava o autor de Robinson Crusoe lançar mão do artifício de um personagem central, como recurso para humanizar um todo impessoal e dar colorido e força dramática à reconstrução de uma época (40). Assim, a figura de um bravo "cavalier" centralizando uma narrativa sobre a guerra civil de 1640; a do capitão George Carleton em seu relato sobre a guerra da Espanha; a de um senhor escocês a serviço da Suécia para ilustrar a carreira militar do rei Carlos e a de um oficial inglês na corte do Czar em uma narrativa sobre as campanhas de Pedro, o grande (41). É verdade que, tal como os personagens centrais nos romances de Scott, são figuras fictícias ou obscuras, ao passo que os de Southey existiram realmente na história da colônia. Entretanto, a relação dramática entre a percepção, o sentido da verdade histórica e este sistema de personalização permanece idêntico.

Em sua obra sobre o Brasil, Southey lançou mão deste mesmo recurso dramático, coordenando a narrativa dos fatos em torno do interesse despertado por uma figura central. É através da biografia de um personagem histórico que prefere abordar certos aspectos da vida e da história da colônia. Em agosto de 1808, estava armando um capítulo sobre os primeiros contatos dos colonos no século XVI como os selvagens brasileiros, e reunira muitos dados sobre sua organi-

(39) Daiches, David. "Scott's Achievement as a Novelist", *Nineteenth Century Fiction*, 1951, I parte, pág. 171. "... Scott sempre procura fazer com que os personagens importantes surjam da atmosfera de seu tempo; nunca explica a época em função de seus grandes representantes segundo o culto dos heróis próprio dos românticos..." (Lukacs, G. *The Historical Novel*, Boston, Beacon Press, 1963, pág. 39).

(40) Moore, John Robert. "Defoe and Scott", *PMLA*, VI, pág. 722. Scott admirava o extraordinário "skill of impersonation" de Defoe: "... (he) excelled all others in dramatizing a story and presenting it as if in actual speech and action before the reader..." (Scott, W. *Miscellaneous Works*, XIX, pág. 41; *Ibidem*, *idem*).

(41) Moore, John Robert. art. cit., pág. 722.

zação social e costumes religiosos. Comentava porém em carta para o Reverendo Hill, que a história de Hans Staden pintava tão bem os usos dos selvagens e revelava tanto das condições dos franceses e portugueses naqueles lugares que lhe parecia vantajoso fazer dêle o verdadeiro herói do capítulo (42). Assim também preferiu ilustrar o início dos desentendimentos entre os colonos e os jesuitas no Paraguai através da história do bispo Cardenas: "... O senhor verá como a história da Cardenas não é um mero episódio, é o comêço da grande luta contra os jesuitas", escrevia em carta de 4 de maio de 1816 (43). Tratou do problema da escravidão dos índios no Maranhão e da luta dos colonos contra os jesuitas através da biografia de Vieira e também a última fase da luta contra os holandeses através da vida e das experiências de João Fernandes Vieira.

Através de uma narrativa personalizada, dir-se-ia que o historiador procura encarnar-se em cada um dos gentes da história. Para Southey, tratava-se mesmo de um dever do historiador. Deveria êle estudar com atenção e procurar compreender todos os móveis de ação dos indivíduos até formar "... uma opinião justa e acurada dos principais personagens". A opinião assim formada pelo historiador "... resultava em geral após análise cuidadosa muito diferente dos traços inicialmente apresentados pelos documentos" (44). Não se deveria deixar levar em seu estudo pelos princípios de uma psicologia teórica, mas esforçar-se por perscrutar-lhes o íntimo: deixar os personagens definirem-se no correr da narrativa, à medida em que vão se descortinando seus sentimentos, feitos e malfeitos. ("... There was an old hatred lurking in his heart", revela Southey de Arsiszewski em relação a Nassau) (45).

---

(42) "... the history of H. Stadt (sic) seemed to me to paint so much of savage manners and to show so much of the state of the Portuguese and French in those parts that more could be gained than lost by making him hero of the chapter" ... (Carta inédita datada de 9 de agosto de 1808, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 15-16).

(43) Carta ao Rev. Herbert Hill, in *Life and Correspondence*, IV, pág. 181.

(44) Carta a John Rickman, datada de 22 de agosto de 1822, in Cabral, A. *Journals*, pág. 106.

(45) *History of Brazil*, I, pág. 565.

Procuravam ambos individualizar vivamente e humanizar os personagens históricos (46). Estudiosos de Scott lembram com frequência que partiu dêle a primeira interpretação realista e historicamente correta da personalidade de Cromwell (47). Em *Woodstock*, Scott humanizou-lhe a figura, apresentando-o com as fraquezas de um ser humano, em contraposição à imagem estereotipada e artificial de um monstro tirânico, corrente na historiografia da época (48). Pequenas peculiaridades humanas caracterizam a personalidade de Luiz XI, em *Quentin Durward*, a de Elizabeth, em *Kenilworth*, a de Jaime I em *The Fortunes of Nigel*. Os indivíduos são retratados em traços muito humanos e pequenos atributos particulares. Ficou famoso o retrato de Claverhouse, feito por Scott em *Old Mortality* (49).

Southey também esforçou-se, embora sem a liberdade do romancista, para reproduzir com vida e força o tipo de seus personagens. O do Capitão holandês Jol, por exemplo:

“...um marujo da velha escola holandesa, rude como os elementos em que passou a vida, desdenhoso de tôdas as artes, os ornamentos e quase as decências da existência humana, vivendo como os seus homens do mar, mas estimado por êles, certos como estavam de que qualquer empresa onde se metesse seria bem planejada e resolutamente cumprida...” (50).

João Fernandes Vieira é apresentado como um tipo concreto, muito humano e, pois, familiar aos leitores:

---

(46) Southey procura definir os motivos de ação de cada personagem que introduz na narrativa com toque muito humano. De João Mendes de Almeida diz que se tratava de “... a commercial man” (*Ibidem*, III, pág. 278) e observa a propósito da conduta da Bartolomeu Bueno da Siqueira: “... this person had gambled away all his substance, and hoped now to retrieve his ruined fortunes by an enterprize for which he possessed the qualifications of intrepidity, activity, and bodily strength”. (*Ibidem*, III, pág. 50).

(47) Munroe, David. “Sir Walter Scott and the development of Historical Study”, *Queen's Quarterly*, XLV, 1938, pág. 219.

(48) Scott, W. *Woodstock*, London, Macmillan & Co., 1906 (“Border Edition”, com introdução de Andrew Lang), págs. 150-152; e págs. 615 e ss.

(49) Scott, W. *Old Mortality*, pág. 125 e o notável episódio das páginas 300-301 que define a personalidade do grande militar.

(50) *History of Brazil*, II, pág. 13.

“...seus designios, êle os concentrara até aqui em seu intimo; a primeira comunicação foi uma tremenda crise; a partir de então êle não seria mais dono de seu segredo; sua vida e sorte estariam postas irrevogavelmente em jôgo, à mercê da veracidade ou discricção dos outros. Êle não poderia deixar de perceber distintamente um tal perigo e certo dia quando a noção do perigo se apresentou a êle mais intensamente do que de costume, recolheu-se ao seu oratório e rezando diante de um crucifixo, deixou que falasse o coração...” (51).

Entretanto, fica bem claro tanto na obra de Southey, como nos romances de Scott, que o seu interesse imaginativo e seu esforço de simpatia não se restringe à ambição de poder dos grandes homens do passado, mas que êstes o prendiam como componentes vivos de uma unidade maior que procuravam abarcar, a sociedade em que viveram, o espirito de sua época. Mesmo como individuos notáveis, os homens do passado haveriam sempre de refletir as tendências gerais de seu tempo. A respeito do exemplo de um João Fernandes Vieira, Southey observava que, a despeito das notáveis características que o distinguiam como lider, não deixava porisso de ser um homem de seu tempo:

“...sua beatice, sua crueldade, suas manhas pertencem à época; sua intrepidez, perseverança, sabedoria, seu elevado e dedicado senso de dever para com a Pátria, pertencem a êle próprio...” (52).

O mesmo acontecendo ao Padre Antonio Vieira, que apesar de sua extraordinária capacidade intelectual

“... acreditava nestas lendas tão completamente como seus ouvintes e a elas se referia como verdades indiscutíveis nos sermões que pregava todos os sabados...” (53).

São, como os personagens dos romances de Scott, integrados na época em que viveram, tornando-se representativos

---

(51) *Ibidem*, II, pág. 69.

(52) *History of Brazil*, II, pág. 171.

(53) *Ibidem*, II, pág. 483.



dela e dos costumes e mentalidade do tempo. O cuidado em descrevê-las não tem como fim o culto dos grandes heróis e das figuras notáveis, pois aparecem antes de tudo como parte integrante de sua época. Os tipos humanos tanto nos romances de Scott como na obra de Southey personificam correntes históricas.

Ricardo Coração de Leão, em *Ivanhoe*, quer fazer a paz e firmar a unidade entre normandos e saxões, mas não pode evitar a sua própria belicosidade e amor à luta, próprios do espírito cavalheiresco da idade feudal em que vivia (54). Na *História do Brasil*, Fernandes Vieira representa a vontade do povo (55) e a determinação dos homens da colônia de lutar contra os holandeses mesmo à revelia da Mãe Pátria (56). Inicialmente, é apresentado como um aventureiro, um homem como outros em busca da fortuna e, que, como os demais, “yielded to the times” e pactuara com os holandeses para defender os próprios interesses. Mesmo no correr das lutas, Southey está continuamente a lembrar que se achava imbuido dos mesmos fanatismos, da mesma crueldade e violência que caracterizava a sua gente (57), tão inclinado a acreditar nas superstições de seus homens como estes a forjá-las (58). Sua atuação é, enfim, “característica do indivíduo e do povo que comandava” (59).

---

(54) Duncan, Joseph E. “The Romantic in *Ivanhoe*”, *Nineteenth Century Fiction*, 1955, pág. 297.

(55) *History of Brazil*, II, pág. 123.

(56) *ibidem*, II, pág. 94.

(57) *ibidem*, II, págs. 81-82.

(58) *ibidem*, II, pág. 114.

(59) *ibidem*, II, págs. 105-106.



## O CONCEITO DO ESPÍRITO DE UMA ÉPOCA — *tipos e anedotas representativos*

Tanto na obra de Southey como nos romances de Scott, a atuação e a personalidade dos grandes homens parece diluída na narrativa pois ambos tinham a preocupação de representar o passado através de um quadro panorâmico e intensivo, pormenorizando uma variedade de interrelações e relatando pequenos incidentes que tinham como representativos dos homens e das circunstâncias de uma época. O conceito do "spirit of an age" norteava o seu estilo de reconstrução do passado.

O racionalismo cosmopolita dos "philosophes" tendia a tomar as características morais de épocas longínquas do passado por atributos normais dos homens em todos os tempos. O conceito do "espírito de uma época" implicava, porém, na consciência da diversidade do desenvolvimento histórico. Herder já o definira em sua obra ao lembrar como o ser humano é moldado pelas condições físicas e morais do meio ambiente. Cada nação teria o seu próprio centro de felicidade, assim como a terra tinha o seu centro de gravidade<sup>(60)</sup>. Procuravam ressaltar a individualidade histórica de outras épocas. Julgavam importante advertir em seus escritos o quanto épocas passadas eram diferentes do presente: rodeados do conforto moderno de seus lares, os leitores, escrevia Scott na introdução a *Ivanhoe*, "... relutavam em imaginar como os seus próprios ancestrais viveram e pensaram de forma muito diferente da sua"<sup>(61)</sup>.

O estudo dos povos primitivos, da interpretação alegórica dos cantos sagrados ou do Antigo Testamento e o interesse de esclarecer as teorias obscuras e sobrenaturais das origens dos povos bíblicos ou clássicos fôra um dos impulsos a engendrar no século XVIII a noção da relatividade histórica,

(60) Berlin, Isaiah. "J. G. Herder", *Encounter*, vol. XXV, JULY 1965, I, parte I, pág. 47 e vol. XXV, august 1965, n.º 2, parte II, págs. 48ss.

(61) "...that the shattered tower, which now forms a vista from his window, once held a baron who would hung him up at his own door without any form of trial; that the hinds, by whom his little pet-farm is managed, a few centuries ago would have been his slaves; and that the complete influence of feudal tyranny once extended over the neighbouring village, where the attorney is now a man of more importance than the lord the manor" (Scott, W. Quentin Durward. *Ivanhoe*. Kenilworth, N. York, The Modern Library, s.d., pág. 399).

contra a tendência uniformista que via nas vicissitudes da história as manifestações universais do homem racional. Homens como Vico, ou como Blackwell e Lowther exortavam os leitores a esquecerem o seu próprio meio e a época em que viviam, a aceitar o estranho e o desconhecido, a fim de compreenderem o espírito das épocas primitivas. “Os primeiros raios na aurora da inteligência humana” não suplantavam a luz brilhante do intelecto. Para se chegar a compreender a fase heroica da juventude da humanidade seria necessário mergulhar em suas profundezas em atitude de participação cordial e de revivência interior <sup>(62)</sup>. Exemplo sugestivo desse esforço foi o de Robert Wood, que publicou em 1765 um ensaio destinado a auxiliar o leitor do século XVIII a imaginar as condições sob as quais foram escritos os poemas homéricos. Descreve, maravilhado, a sua experiência subjetiva ao ler as epopéias no próprio sítio lendário de Troia: pretendia enxergar os horizontes do Mediterrâneo com os olhos de Homero, e afigurar-se o perigo das viagens naqueles tempos remotos; compreender o que parecia romântico para o espírito do poeta, que já não o era para o autor da Eneida. Para que melhor imaginassem os tempos de Homero em que era inexistente a arte da escrita, lembrava aos leitores quão próximos eles próprios estavam de uma época em que nem os grandes estadistas sabiam ler. Que aqueles espíritos, aconselhava êle, ofendidos com a simplicidade dos primitivos, e para os quais a coragem de Aquiles não passava de brutal ferocidade e a sabedoria de Ulisses simples velhacaria, refletissem um instante na analogia entre os costumes dos gregos asiáticos da idade heróica e dos atuais beduinos <sup>(63)</sup>.

Êsses estudiosos de épocas primitivas, no século XVIII, passaram a exaltar a pluralidade de raças e de povos e o sentido de relativismo na história. Épocas e povos não representavam apenas um meio, um elo transitório no aperfeiçoamento do “homem ilustrado”, mas unidades próprias, um meio e um fim em si mesmos. Herder observava em 1783, que o maior mérito de sua época e do seu país era

---

(62) Neff, Emery. *The Poetry of History*, págs. 21ss.

(63) *An Essay of the Original Genius and Writings of Homer* (London, 1765), págs. 179-180; cf. Neff, Emery, *op. cit.*, págs. 30-31.

o esforço sereno de chegar ao sentido original dos poetas antigos, de ouvir sua linguagem divina reincarnada no próprio espírito dos velhos tempos <sup>(64)</sup>.

Um mesmo sentido acurado de fidelidade ao espírito das diferentes épocas norteou a representação do passado nas obras de Southey e nas de Scott. Este último, com a liberdade própria de um romancista, permitia-se mudar ou mesmo acrescentar fatos e carregar as cores dos sentimentos e das paixões descritas em velhos documentos. No entanto, escrevia êle, “jamais haveria de introduzir algo que discorresse dos costumes do tempo”. “... Seus cavalheiros, fazendeiros, pagens e camponeses poderiam ser desenhados com mais nitidez do que nas linhas duras e sêcas de uma velha iluminura, mas o caráter e o costume da época não de permanecer intatos” <sup>(65)</sup>.

Na introdução de 1831, Scott lembrava que o poema *Marmion* fôra acabado muito às pressas para que tivesse oportunidade de corrigir senão de remover algumas das maiores falhas. A que mais o preocupava parecia ser a natureza da culpa de Marmion, pois “embora se achassem exemplos semelhantes nos tempos feudais, não era, todavia, bastante peculiar para definir o caráter de determinado período já que o dêle é um crime mais próprio da era mercantil do que daquêles tempos altaneiros e belicosos...” <sup>(66)</sup>. Certa vez, quando o editor Ballantyne reclamou contra a monotonia dos tipos em *The Fair Maid of Perth*, Scott respondeu com rara intransigência, que não podia mudar o espírito de uma época: “É a monotonia dos tempos heróicos: e há de ser assim a menos que sejam falsificados” <sup>(67)</sup>.

(64) Herders Sämtliche Werke, ed. Suphan, XII, pág. 23; cf. Neff, E. op. cit., pág. 64.

(65) Scott, W. Quentin Durward. Ivanhoe. Kenilworth, (introdução a Ivanhoe), pág. 403. Southey deleitava-se em geral com a fidelidade ao espírito da época feudal que discernia nos poemas e baladas de Scott. As vezes porém criticava lapsos do amigo. Em carta que lhe endereçara em 11 de maio de 1810 aludia a certa “... offense against antiquity” no poema “The Lady of the Lake” (Life and Correspondence, III, pág. 285). E a propósito de certas imitações de baladas antigas que Scott incluíra no *Minstrelsy of The Scottish Border* observava Southey em sua resenha: “... we find in them nothing exclusively characteristic of the age and country in which they were written, since fictions of a similar kind exercised the superstitious faith of the whole of dotting Europe, throughout ages of mental darkness...” (The Annual Review, I (1802), pág. 642).

(66) Scott, W. The Lady of the Lake and Poems, N. York, The New American Library, 1962, pág. 168.

(67) Letters, X, pág. 382; cf. Moore, John Robert, art. cit., pág. 718.

Este conceito, tão central na visão histórica de Southey e de Scott, e que remontava a Burke, aspirava a uma totalidade: antevia conexões entre a estrutura social e a política, entre a atmosfera de uma época e a sua poesia. Meinecke faz alusão ao princípio da estética neo-platônica de Shaftesbury, da harmonia das partes num todo, como raiz do novo sentido orgânico de conhecimento histórico no pré-romantismo inglês<sup>(68)</sup>. Coleridge, em um artigo para *The Friend*, periódico efêmero por êle fundado, exprimiu em linguagem filosófica o mesmo conceito de seus companheiros. Julgava êle que tôda a variedade de fatos e de profusão de pormenores do passado configurava-se num todo diferente em cada etapa ou estágio de crescimento da humanidade, e que era função do historiador chegar, através da revivência desta variedade e profusão de pormenores, à “idéia unificadora” ou “idéias unificadoras” que se sucediam na diversidade da história, sempre porém mantendo uma unidade transcendental ou unidade de processo histórico<sup>(69)</sup>. O conceito caracteriza a amplitude de horizontes, descerrados por uma enorme variedade de leitura nos mais diversos domínios, que marcou a formação de Coleridge, assim como a de Herder, incentivando tendência a perceber através da analogia nos mais diferentes campos a convergência de peculiaridades que dão o “estilo” ou o “espírito” próprio de uma determinada época da história<sup>(70)</sup>.

O conceito implicava em regras especiais de trabalho para o historiador<sup>(71)</sup>. Uma das preocupações de Scott

(68) Meinecke, Friederich. *Die Entstehung des Historismus*, Munchen und Berlin, Verlag von R. Oldenbourg, 1936, I, pág. 263.

(69) Freyer, Robert. *Bentham, Coleridge and the Science of History*, pág. 22.

(70) Em carta de 30 de setembro de 1799, Coleridge pedia a Southey que lhe enviasse “... Herder's Ideas for the History of the Human Race — I do not accurately remember the German title...” (*Collected Letters of Samuel Taylor Coleridge*, ed. por Earl Leslie Griggs, Oxford, Clarendon Press, 1956, vol. I (1785-1800), pág. 535. Em carta de 2 de setembro de 1802, comentava com Southey as idéias de Herder sobre a ressurreição de Cristo no livro “*Von der Auferstehung, als Glauben, Geschichte & Lehre*” (*Ibidem*, II vol. (1901-1806) págs. 961-862).

(71) Em seu livro sobre *O espírito da Poesia Hebraica*, Herder procurou captar o espírito da época através das peculiaridades de linguagem e da mentalidade. Tratava-se de uma investigação imaginativa e sutil, procurando distinguir os valores essenciais do accidental. Com o estudo da derivação das palavras e do uso de metáforas, chegou a desenvolver verdadeira arte de redescobrimto do espírito e da lógica dos homens dos primeiros tempos. (*Herders Sämtliche Werke*, ed. Suphan, XI, págs. 231-23.; cf. Neff, E. op. cit., pág. 63). (Chateaubriand, no prefácio de 1809 aos *Mártires*, define uma orientação menos complexa, porém igualmente sugestiva, ao explicar que por vèzes “... introduzia nos discursos dos personagens, uma palavra, um pensamento extraído das fontes, não como modelos de beleza e gesto dignos de citação, mas por fixarem de modo peculiar as características dos homens da época” (Apud Neff, E. op. cit., pág. 117).

como romancista era de criar tipos representativos das tendências, da mentalidade e do clima de um determinado período: aventureiros e ex-soldados mercenários como Pearson, em *Kenilworth* ou Craigengelt em *The Bride of Limmermoor*, representativos do espírito comercial, da política fria e maquiavélica dos grandes exércitos dos tempos modernos; tipos como Mc Ivor ou Rob Roy, representativos do heroísmo cavaleiresco e das virtudes feudais dos clãs escoceses; puritanos exaltados como o velho David Deans em *The Heart of Midlothian* ou Bridgenorth em *Peeveril of the Peak*, representativos do fanatismo religioso, que tanta influência exerceu na história da Inglaterra e da Escócia do século XVII. Tratava-se para Scott de fonte criadora essencial, com a qual Southey, na sua qualidade de historiador, não poderia contar. No entanto, embora sem a liberdade imaginativa de criar tipos representativos abstratos, o historiador do Brasil demora-se a estudar a biografia e a traçar com vida e pormenor os retratos psicológicos de certos homens, quando se lhe afiguram particularmente ilustrativos de determinados aspectos da vida da colônia e do espírito da época.

O espírito de aventura e a ambição do ouro pareciam-lhe características de essencial importância na história da colônia.

“... Nunca se viram homens tão sedentos de ouro como os primeiros descobridores de minas: eles não se estabeleceriam na Flórida, só porque as não achavam aii. Nunca deixariam sua terra de origem, formosa e fértil, assim o diziam, para se fazerem simples labregos. E nem renunciariam a ela, como o fizeram os antigos bárbaros do norte, quando largaram as suas sob o pretexto de que era incapaz de sustentá-los. A avareza foi assim notoriamente a paixão dominante naquela gente...” (72).

Dai a ênfase especial em personagens como Caboto ou Cabeza de Vaca, figuras típicas do espírito aventureiro, da ambição, da pertinácia e da crueldade dos conquistadores. Dai também o interesse especial em analisar, por exemplo, a figura de Mendoza: Parecia-lhe banal, que um homem que nada tivesse a perder expusesse facilmente a vida, mas

(72) *History of Brazil*, III, págs. 51-52.

que um cavaleiro de Cadiz e fidalgo do Paço Real, como Don Pedro de Mendoza, arriscasse riquezas tais que bastariam ao mais intemerato aventureiro e, sonhando com novos Méxicos e Cuzcos, tudo jogasse numa concessão de terras que se estendiam entre o Prata e o Estreito de Magalhães era “... um dos muitos indícios de quanto era generalizado e poderoso então o contágio do espírito da aventura” (73). No intuito de analisar, por outro lado, o espírito da missão cristianizadora dos jesuitas, Southey revive como representativa, por exemplo, a personalidade e a vida de fé e sacrifício do missionário Baraza (74).

Captar a “côr do tempo”, através de nuances que transmitissem a atmosfera própria do espírito de determinadas épocas, era o objetivo mór do historiador. Procurava, através de múltiplos aspectos, definir o espírito da era mercantil, que presidira à história do Brasil desde os tempos do descobrimento: era a idade de um “louco espírito de iniciativa” (75), em que “dificuldades e riscos” eram desprezados para se chegar às especiarias (76); eram os tempos em que “a vileza habitual de um velho descobridor” exercia uma tirania diabólica sôbre os povos selvagens (77). A idade dos aventureiros do mar, dos piratas “extremamente religiosos em sua devoção, levavam constantemente nos lábios o nome de Deus” (78) — e, ainda assim, crueis:

“a forma de guerra marítima naqueles tempos era mais atroz ainda do que a dos antigos Vikings; o vencedor geralmente condenava à morte seus prisioneiros e, na maioria dos casos, em circunstâncias que se revestiam de uma iníqua crueldade...” (79).

Época em que se generalizou o “feroz sistema de luta que os europeus praticavam na América” (80), e também da “desperate enterprize” dos paulistas, “contemporâneos:

---

(73) *History of Brazil* I, págs. 57-58.

(74) *Ibidem*, III, págs. 196-206.

(75) *Ibidem*, I, pág. 455.

(76) *Ibidem*, I, pág. 51.

(77) *Ibidem*, I, pág. 38.

(78) *Ibidem*, I, pág. 366.

(79) *Ibidem*, I, pág. 276.

(80) *Ibidem*, I, pág. 301.

da mesma têmpera dos Bucaneiros” (81). Idade do Comércio, idade da escravidão: a obsessão do ouro tornava desprezível o trabalho da agricultura, de onde o estado de dependência “...chegando a um grau de extremo desamparo”, em que viviam os colonos em rela o aos escravos (82). Idade enfim, da Conquista —, que se fez “...no espírito daquela política desatinada que tem por objeto principal o lucro imediato” (83).

Em contraste, esta era também a idade da Contra Reforma. Subsistia um pouco das cruzadas da época feudal, ao lado das jesuítas cujo fim único era o lucro e a especula o: os jesuítas, a conversão, a luta contra o infiel (84). A obra de civiliza o dos selvagens, assim como o sistema “de idolatria e supersti o” da igreja católica, eram aspectos importantes e característicos dos tempos coloniais.

Empenhado em colorir o “espírito da época”, comprazia-se o historiador do Brasil, por exemplo, na curiosa coexistência, nos primórdios da coloniza o, de nuances feudais e do novo espírito comercial (85). As lendas e comentários de antigos cronistas, testemunhas vivas dos acontecimentos narrados, ofereciam, como fontes, incomparáveis vantagens sôbre os compiladores modernos, pois “...transmitiam com justeza, até onde o espírito do tempo agia sôbre a comunidade”, ao passo que os outros tinham em geral o prisma distorcido (86).

Buscavam exercitar na leitura de cr nicas, de documentos, um treino peculiar de sele o de anedotas representativas de circunstâncias e de fatos singularmente ilustrativos dos usos e da mentalidade da época. As anedotas representativas tinham como finalidade captar “os princípios

(81) *History of Brazil*, II, pág. 668.

(82) *Ibidem*, II, págs. 137 ss; 644, etc.

(83) *Ibidem*, I, pág. 320

(84) “...the Jesuit saved Piratininga; their disciples marched out under the banners of the church, and fighting like the first Saracens, in full belief that paradise was to be their reward, their zeal was invincible” (*Ibidem*, I, pág. 285).

(85) Como, por exemplo, as lendas do Eldorado, “chamarizes para a cupidez mais vulgar” e, no entanto, “claramente derivadas dos romances do Amadis e do Palmerim...” Uma história que reunisse e estudasse tôdas estas lendas parecia a Southey de singular interesse para a compreensão do “espírito da era mercantil”, que presidiu   história do Brasil desde os primeiros tempos. (*History of Brazil*, I, pág. 373).

(86) (Southey, R.) “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, *Quarterly Review*, vol. 75 (julho de 1828), pág. 210.



em fermentação” e os “traços insulares” de uma época (87). Eram também “recreativas”, como dizia Southey, destinando-se a dar vida e a tornar divertida a narrativa (88).

Assim é, que não poderia omitir certas anedotas sobre o mulato fôro Domingos Fagundes —, por serem “...dema-siado típicas da lei e da moral da época” (89); assim como certas lendas e, fábulas da mitologia católica “...sem as quais o sistema e o caráter dos jesuitas e da igreja a que eles pertenceram não ficariam bem representados” (90). São do mesmo gênero as anedotas, entremeadas à narrativa da campanha contra os holandeses, sobre o fanatismo religioso dos guerrilheiros. Estes “incidentes típicos” são em geral muito sugestivos de preconceitos comuns a Southey (91) e a Scott, e, aliás, próprios do liberalismos da época, contra a religião católica e o sacerdócio de Roma (92).

“Particularmente característica do espírito dos tempos, das circunstâncias do Brasil e da mortal superstição da terra”, pareceu a Southey, um episódio onde se mostra como, estando os pernambucanos junto ao fogo, viram uma imagem de Nossa Senhora começar a suar e interpretaram o

(87) Carta a John May datada de 16 de dezembro de 1800, in Cabral, A. Journals, págs. 144-5.

(88) “...The first volume of the History of the Mother Country will be one of the most amusing books that has ever appeared — so rich will it be in incident characteristic anecdotes and matter of costume...” (Carta inédita ao Rev. Hill, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, f. 5). Cite-se como passagens ilustrativas do que Southey entendia por anedotas recreativas: *History of Brazil*, I, pág. 305; II, págs. 255, 639, etc).

(89) *History of Brazil*, II, pág. 92.

(90) *Ibidem*, II, pág. 278.

(91) “...the Religion of the Romish Church contents itself with the husk of superstitious ceremonies and the chaff of superstitious works, and supports its empire by the boldest arts of impudent imposture...” (*Ibidem*, II, pág. 245).

(92) A questão Católica que agitou o parlamento em seu tempo contribuiu sem dúvida para essa atitude. Em certa passagem de um romance que focaliza a “conspiração papista” de 1678, um dos personagens de Scott refere-se sugestivamente à religião católica: “...I have seen Popery too closely to be friendly to its tenets. The bigotry of the laymen — the persevering arts of the priesthood, the perpetual intrigue for the extension of the forms without the spirit of religion — the usurpation of that church over the consciousness of men — and her impious pretensions to infallibility, are as inconsistent to my mind as they can be to yours, with common sense, rational liberty, freedom of conscience, and pure religion” (Scott, W. *Peveril of the Peak*, London, Macmillan & Co., 1908, (border edition com introd. de Andrew Lang, pág. 283). No entanto, as formas do catolicismo são um tema central tanto na *História do Brasil* e na obra poética de Southey, como na obra de Scott. V. Ranken, T. E. “Sir Walter Scott and Medieval Catholicism”, *Month*, 1903, pág. 33.

fato como uma ordem divina para que os prisioneiros holandeses — “herejes obstinados e incorrigíveis” — fossem queimados vivos (93).

De igual maneira, nos romances de Walter Scott, a narrativa é constantemente entremeada de anedotas representativas, como certos personagens, dos costumes, da mentalidade, dos homens e do meio em que vivem. No romance *O Antiquário*, o autor descreve a cabina de velha Elspeth antes que Lord Glenallan aí chegasse para sua dramática entrevista, a fim de ilustrar para os leitores os rituais fúnebres de um pescador escocês (94).

No romance *Kenilworth*, ilustra o espírito ainda eferescente da Reforma na época da rainha Elizabeth através das desconfianças alimentadas por um personagem, de que seu misterioso hóspede fôsse um “papista” disfarçado (95). Em *Old Mortality*, representa a sobrevivência em pleno século XVII do antigo espírito cavalheiresco, no duelo entre Balfour, o fanático líder da sublevação religiosa dos “cameronians” e o militar inglês, descendente de Bothwell (96). O espírito danado de beatice e superstição, reinante nos confins da Escócia é ilustrado no romance *The Bride of Lammermoor* através do episódio das bruxas ou o da morte de um corvo (97).

Estas são características laterais, comuns tanto ao estilo de Southey como ao de Scott — mas a essência desta arte de comunicar o espírito de uma época do passado consiste em descrever as inter-relações do personagem histórico, seus sentimentos e peculiaridades íntimas, sua mentalidade, seus hábitos e costumes, com o meio em que vive, a paisagem e as idéias gerais próprias de seu tempo e dos indivíduos com os quais convive. Para que os personagens históricos possam ser vistos perfeitamente integrados em sua época, torna-se necessário representar em traços, ao mesmo tempo panorâmicos e particularizados, o quadro completo da autenticidade histórica de uma fase do passado. Este ensaio de

(93) *History of Brazil*, II, pág. 127.

(94) Scott, W. *The Antiquary*, London, Macmillan & Co., 1901 (“border edition”, com introdução de Andrew Lang), págs. 409-411.

(95) Scott, W. *Quentin Durward*. Ivanhoe. *Kenilworth*, pág. 780.

(96) Scott, W. *Old Mortality*, pág. 165.

(97) Scott, W. *The Bride of Lammermoor*, London, Macmillan & co., 1908. (“border edition”), págs. 323-327.

reviver uma multiplicidade de aspectos e inter-relações explícita o tom épico dos romances de Scott e da *História do Brasil de Southey*. Analisando a contribuição do autor de *Waverley* para o gênero do romance histórico, realçou Lukacs a encarnação artística global da autenticidade histórica de um fragmento do passado, que caracteriza cada um dos romances de Scott (98).

A côr do tempo, isto é, às nuances de idéias e mentalidades próprias de uma época, acrescentaram em suas obras a côr local. A própria expressão do conceito evocava Montesquieu e, ao procurar re-encenar a história, trazê-la de volta aos olhos do leitor, através de quadros vivos, não sômente do espírito, mas também da paisagem em que os homens viviam e dos usos e costumes que lhes eram peculiares, hão de refletir a influência de sua obra, ao mesmo tempo em que acrescentavam a ela o novo tom da narrativa romântica.

Quanto mais remota a época, mais o historiador se vê forçado a trazer de volta as condições de vida dos homens que nela viveram, a fim de não encarar uma certa moral ou uma psicologia peculiar apenas como mera curiosidade histórica — e para poder tornar a vivê-la em si mesmo, como uma fase do desenvolvimento da humanidade que lhe diz respeito. A ênfase na côr local decorria, pois do conceito mais amplo do “espírito de uma época”.

#### *A CÔR LOCAL e a integração do meio-ambiente no processo histórico.*

Em carta de 6 de agosto de 1809, Southey comentava com Walter Scott as vantagens com que contava para narrar em sua *História da Guerra Peninsular*, a desastrosa retirada de Sir John Moore através dos campos da Galícia; visitara pessoalmente o local, andara longamente a pé pelo sítio e a lembrança das redondezas permanecera vivida em sua mente (99). Quando em 1800, idealizou o projeto de uma História de Portugal, dispoz-se a ir passar um ano no país a fim de adquirir o “conhecimento topográfico” de cada cidade ou

(98) Lukacs, G. *The Historical Novel*, pág. 43.

(99) *Life and Correspondence*, vol. III, pág. 249.

sítio famoso; o contato direto, a experiência viva eram condições indispensáveis para o historiador, escrevia em carta para um irmão <sup>(100)</sup>.

A correspondência em grande parte inédita de Southey com seu tio, o capelão da feitoria inglesa em Lisboa, orientador de suas pesquisas históricas, evidencia seu trabalho de buscar nos manuscritos, pois os viajantes eram raros, descrições de cada uma das regiões e dos locais da América do Sul de que tratava <sup>(101)</sup>. Ao introduzir um novo assunto, procura invariavelmente recriar ante os olhos com a mais pormenorizada e viva realidade, o meio em que se movimentam seus personagens. Embora não tivesse experiência real e conhecimento pessoal dos lugares sobre os quais escrevia, como Scott tinha dos vales e montanhas da Escócia, apresenta descrições e paisagens cheias de vida e de um colorido por vezes notável como a dos pantanais do Xarayes <sup>(102)</sup>, ou a Foz do Iguassú <sup>(103)</sup> a propósito de Cabeza de Vaca e a do Rio São Francisco a respeito <sup>(104)</sup> da perseguição de Bagnuolo por Nassau <sup>(105)</sup>.

---

(100) Carta para Thomas Southey, datada de 23 de março de 1800, in Cabral, A. *Journals*, pág. 68.

(101) Em carta inédita de 10 de novembro de 1808, pedia ao tio que lhe enviasse descrição "das quedas do Paraná" para que as inserisse ao corrigir as provas (Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 24); em 27 de março de 1809, escrevia que já aproveitara "...weaved into the text..." o manuscrito da descrição do Iguassú (f. 28); em carta de 26 de maio de 1809, com sua peculiar diligência, contrapunha testemunhos contraditórios sobre a barra do Camamú (ff. 39, 40). Em outra carta, de 31 de agosto do mesmo ano, escrevia ele: "...My authority about the Paraguay is your NOTÍCIAS DO LAGO XARAYES — by some nameless traveller who drew up his narrative for the Academy. I have recalled what is written with the original, and have certainly made no mistake on my part. The question there is whether this authority is to be relied on-if you think it is not, I will either cancel the leaf, or state in a note the contrary opinion..." (ff. 45, 46).

(102) *History of Brazil*, I, págs. 132-133.

(103) *Ibidem*, I, págs. 111-112.

(104) *Ibidem*, I, págs. 533-535.

(105) Ou a descrição do Campo dos Parecis entre os rios Sararé e Guaporé: "...These Campos are a succession of sandy downs in long ridges, one higher than another, and of very gradual ascent. The soil is so loose that horses sink over the fetlock at every step; and when they attempt to crop the plants which grow there, the roots come up with the stem, and their teeth are filled with sand. The tract ends in a chain of mountains of the same name, which extends some eight hundred miles in a N.N.W. direction. Thirsty as the soil is, it is every where intersected by streams, along the course of which the horses find subsistence during the difficult passage..." (*Ibidem*, III, pág. 312).

Consciente das desvantagens que lhe advinham do fato de nunca ter visitado o Brasil, Southey recorrera ao auxílio de Henry Koster, que se dispusera a traduzir sua obra para o português. Em carta de 3 de junho de 1815, voltava ao assunto: "...O senhor provavelmente poderá corrigir certos erros da minha obra, que os maiores cuidados não podem evitar quando se carece do conhecimento local..." (106).

A vida e o colorido de suas descrições decorrem em parte do seu grande fascínio pela paisagem tropical. Revestem-se frequentemente de um encantamento exótico. A foz do Iguassú, por exemplo, é apresentada como o "...refúgio de inúmeros pássaros igualmente notáveis pelo esplendor da sua plumagem e pela doçura de seu trinado. Ali abundava também o jaguareté ou leopardo da América do Sul..." (107). Em outra passagem, descreve, maravilhado, a floresta enguirlandada, cerrada por cipós, até tornar-se intransitável, e a folia dos macacos em meio ao cordame selvagem (108).

No que se refere a Scott, é bem conhecida a sua devoção e verdadeira identificação com a paisagem escocesa — sentimento inalienável da encenação dos acontecimentos em seu romance. "A natureza", diria ele do "border escocês", "como se tivesse destinado essa porção de terra a constituir a barreira entre duas raças opostas, marcou-a com o sêlo da desolação e da rudeza" (109).

O nacionalismo da época exaltava o sentimento local; o entusiasmo pela natureza, a idéia de que paisagens, rios, montanhas, geravam povos e heróis, vinha realçar ainda mais a relação dos homens com o meio geográfico. Não se pode esquecer que eram contemporâneos, companheiros de Wordsworth, o poeta por excelência da natureza. Não é de estranhar que um sentimento tão vivo da natureza, como o que existiu nesta época, viesse acrescentar algo de novo e de mais sensível à interpretação racionalista das relações dos povos com seu meio-ambiente.

---

(106) Carta para Henry Koster, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 178 (1943), pág. 46.

(107) *History of Brazil*, II, pág. 320.

(108) *Ibidem*, I, pág. 321.

(109) Scott, W. *Guy Mannerling*, London, Collins, 1961, pág. 157.

Motivações subjetivas, embora diversas, a influir sobre as obras de Southey e de Scott, concorriam para o mesmo cuidado de correr meticulosamente o cenário na revivência dos fatos do passado. A encenação de uma batalha constituía-se em arte especial. Walter Scott demorava-se nas vistas acidentadas da Escócia, considerando com sua alma de nativo, cada pormenor do terreno — como em *Old Mortality*, ao encenar famosa batalha entre os soldados ingleses de Claverhouse e os fanáticos presbiterianos escocôses rebeldes:

“... Agora eles se achavam por mais de uma hora livres das brenhas, que, interrompidas por clareiras, os tinham acompanhado por algum tempo depois que deixaram o bosque de Tillietudlem. Umás poucas árvores — bétulas e carvalhos — ainda enfeitavam as estreitas varzeas ou, em pequenos manchas, se incrustavam nas depressões do brejo. Mesmo essas porém iam desaparecendo aos poucos e um campo vasto e ermo se estendia agora diante deles, entumescendo-se às vèzes em morros nus, separados por galerias fundas que eram as passagens por onde as correntes forçavam o curso no inverno e, no verão, eram os desproporcionados leitos de minúsculos arroios a correr por entre areias e seixais. Da crista da montanha que a Real Guarda escalara, descia-se (na vertente oposta àquela por onde tinham subido) por um declive suave de mais de um quarto de milha, oferecendo um terreno, que, embora desigual, em diversos pontos, não era, contudo, desfavorável às manobras de cavalaria até se chegar à baixada onde começava uma planície pantanosa, atravessada em tôda extensão por verdadeiros fossos... Junto ao sopé e como a defender a quebrada e trincheira que lhes escondia as cabeças, o corpo dos insurretos parecia reunir-se com o fito de aguardar batalha” (110).

Faltava ao historiador do Brasil a familiaridade do patriota e nativo. Mas nem porisso a imaginação do historiador deixava de esboçar o mais realisticamente possível, o cenário das lutas ou das escaramuças do Norte contra os holandêses.

---

(110) Scott, W. *Old Mortality*, págs. 163-167.

“...O outeiro (dizia êle, descrevendo o Monte das Tabocas) tomara o nome de certa espécie de canas, grossas e espinhosas, que assim se chamavam. O rio Tapicura, que é uma breve corrente, a não ser, como agora, na estação das chuvas, corre perto para o este: um terreno plano estende-se para o sul e cêrca de meia milha de lago, jaz entre o rio e uma capoeira...” (111).

O re-encenamento de uma época passada, envolvia de perto a sensibilidade histórica pelos usos locais. As descrições dos sentimentos e costumes de homens, bem integrados na paisagem em que viviam, acrescentavam, ao mesmo tempo em que completavam, o colorido local. Tanto Southey como Scott marcaram dêsse modo uma tendência inovadora de concretizar a vida do passado, reproduzindo-a com realismo. Os índios das reduções de Chiquitos, escrevia Southey,

“...viviam em clãs, separados um dos outros e a grandes distâncias, de modo que o espaço intermediário era usado em comum por todos para a lavoura, a caça, a pesca, as colheitas de mel. Só eram cultivadas as terras montanhosas e ali plantavam milho, mandioca, batata doce, feijão, frutas, usando nessa agricultura uma espécie de enxada de madeira...” (112).

Pintou em sua obra os pormenores das construções, das vestimentas, das procissões e vida social nas reduções jesuíticas (113). Suas descrições de costumes, como a da transformação dos hábitos dos Guaicurús com a introdução do cavalo (114), ou os hábitos do vaqueiro espanhol (115) tinham vida e colorido dramático. A mesma arte dos pormenores pitorescos, com que Scott descreve festas e rituais antigos, como a dos jogos competitivos entre os jovens de uma aldeia do sul da Escócia, em *Old Mortality* (116), ou em *Kenilworth*, a grande festa oferecida à rainha Elizabeth pelo

---

(111) *History of Brazil*, II, pág. 105.

(112) *Ibidem*, III, pág. 170.

(113) *Ibidem*, II, págs. 338 ess.

(114) *Ibidem*, III, págs. 377, 414-5; 437, etc.

(115) *Ibidem*, III, pág. 421.

(116) Scott, W. *Old Mortality*, págs. 36 ss.

seu favorito o Conde Leicester <sup>(117)</sup>, aparece na *História do Brasil*, quando Southey revive as peculiaridades dos festejos da sociedade colonial. Ao re-encenar, por exemplo, as apresentações dramáticas e oratóricas, as danças, as iluminações e a ação de graças nas reduções, quando das comemorações do centenário da Companhia de Jesus <sup>(118)</sup> ou, em outra passagem, as solenidades em Recife, quando a notícia da restauração em Portugal foi anunciada diante da residência de Nassau:

“... Destinaram-se três dias consecutivos para o regozijo popular; o primeiro dia foi dedicado aos jogos à moda portuguesa, cavallhadas, argolinhas, canas e batalhas de Alcanzias que eram umas bolas de barro ocas, onde metiam flôres, cinzas ou pólvora, espécie de granadas de mão, de entrude, cujo nome já sugere uma origem sarracena; o segundo dia foi o da festa flamenga; um jantar magnifico foi oferecido pelo conde Mauricio a cavalheiros das duas nações e sexos, e a ordem era esta, que quem errasse no brinde deveria beber outra vez; no terceiro dia renovaram-se os exercícios equestres e tudo foi rematado com uma ceia pública...” <sup>(119)</sup>.

Southey sentia a mesma atração especial de Scott pelas superstições primitivas. O impacto causado pelo realismo de certas figurações, como a do culto do diabo dos Manacicas <sup>(120)</sup>, lembram as incantações de Meg Merrilies (*Guy Mannering*) ou o vulto sombrio de Norna of Fitful Head (*The Pirate*). Era como o mesmo prazer com que Scott descrevia a vida das comunidades simples das Ilhas Órcadas ou os hábitos de vestimentas, alimentação e meios de locomoção de um lar burguês como Monkbarns, em *The Antiquary*, que Southey pintava na *História do Brasil*, certos hábitos

---

(117) Scott, W. Quentin Durward. Ivanhoe. Kenilworth, págs. 1029-1035. 1047, etc.

(118) “... At one place six hundred triumphal arches were erected by the Indians, and decorated with all the ornaments and good things which they were now celebrating. At a second, there was a boat race upon the Parana by torch light; at a third a troop of military dancers bore on their shields the letters which composed the name of Loyola, and in the evolutions of the dance frequently halted in such order that the letters displayed some anagram, a sort of trifling then in full fashion, and on such occasions aptly introduced. At another, a play was performed, of which the subject was an irruption of the Paulistas, who were of course properly defeated and punished...” (Southey. R. *History Of Brazil*, II, págs. 331-332).

(119) *Ibidem*, II, pág. 2.

(120) *Ibidem*, III, págs. 182-187.



dos colonos portugueses. Por exemplo, a moda francêsa das vestimentas dos homens, acrescida de complementos supersticiosos:

“... Um cavalheiro que viajava para fora levava um rosário na mão e uma pequena imagem de Santo Antonio suspensa ao pescoço ou amarrada no peito, uma longa espada pendurada de um lado e um punhal de outro. O preto era a côr dominante...” (121).

Ou os hábitos de indolência: os moradores de Salvador consideravam aviltante andar à pé e a declividade das ruas impedia as carruagens, daí o costume de passear nas serpentinhas:

“... era uma rede pendurada em um varal, sôbre a qual ia o cavalheiro reclinado, com um dos pés relaxadamente caído para o lado e a cabeça sôbre uma esplendida almofada. Um escravo assistia-o com um guarda-sol...” (122).

Descreve os hábitos de devoção que, segundo êle, atingiam as raias do fanatismo, ora através de uma vista da Paraíba, com numerosos conventos, que pormenoriza (123), ora através dos costumes das procissões. Quando da guerra dos Mascates, a multidão invadia Recife segundo o uso característico do povo”: os magistrados e os religiosos dos conventos

“... abriam o préstito levando a imagem da Senhora do Rosário; depois vinha uma fileira de crianças rezando o terço, que era então a devoção em moda no Recife; em seguida surgia a multidão armada, já despojada dos ornamentos de gala, que antes tinham sido exibidos com ostentação e com os pés descalços. Dêsse modo, dirigiam-se para a praça...” (124).

A historiografia da Ilustração pensara em substituir reis, batalhas e datas por descrições de costumes, hábitos, idéias e instituições. Não chegara porém a realizar seu intento de modo completo (125). Em sua *História da Inglaterra*, Hume

(121) *History of Brazil*, II, pág. 677.

(122) *Ibidem*, I, pág. 678.

(123) *Ibidem*, I, pág. 501.

(124) *Ibidem*, III, pág. 92.

(125) Gladys Bryson, *Man and society: the Scottish Inquiry of the 18th Century*, pág. 106.

separou o material em capítulos à parte, repletos de generalizações e esboços comparativos (126). Manejava-se sem cessar o material abundante da literatura de viagens, que incentivou no século XVIII as especulações em torno dos costumes e estágios das sociedades. Embora viessem de fato acrescentar o frescor das observações pessoais ou dos testemunhos diretos às considerações teóricas dos racionalistas (127), Southey e Scott não se limitaram à enumeração de costumes típicos, bem delimitados num certo grupo ou região. Aliás, não seriam as descrições de costumes em si, de longa data presentes na historiografia (128) e nos romances de costumes do século XVIII, que constituiria uma inovação na narrativa histórica, mas a maneira pela qual, no reviver o panorama global de uma época passada, os hábitos característicos e os costumes normais dos homens são abarcados e entranhados na urdidura dos fatos, aparecendo com todo impulso de vida e movimento, como parte do todo que se procura reviver. Eles acrescentaram o sentido histórico à tradição da narrativa dos romances de costumes de Fielding e Defoe.

Esta fase de transição dos inícios do século XIX foi um período de enriquecimento da historiografia, para o qual muito contribuiu a busca das características marcantes do “espírito de uma época”. A sua tendência para colorir o tempo, definindo mentalidades peculiares, daria origem à história das Idéias; o colorido local viria também enriquecer a interpretação dos fatos históricos, pois não tratavam somente de encenar as paisagens, as moradias, os hábitos e costumes dos homens do passado, como se fossem apenas pintar um quadro puramente descritivo. Focalizaram as interrelações dos homens com o seu meio ambiente e estas

---

(126) Fueter, E. *Hist. de la Historiografía Moderna*, II, pág. 40.

(127) “...Scott's sociology, unlike that of the Utilitarians, has all the zest and freshness of actual observation; his facts have often been gathered in the saddle, verified with his own eyes and ears, as in *The Pirate*”. Forbes, Duncan, art. cit., pág. 31.

(128) Certos medievistas como Joseph Strutt —, que Scott cita com frequência —, ou Joshua Barnes — cuja história de Eduardo III Southey elogia pela “...fullness and minuteness of detail” — foram precursores do gosto dos românticos pela história social, embora suas obras não passassem de “repertórios de costumes”. Faltava-lhes o sentido do desenvolvimento e a capacidade de concatenar os fatos numa narrativa fluente. (V. Peardon, Thomas. *The Transition In English Historical Writings*, pág. 157). É nesse sentido que, em sua resenha da obra de Barante (art. cit., pág. 4), Southey critica o estilo de Barnes e Scott o de Strutt, na introdução de 1817 a Ivanhoe. (Scott. W. Quentin Durward, Ivanhoe, Kenilworth, pág. 401).

implicavam movimentos de transação e influências mútuas. Na reconstrução da vida dos homens do passado, tomaram consciência de condições e fatores independentes da vontade dos homens: a geografia, o clima, as condições econômicas, movimentos desencadeados na sociedade que arrebatavam em seu curso destinos desprevenidos. “Tanto os homens, quanto os povos”, escrevia Southey, “se acham expostos a males que resultam, não dos seus êrros, mas de suas posições... das circunstâncias em que se acham e que não podem dominar” (129).

Reconheciam o quanto os homens na história são vulneráveis a circunstâncias que não procuraram nem poderiam evitar e “que os impelem por vêzes a direções que não são as de paz e alegria” (130). Os grandes acontecimentos da Revolução Francêsa a que assistiram em sua juventude e que conturbaram a vida de todo um continente, a instabilidade social de seu próprio ambiente na Inglaterra haveria de marcar na literatura de seu tempo a idéia romântica do homem sujeito à fatalidade e quase perdido de si mesmo. “... Os muitos navios, de tantas espécies diferentes, destinados a fins tão diversos, que são lançados no oceano imenso, ainda que tentem cada qual seguir seu próprio rumo, acham-se mais influenciados em cada caso pelos ventos e correntes que são comuns ao elemento onde trafegam, do que pelos fins a que se destinam” (131). O mesmo impulso levou-os como historiadores a tomar consciência da atuação das “circumstances of society and of external nature”, como diria Southey, e a procurar estudar sua influência nos destinos históricos dos povos.

“... A rapidez com que a civilização degenera num meio desfavorável é fato largamente comprovado pela história” (132), escrevia o historiador do Brasil, em carta de janeiro de 1806 a um amigo, a propósito dos sofrimentos e da degeneração física e moral dos primeiros colonos no Novo Mundo. Por quanto saudável fôsse o clima do Brasil,

---

(129) Southey, R. *Sir Thomas More: or, Colloques on the Progress and Prospect of Society*, London, John Murray, MDCCCXXXI, I, pág. 198.

(130) *Ibidem*, I, pág. 197.

(131) Scott, W. *The Monastery*, London, Macmillan & Co., 1907, (“border edition”), págs. XXXVII - XXXVIII.

(132) Carta a John Rickman, in *Life and Correspondence*, III, pág. 17.

haveria de “manifestar-se nocivo para pessoas que formaram sob outra temperatura o seu modo de ser e de viver” (133). Acompanhou com interesse especial o processo de caldeamento de raças e o surgir de um tipo humano mestiço, completamente novo, do contato de europeus com selvagens, fator de essencial importância para a adaptação ao novo clima e para o sucesso da conquista da terra (134). Ressalta, a propósito dos holandeses em Pernambuco, que padeceram menos do que os portugueses e do que qualquer outro povo padecera: devido “aquela obstinada atração pelos baixios e águas paradas, que custara tantos milhares de vidas em Batavia, faziam construções em tôda parte, nas planices, nos brejos...” pouco estranhando a natureza e o clima (135).

Em Scott, a estreita relação entre o meio e o indivíduo, completado por um nativismo apaixonado, expressa-se a cada página de seus romances do ciclo escocês. O caráter escocês, forjado na natureza árida e enrijecido pela adversidade, assemelhava-se sugestivamente “... ao sicamoro nativo de suas colinas, o qual não se deixa influenciar no seu modo de crescer, mesmo pela ação contínua dos ventos, mas ao contrário estirando seus galhos com a mesma audácia em todos os sentidos não fraqueja ante a tormenta. Quebrá-lo é possível. Vergá-lo nunca...” (136). Esta conexão íntima entre o homem e a natureza, revela-se de modo singelo e espontâneo na estranheza e no mal estar de Jeannie Deans, quando deixa em sua missão heróica a paisagem montanhosa da terra natal e parte a pé para Londres a fim de pedir à Rainha o perdão da sentença que condenara sua irmã à morte:

“... Alegro-me tanto de ouvir dizer que há uma colina porque tanto meus olhos como os meus pés andam cansados dessa porção de terra chata — é como se o caminho

---

(133) *History of Brazil*, I, pág. 327.

(134) *Ibidem*, I, pág. 330. Interesse que se estende ao Brasil contemporâneo: “...I shall get John May to put some questions for me to his brother William concerning the state of the nations — if there be any — in the vicinity of Rio de Janeiro: the proportions of mixed breed, and in particular, whether any such amalgamation of the Tupi and Portuguese has taken place in the inland settlement as has between the Spanish and Guarani in Paraguay...” (Carta inédita ao Rev. Hill, datada de abril de 1808, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, ff. 33-34).

(135) *Ibidem*, II, pág. 656.

(136) Scott, W. *Old Mortality*, pág. 33.

que vai daqui a York tivesse sido todo cavado e alisado e isso é mesmo fatigante para uma escocês. Quando eu não vi mais aquêlê morrinho azul que êles chamam Ingelboro, pensei logo que não me restava nenhum amigo nesta terra estranha..." (137).

A preocupação de Southey ou de Scott pelas influências da natureza sôbre os homens revelam heranças do século XVIII, de Montesquieu em particular, mas também das intuições de Voltaire sôbre os fatôres econômicos e sociais a regerem a vida dos indivíduos em grupos e da sua idéia de que frequentemente as condições materiais de existência dos homens importavam mais para o historiador do que guerras e jogos políticos (138). Está por exemplo na legítima tradição dos ditos de Voltaire (139) um comentário de Southey, sôbre a introdução da cana de açúcar em São Vicente:

"... Não está escrito se a honra de tê-la introduzido no Brasil coube ao fundador da colônia; ...uma batalha ou um massacre teria sido registrado. Aquêlê que assim beneficia a humanidade numa idade selvagem é deificado, numa época ilustrada recebe o seu devido quinhão de louvor; mas em todos os estágios intermediários de barbarie ou semi-barbarie, tais atos são desdenhados" (140).

Aquêles fatôres observados mais ou menos a êsmo nas obras dos PHILOSOPHES, permaneceram porém isolados entre si na historiografia da ilustração. Southey e Scott acham-se entre os primeiros que tentaram abarcá-los num todo orgânico e que mostraram como tais circunstâncias agiam concretamente na vida dos povos, atingindo não sômente a vida particular dos indivíduos, mas orientando também o rumo do desenvolvimento histórico dos povos.

A consciência das múltiplas interrelações que regem a vida de um indivíduo na sociedade e na história aparece

(137) Scott, W. *The Heart of Midlothian*, London, Macmillan & Co., 1906. ("border edition"), pág. 424.

(138) Black, J. B. *The Art of History*, London, Methuen & Co., 1926, pág. 36.

(139) "Thomas et Bonnaventure ont des autels, et ceux qui ont inventé la charrue, la navette, le rabot, et la scie sont inconnus..." (Voltaire. F.M.A. L'A, B, C, Ouevres, XXVII, pág. 365; cf. Black, J. B., op. cit., pág. 87).

(140) *History of Brazil*, I, pág. 35.

particularmente clara em certa passagem do romance *Rob Roy* de Scott. O enredo do livro consiste nas aventuras de um jovem londrino, levado aos confins do "Highland" escocês e envolvido entre conspiradores para salvar da ruína o pai, um comerciante rico de Londres, cujas finanças tinham sido clandestinamente desviadas por um parente jacobita para financiar a revolução de 1715:

"É muito estranho, (observa o jovem) que as transações mercantis de cidadãos de Londres venham a ser envolvidas em rebeldias e revoluções..."

"Nada disso, homem, nada disso", retrucou o Sr. Jarvie, "êsse é um dos seus tolos preconceitos. Eu li muito nas longas noites e eu li na crônica de Baker que os negociantes de Londres conseguiram que o banco de Genova quebrasse a promessa de adiantar uma soma considerável ao rei da Espanha, de modo que a partida da Armada Espanhola teve de ser adiada por um ano inteiro. Que pensa o senhor disso, hein?" (141).

David Munroe, em um artigo sobre Walter Scott e o desenvolvimento dos estudos históricos, observou que o ensaio introdutório ao *Minstrelsy of the Scottish Border* (1802), onde Scott estuda as condições econômicas e sociais da vida dos "borberers" representou como que um novo sopro de vida face às páginas de Robertson e de outros escritos da época, vindo demonstrar claramente o que poderia ser a história (142).

Em *Rob Roy*, é em função de uma paisagem árida e estéril que Scott procura explicar o gênero de vida dos montanhesees bandoleiros, e suas incursões predatórias contra as fazendas das baixadas: a falta de pastagens e de terra cultivável deixava frequentemente os pequenos camponeses em desamparo e, na carência de uma base econômica para sua sobrevivência, recorriam ao roubo de gado nos vales (143).

Um personagem, próspero homem de negócios de Glasgow, atribui a turbulência de seus compadres "highlanders"

(141) Scott, W. *Rob Roy*, London, Collins, 1953, pág. 303.

(142) Munroe, David, art. cit., pág. 218.

(143) Scott, W. *Rob Roy*, págs. 24 e 28-30.

à pobreza do solo e à paisagem devastada que percorre com o jovem Olbadistone. Não havia naquela região nem pasto para o gado, nem sustento para os moradores:

“... Cada paroquiano emprega em média cinquenta arados, coisa despropositada para terra tão miserável, pois que as criaturas têm de trabalhar e é preciso haver muita pastagem para os cavalos que triam os arados e os bois, e quarenta ou cinquenta vacas...” (144).

Em seus romances, procura sempre traçar com rigor as condições materiais de existência dos homens do passado, o que teria levado Carlyle a observar com certo desdém, em um ensaio sobre a sua obra: “...All is economical, material, of the earth earthy” (145).

Southey haveria de delinear com o mesmo cuidado as condições de sobrevivência e da vida material dos colonos no Novo Mundo. Lembra, por exemplo, com cuidado, que o abastecimento da cidade de São Luis provinha das pastagens do Piauí (146). Estende-se numa outra passagem, em longa digressão sobre a falta de meio circulante e o comércio das reduções jesuíticas (147). A respeito da guerra contra os holandeses, ressalta a importância dos negros de Angola “sem os quais o Brasil não poderia subsistir” (148) e a importância vital do comércio de açúcar para Portugal:

(144) “...ilk parochine... on an average, employs fifty pleughes, whilk is a great proportion in sic miserable soil as thae creatures hae to labour and that there may be pasture enough for pleugh-horses, and owsen, and forty cows...” (Scott, *W. Rob Roy*, pág. 296).

(145) Carlyle, Thomas. *Essays*, London, Everymen's Library, 1964, I, pág. 65.

(146) *History of Brazil*, III, pág. 154.

(147) “...Among the reductions there was no circulating medium of any kind. They had factors at Santa Fé and at Buenos Ayres, who received their commodities, and having paid the tribute from the products, returned the surplus in tools, colours for painting, oil and salt, neither of which the country produced, vestments of linen and silk, gold thread for church-ornaments, European wax for church-tapers, and wine for what in the Romish religion is called the sacrifice. They exported cotton and tobacco; rosaries, and little saints, articles which were in great demand in Paraguay and Tucuman, and at Buenos Ayres, were distributed gratuitously, as incitements to religion, and as means of conciliating favour... But the chief article of export from the Reductions was the MATTE, or herb of Paraguay, which throughout this part of Spanish America is almost as universally in use as tea in England”. (*Ibidem*, II, pág. 355).

(148) *Ibidem*, II, pág. 215.

“... o verdadeiro nervo do Reino, a corrente principal de um tráfico, de que dependia Portugal e graças ao qual subsistia; faltando isso, desaparecem as rendas; o exército não pode mais ser pago e tudo se arruina-rá” (149).

A propósito da ruptura do comércio entre Buenos Aires e a Bahia em 1640, lembra o historiador o quanto seria rui-nosa para a primeira “pois a prosperidade daquela cidade dependia inteiramente de seu comércio com o Brasil” (150).

Explica o progresso muito lento dos primeiros tempos de colonização pela adoção no Brasil de um sistema de capi-tanias experimentado nas ilhas do Atlântico e somente apro-priado a elas: “A diferença entre ilhas desertas e um conti-nente já povoado não foi tomada em consideração...” (151). Do mesmo modo, chama atenção para o fator geográfico na colonização do Paraguai pelos espanhóis:

“A história dessa parte da América do Sul difere por uma circunstância notável da de qualquer outra terra: o pri-meiro estabelecimento permanente formou-se no coração do país; e os espanhóis colonizaram a partir do interior rumo ao mar. As más consequências desta inversão da ordem natural das coisas foi experimentada de modo tão aflitivo pela expedição de Zarate, que mais uma vez se tratou de povoar Buenos Aires...” (152).

A tentativa de abarcar os fatores econômicos e sociais na vida dos indivíduos e de integrar o meio ambiente no próprio processo histórico prendia-se em sua obras ao conceito orgânico da totalidade de uma época e sugeria, ao mesmo tempo, um processo transcendente de desenvolvi-mento histórico. Pressupunha um novo sentido da história e haveria de traduzir-se num estilo diferente e peculiar de narrativa.

---

(149) *History of Brazil*, II, pág. 218.

(150) *Ibidem*, II, pág. 62.

(151) *Ibidem*, I, pág. 33.

(152) *Ibidem*, I, pág. 348.



## A NARRATIVA ROMÂNTICA E A VISÃO PICTÓRICA DA HISTÓRIA

Através de um sentido histórico mais concreto, abarcando com tóda a minuciosidade as múltiplas interrelações do meio e dos indivíduos num processo contínuo de desenvolvimento histórico, Southey e Scott contribuiriam para a transformação da narrativa histórica, tal com existia nos inícios do século XIX, ainda impregnada de características de método e de estilo da história "filosófica" da ilustração.

Eles próprios, a cavaleiro como estavam entre duas épocas, não de refletir esta fase de transição em suas obras, opondo aos valores novos, boa dose de heranças racionalistas. As obras pròpriamente históricas de Walter Scott, como já foi lembrado, apresentam, para surpresa dos admiradores de seus romances, muito do estilo e dos preconceitos da historiografia do século XVIII <sup>(153)</sup>. O recurso às anedotas representativas, adotado por ambos para ilustrar traços característicos da vida no passado, também remontam ao século precedente e, quando a elas se referiam com "curious" ou "amusing" <sup>(154)</sup> estavam a repetir, não sòmente o recurso, como as próprias palavras de Gibbon <sup>(155)</sup>. E ao escolherem como o grande tema de suas obras o processo de desenvolvimento da humanidade de um estágio primitivo para o civilizado, como foi o caso de Scott ao abordar em seus romances o processo de extinção dos grandes clãs selvagens das montanhas da Escócia ou o de Southey estudando o processo de conquista e colonização no Novo Mundo, nada mais faziam do que retomar a principal fonte de especulações de filósofos e historiadores desde 1750 na Escócia <sup>(156)</sup> e aliás em tóda

- 
- (153) Duncan Forbes, art. cit., págs. 26-7. Em carta a John King datada de 15 de setembro de 1827. Southey criticava a *Vida de Napoleão de Scott* pelas "superficialidades de suas generalizações". in Walter, J. B. *Selections*, IV, pág. 60.
- (154) Carta ao Rev. Hill, datada de 11 de novembro de 1809, Fitz Park Museum, MSS Coleção SoutheyHill, folio 5; Carta a G. Bedford, datada de 26 de abril de 1816, in *Life & Correspondence*, IV, pág. 172; *Ibidem*, III, pág. 288, etc.
- (155) Bond, Harold L. *The Literary Art of Edward Gibbon*, Oxford Clarendon Press, 1960. E também Peardon, Th: op. cit., pág. 38.
- (156) Interesse incentivado, segundo Duncan Forbes (art. cit., pág. 32), pela proximidade das montanhas escocesas com seu "barbarous state of Society", verdadeiro museu sociológico às portas de Edimburgo.

Europa. Resquícios do método comparativo e analítico empregado pelos historiadores PHILOSOPHES estão largamente disseminados em seus escritos e englobados na sua nova maneira de escrever história, a tal ponto, que um autor como Duncan Forbes, analisando o racionalismo de Scott, há de identificá-lo, não aos românticos, mas à escola filosófica escocesa dos finais do século XVIII<sup>(157)</sup>.

A História do Brasil de Southey transborda de conceitos "sociológicos", de observações generalizadoras ou comparativas sobre diferentes tipos de sociedade<sup>(158)</sup> e sobre as graduações e estágios da vida selvagem<sup>(159)</sup>. Walter Scott também generaliza freqüentemente os hábitos e costumes dos clãs escoceses, como próprios de todos os povos selvagens numa determinada fase de seu desenvolvimento<sup>(160)</sup>.

(157) Duncan Forbes, "The Rationalism of Sir Walter Scott", art. cit., págs. 20-35.

(158) "... Thus upon the great family estate slavery has something of the feudal character; upon the conventual, much of the patriarchal one. Among the small proprietors, who are mostly people of colour, it is alleviated, as it is among the Orientals and among savages by the parity of condition in all other respects between master and slaves..." (Hist. of Brazil, III, pág. 782). A propósito do Relatório de Orellana e Frei Gaspar de Carvajal sobre certas tribus encontradas em sua expedição, observa Southey: "... It is not probable that these tribes had any gold... none of the tribes on the Maranham were so far advanced as to use it. Wherever the American Indians used gold, stationary habitations were found, habits of settled life, a regular government, a confederated priesthood, and a ceremonial religion. Wandering tribes will pick up a grain of gold, like a coloured stone, and wear it for its beauty; but they must cease to be eratic before they fabricate it into trinkets or utensils" (Ibidem, I, pág. 85).

(159) "... The Carios... though as ferocious as their neighbours, were in some respects less savage. They cultivated maize; they planted the sweet potato, and a root which had the taste of the chestnut, from which they made an intoxicating liquor, as they did also from honey, boiling it. And here the Spaniards found the swine, ostriches, and sheep as big as mules, of which they had heard..." (Ibidem, I, pág. 65). A propósito dos Sacocies, Xaqueses e Chaneses que "... they were social not gregarious tribes, each family having its own habitation..." (Ibidem, I, pág. 136) ou dos Napais "... a tribe far more advanced towards servitude and civilization" (Ibidem, I, pág. 163).

(160) Como Southey, Scott generaliza os estágios sociais: o estado da sociedade dos montanhesees era "partly pastoral, partly warlike", sendo próprios de toda sociedade nesse mesmo estágio expressar em versos sua história, leis e religião. (prefácio ao "Lay of the Last Minstrel", in *The Poetical Works of W. Scott*, pág. 2). O que de início teria fascinado Scott não era tanto o contraste entre a Escócia e a Inglaterra, mas o contraste sociológico entre as populações fronteiriças e seus vizinhos mais cultos. Em resenha do livro de Elphinstone, sobre a História da Persia mostrava-se impressionado com os curiosos paralelismos entre a história da Persia e a da Escócia; via analogias entre os clãs escoceses e as tribus do Afeganistão: "... But our limits do not permit us further to pursue a parallel which serves strikingly to show how the same state of society and civilization produces similar manners, laws, and customs even at the most remote period of time, and in the most distant quarters of the world". (*Quarterly Review*, vol. XIV, pág. 290; cf. Forbes, Duncan, art. cit., pág. 30).

Nesse sentido, poder-se-iam cotejar alguns de seus comentários sobre as superstições primitivas com outros do historiador do Brasil (161). Scott demonstra um interesse igual, senão superior ao de Southey, pelos estágios gerais de progresso das sociedades; amigo íntimo de Ferguson, sofreu mais diretamente a influência dos filósofos de Edimburgo.

No que se refere porém ao método histórico e a sua maneira de representar o passado, longe de deixar-se prender pelo sistema de análise conjectural das grandes estruturas (162), adotaram como arte de reconstrução histórica um verdadeiro culto pelo pormenor, tão desprezado dos historiadores racionalistas. Entreviam realidades e buscavam um passado mais concreto. Aos grandes passos, preferiam o dia a dia da história, a vida quotidiana dos homens do passado. Um tom terra à terra marcava o estilo do historiador.

João Fernandes Vieira preparava a guerra, acumulando secretamente depósitos de pólvora nos matos:

“... da mesma forma, armazenara feijão, cereais, peixe e carne, salgados estes, e defumados, vinhos, azeites, vinagre e sal e aguardente, em cuja destilação empregava sua própria gente. Estas coisas eram levadas para o mato em carros que traziam de volta toros de pau brasil. Ele mandara também

---

(161) O tom e a orientação são muito parecidos. Note-se por exemplo a passagem de Southey sobre os pagés impostores (*Hist. of Brazil*, I, pág. 228) e o papel dos sacerdotes no progresso das sociedades (*Ibidem*, pág. 251) e certos comentários de Scott sobre as superstições primitivas, como em certo trecho do romance *The Pirate*: “...Were are speaking of a land of omens and superstitions and perhaps will scarce be understood by those whose limited imagination can not conceive how strongly these operate upon the human mind during a certain progress of society... Amid a very credulous and ignorant population it is astonishing what success may be attained by an impostor, who is, at the same time, an enthusiast...” (London, Macmillan & Co., 1908, pág. 79), ou: “... Superstitions of this nature pass through two stages ere they become entirely obsolete. Those supposed to be possessed of supernatural power, are venerated in the earlier stages of society. As religion and knowledge increase, they are first held in hatred and horror, and are finally regarded as impostors. Scotland was in the second state — a fear of witchcraft was great, and the hatred against those suspected of it intense...” (*Ibidem*, *idem*).

(162) “... In examining the history of mankind, as well as in examining the phenomena of the material world, when we cannot trace the process by which an event HAS BEEN produced, it is often of importance to be able to show how IT MAY HAVE BEEN produced by natural causes. To this species of philosophical investigation, which has no appropriated name in our language, I shall take the liberty of giving the title of THEORETICAL or CONJECTURAL HISTORY, as employed by Mr. Hume, and with what some French writers have called HISTOIRE RAISONNÉE...” (Stewart, Dugald, *Works*, X, pág. 34; Bryson, Gladys, *op. cit.*, pág. 88).

a maior parte dos numerosos rebanhos para seus currais ou campos de internada no interior, pretendendo que nas varzeas ou planícies cultiváveis das imediações de Recife eram roubadas pelos negros e que muitos animais morriam em virtude de comerem certa espécie de favas. Com tais pretextos e meios, êle organizou os armazéns para a projetada guerra..." (163).

É com grande minuciosidade que Scott descreve as inter-relações de tôdas as classes sociais no convívio normal da vida quotidiana e nos grandes momentos críticos do destino nacional, revivendo em seus romances os hábitos e costumes da velha e da nova Escócia: dos clãs selvagens das montanhas, do comerciante burguês de Glasgow (*Rob Roy*), do senhor de terras, do pequeno camponês (*Cuddie em Old Mortality*), dos soldados mercenários (*Quentin Durward*), dos oráculos e mendigos do povo (*Odie Ochiltree em The Antiquary*) e das cortes dos grandes reis (*The Fortunes of Nigel, Kenilworth*).

Com a mesma cuidadosa minúcia, Southey reconstrói quadros infinitamente variados das diversas facetas e múltiplos aspectos da experiência diária dos colonizadores no Novo Mundo. A narrativa das expedições dos primeiros conquistadores (Mendoza, Pizarro, Orellana, Cabeza de Vaca, Hernando de Rivera ou Irala) procura reviver a vida desses aventureiros com todo impacto de seus sacrifícios, de suas crueldades, e dos seus sofrimentos. Segue-os passo a passo. A dureza da vida no meio selvagem, a fome, a luta contra os índios, e a natureza. Através de um poema de Gaspar de Villagra — "não menos autêntico por ser composto em maus versos..." — descreve-os a tecer a própria roupa, a cozinhar; como barbeiros; como ferreiros, consertando as armas; dormindo por terra, sujeitos às intempéries, aos insetos e aos mosquitos (164). Revive as intrigas entre os

---

(163) *History of Brazil*, II, pág. 80.

(164) *Ibidem*, I, pág. 633. É também: "... They had neither surgeon nor remedy for the rest; nothing could be done for them except psalming, that is, repeating some verses of the psalms over the wound: this mode of treatment was not unusual, and it was so much more reasonable than the methods which were ordinarily in use, that it is no wonder if it generally proved more successful..." (*Ibidem*, I, pág. 89).

conquistadores e os mínimos detalhes das lutas contra os selvagens <sup>(165)</sup>. Evoca a vida dos jesuítas nos primeiros tempos da colônia:

“... não era por falta de espaço que Anchieta, seus irmãos e pupilos se amontoavam assim. Arrebanhavam-se dêsse modo para se aquecerem, pois se achavam miseravelmente preparados para resistir ao frio. Não lhes faltava o recurso ao fogo, é certo, mas com o fogo havia a fumaça e não dispunham de chaminés. Dos dois males o fogo passava às vèzes por ser o mais suportável e então tratavam de estudar ao ar livre. Dormiam em redes e não tinham cobertores. Uma esteira pendurada à entrada servia-lhes de porta. As vestimentas de que se valiam tinham sido calculadas para latitudes mais baixas; as poucas de que dispunham era de algodão. Andavam descalços e de pernas nuas. Fôlhas de banana serviam de mesa e os guardanapos, escrevia Anchieta, podiam dispensar-se quando não havia o que comer, pois não tinham senão os alimentos que lhes dava o gentio; esmolas de farinha de trigo, às vèzes e, menos freqüentemente, peixe dos ribeiros e caça das florestas...” <sup>(166)</sup>.

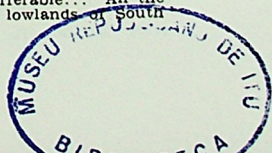
Traça o quadro da vida dos missionários indo pelas selvas em busca de índios e batendo o solo a cada parada para espantar as cobras e insetos... <sup>(167)</sup>.

Pequenas circunstâncias materiais traziam com maior realismo os fatos históricos diante dos olhos, comunicando ao mesmo tempo um sôpro de vida, que vinha renovar a sensibilidade em face do passado. Através de um tal méto-

(165) Descreve por exemplo a técnica peculiar dos Guaranis de cortar a cabeça do adversário: “... This mode of killing and beheading at the same time was effected with singular and barbarous dexterity; they clenched the foe by the hair, sawed around his neck, and twirling the head at the same time, it come of with inconceivable facility...” (History of Brazil, I, pág. 122).

(166) *Ibidem*, I, pág. 264.

(167) “... The itinerant set forth with his breviary, and a cross, six feet in height, which served him for a staff... the first business upon halting for the night, or even for a meal during the day, is to beat the ground and trample the grass for a safe distance round, in order to drive away the snakes, who are very numerous and are attracted by the fire. The torment of insects is almost insufferable... All the plagues of Egypt seem to have transferred to the lowlands of South America...” (*Ibidem*, II, pág. 365).



do, deveriam os historiadores procurar explicar o “real e profundo evoluir dos acontecimentos” (168) e dos grandes fenômenos sociais. O principal elemento do seu ofício era o descobrimento e remanejamento dos pequenos pormenores esquecidos nos documentos. Foi o aproveitamento daqueles resquícios de testemunhas visuais, abandonados nos documentos e ignorados pelos historiadores que permitiu a Scott reviver a Escócia “de há sessenta anos” (*Waverley or Tis Sixty Years Since*) ou a do século XVIII (*The Heart of Midlothian, Old Mortality*), de modo muito diverso do que empregava Robertson (169).

Não lhes bastava uma interpretação analítica dos documentos. Queriam reviver o “espírito de uma época” e era somente através de um método imaginativo que o historiador poderia alcançar o todo dramático, a unidade intrínseca da vida dos povos e dos homens do passado. O encenamento e a côm local —, as descrições realistas repletas de pormenores e de sentimento humano, a representação pictórica, eram as condições desse novo método imaginativo e humanizador da história, que caracterizaria o estilo dos grandes historiadores românticos, como Carlyle, Macaulay, Prescott ou Bancroft.

A *História do Brasil* de Southey foi em sua época uma obra pioneira da nova narrativa e da visão imaginativa da história. Mas foi uma obra de parcas repercussões. Os mesmos princípios seriam pouco depois e quase simultaneamente difundidos e disseminados pela repercussão ampla e duradoura dos romances de Scott. As múltiplas afinidades de estilo entre o poeta laureado e o autor de *Waverley* envolveriam o processo de integração da nova arte romântica na narrativa histórica.

Esta, escrevia Southey em 1804, deveria trazer os homens do passado aos olhos do estudioso da história em suas vestimentas características, como numa representação dramática. “E que o cenário e a azáfama da ação fôssem representados em tôdas as suas circunstâncias” (170). Compa-

(168) Letter of Sir Walter Scott, VII, pág. 98; cf. Forbes, Duncan, art. cit., pág. 26.

(169) Assim também Southey: “... I have hunted out so much that is recondite...” (Carta a Scott, datada de 13 de janeiro de 1813, in *Life & Correspondence*, IV, pág. 9).

(170) Southey, R. “On Froissart”, art. cit., pág. 190.

rava a história ao drama e destacava com ênfase especial a importância daquelas pequenas circunstâncias que dão vida à narrativa "... and bring old manners, old feelings, and old times before your eyes" (171).

O historiador do Brasil demora-se em sua obra a descrever, por exemplo, o tipo de corda que os colonos usavam na balsa rudimentar com que costumavam atravessar o Paraguai (172). O uso do couro entre os Chiriguanos da Bolívia (173) e o da borracha entre os Omáguas:

"... É dos Omáguas que recebemos o caoutchouc ou borracha. Os portugueses do Pará foram os primeiros a aprender a usá-lo: fizeram com êle sapatos, botinas, chapéus e mesmo roupas; sua impermeabilidade tornou-a singularmente prestativa numa região onde o povo viaja constantemente pelos rios..." (174).

A erudição e a paciência do esmiuçador dos pequenos fatos e curiosidades recônditas dos documentos, (175) alia-se à inspiração do artista para criar um grande quadro de pequenos pormenores coloridos:

"... Chomé diz de algumas dessas tribus que só se cobriam de trapos velhos; mas (pergunta o historiador num arroubo bem característico do seu estilo) de que eram feitos êsses trapos? Talvez os fizessem de alguma espécie de panos de lã e, de fato, não se imagina que outro destino pudesse ter a lã para cuja obtenção êles criavam a vicunha, pois não é muito provável que dela fizessem um artigo de comércio com os espanhóis" (176).

---

(171) Carta ao irmão Henry, datada de 17 de agosto de 1809, in Warter, J. B. Selections, II, pág. 156.

(172) History of Brazil, III, págs. 174-175.

(173) Ibidem, III, pág. 164.

(174) Ibidem, I, pág. 589.

(175) "... those stray facts and particulars which are the life of history" ... escrevia êle, em julho de 1813. (Carta inédita ao Rev. Hill datada de 18 de julho de 1813. Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 26, 27).

(176) History of Brazil, III, pág. 164.

A plasticidade era um dos elementos preponderantes de sua imaginação histórica e característica marcante de suas afinidades com a arte de Scott, para o qual "... as palavras seriam como côres na narrativa descritiva. E quando bem empregadas", escrevia êle na introdução ao romance *The Bride of Lammermoor*, "não deixariam de situar tão eficazmente diante da, visão espiritual a cena que pretendia conjurar quanto a tela pode fazê-lo para a visão corporal" (177). O romancista costumava, como êle mesmo lembra frequentemente, tomar como modelo, para suas descrições do ambiente escoces, os quadros de seu conterrâneo Wilkies (178). A tendência pictórica era instintiva na arte de Scott. Em *The Heart of Midlothian*, por exemplo, ao descrever o velho presbiteriano David Deans sentado ao pé do fogo com a bíblia nas mãos e a luminosidade do sol brincando em seus cabelos brancos, pormenoriza um quadro "... em que a luz poderia ser produzida por um Rembrandt, mas o desenho exigiria a força e o vigor de um Miguel Angelo..." (179).

Para Southey, o historiador deveria captar e imobilizar em sua tela, como se fôsse um pintor, todo o colorido de um momento histórico. "Sabe Deus como são vivas as côres com as quais devo trabalhar", escrevia êle em carta de março de 1814, a propósito de um capítulo sobre os costumes da sociedade colonial em Pernambuco após a restauração (180). Também tinha sempre presente a consciência de quão unida à do pintor andava a arte do historiador (181).

- 
- (177) Scott, W. *The Bride of Lammermoor*, London, Macmillan & Co, 1908 ("border edition"), pág. 15.
- (178) Scott, W. *The Antiquary*, London, Macmillan Co, 1901 ("border edition"), pág. 409. V. Them Fraz, Mario. *The Hero in Eclipse in Victorian Fiction*, London, Oxford University Press, 1956, pág. 28.
- (179) Scott, W. *The Heart of Midlothian*, pág. 164. "... The window, which had been shut, in order that a gloomy twilight might add to the solemnity of the funeral meeting, was opened as she commanded, and threw a sudden and strong light through the smoky and misty atmosphere of the stifling cabin. Falling in a stream upon the chimney, the rays illuminated, in the way that Rembrandt would have chosen, the features of the unfortunate nobleman and those of the old sibyl, who now, standing upon her feet, and holding him by one hand, peered anxiously in his features with her light blue eyes..." (*The Antiquary*, pág. 423).
- (180) Carta inédita para o Rev. Hill, datada de 8 de março de 1814. Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, f. 23.
- (181) Ressalta por ex, essa relação, a propósito de uma descrição da mãe preta trabalhando no campo com uma criança, que Richard Ligon traça em sua *Historia das Ilhas Barbados*. Julga-a "... worthy of a painter... if painters could express the moral feeling which is so brought out in the lively language of this simple-hearted happy old man" (*On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies*, *Quarterly Review*, vol. 75, julho 1828, pág. 299).



E, nesse sentido, certas passagens de sua *História do Brasil* são ilustrativas, como aquela em que descreve a despedida da armada de Cabral no Tejo, segundo descrição de Barros (182), ou a entrada de D. Fradique na Bahia:

“... entrou na enseada com os clarins tocando, as côres voando e os navios todo empavezados e prontos para ação. Também os navios holandeses, e os muros e fortes estavam revestidos de tôdas as suas bandeiras e insignias...” (183).

Também sugestiva é a passagem sôbre a execução da Antequera em Lima (1731):

“... As ruas encheram-se pois de uma multidão tumultuária; quando o trouxeram, ergueram-se altos brados de indignação; um Franciscano subiu ao cadafalso, e ali permaneceu gritando “Perdão” com tôdas as suas forças; até os menos amotinados dentre a gentalha repetiram êste grito e revelaram uma intensão obstinada de socorrer o prisioneiro...” (184).

Aspiravam alcançar em suas narrativas os momentos geniais de um pintor e comunicar com êle numa cena isolada “... certa chispa de certeza que cintila na alma à vista das combinações felizes e expressivas e que retiram da posição, da atitude, da postura do momento, — não só a história da vida passada dos personagens representados e a natureza de suas ações — como ainda decerram num relance o próprio véu que encobre o porvir, deixando entrever os destinos futuros...” (185).

Mais do que simples característica literária de estilo, esta qualidade pictórica da visão histórica de Southey e de

---

(182) *History of Brazil*, I, pág. 10.

(183) *Ibidem*, I, pág. 448.

(184) *Ibidem*, III, pág. 238. Também sugestiva é a descrição da entrada triunfal dos conquistadores vitoriosos em Concepción, após a batalha contra os Caçoans, em 1628: “... Festal arches were erected, and bonfires kindled along the way. The coffins containing the holy remains were borne alternately by Indian chiefs and Spanish officers. Jesuits going on both sides, who came from all parts to assist at the solemnity. Then came the army in order of battle...” (*Ibidem*, II, págs. 298-299). Ou a entrevista entre Fernandes e Vidal, em 1645 (*Ibidem*, II, págs. 122-123).

(185) Scott, W. *The Bride of Lammermoor*, pág. 18.

Scott foi a origem de uma tradição permanente da historiografia romântica. Anos mais tarde, Carlyle escrevia que a primeira e a mais indispensável das condições para o historiador alcançar seu objetivo era “a de enxergar as transações do passado, retratá-las por inteiro, como se estivessem diante de seus olhos (186).

Parece difícil, senão impossível, captar as raízes deste impulso de identificação e simpatia, desta nova visão da história, que leva o historiador a recriar em sua imaginação, a reviver e não apenas relatar, os acontecimentos do passado e que contribuiria de forma decisiva para a transformação da narrativa histórica nos inícios do século XIX.

A tendência provinha de muito antes; estava presente de modo mais ou menos difuso em muitas obras ou ensaios de cunho histórico das últimas décadas do século e vinha gradativamente acrescentando ao ofício do historiador o ímpeto de vivência e de simpatia imaginativa. “Se nos pudéssemos transportar aos tempos remotos e apreender as associações de idéias que ocuparam seus espíritos, descobriríamos como eles viram e raciocinaram”, escrevia Joseph Berrington, 1784, na introdução a sua *História da Vida de Abelardo e Heloisa* (187). Segundo Emery Neff, em seu livro *The Poetry of History*, as idéias de Vico assim como mais tarde as de Herder, já prenunciavam uma história na qual os sentidos, a imaginação evocativa e as emoções de simpatia teriam campo aberto —, narrativas que tornariam o passado tão palpitante de vida e vibrante como o presente e ainda mais belo em virtude do deslumbramento, do “pathos” da distância (188).

O conceito da diversidade histórica e da individualidade das diferentes épocas do passado estimulava a imaginação

---

(186) *Letters of Thomas Carlyle to J. S. Mill*, London, 1923, págs. 82-83; cf. Neff, E. op. cit., pág. 123. “... the great business for me, in which alone I feel any comfort, is in recording the presence, bodily, concrete, coloured presence of things... (Carta a J. S. Mill, datada de 22 de julho de 1836, *ibidem*, pág. 134).

(187) Cf. Peardon, Thomas. *The Transition in English Historical Writing*, pág. 155.

(188) Neff, E. op. cit., pág. 88.

do historiador e suscitava o ímpeto de reviver na história toda a multiplicidade de aspectos e de interrelações, que conferiam uma vida própria ao espírito de uma outra época.

Entretanto, na historiografia romântica, a imaginação histórica chegou a confundir-se por vezes com a experiência artística criadora. É justamente esse um dos aspectos que aproximam Southey do romancista escocês, como pioneiros de um capítulo inédito das relações entre a história e a arte, ou a literatura. Dentre uma variedade de idéias e experiências compartilhadas, susceptíveis de esclarecer as raízes de sua própria visão histórica, do seu estilo peculiar de narrativa, parece particularmente decisiva a experiência comum de poetas voltados para temas históricos.

#### O POETA E O HISTORIADOR

Parece impossível dissociar da experiência poética e do tratamento literário de temas históricos a tendência do romancista e do historiador de participar intimamente dos acontecimentos históricos que narram, de reviver em si as vicissitudes do passado humano. "Sinto-me cada vez mais inclinado para a história e essa tendência me estimula continuamente para a poesia pela abundância de temas que oferece" escrevia Southey, em carta de novembro de 1801 para seu amigo Rickman (189).

O seu nome aparece unido ao de Scott nos anais do romantismo inglês sob o mesmo epíteto de "poetas históricos" (190). Aspiravam identificar-se por simpatia com o passado (191). A emotividade do poeta há de manifestar-se no sentimentalismo e em certa nostalgia do historiador. "As associações mais deliciosas que me fazem sentir, pensar e

---

(189) Carta a John Rickman, datada de 27 de novembro de 1801, in Warter, J. B., *Selections*, I, pág. 182.

(190) "... Dans cette confusion laborieuse, deux grandes idées se dégagent: la première que produit la poésie historique, la seconde qui produit la poésie philosophique; l'une surtout visible dans Southey et Walter Scott, l'autre surtout visible dans Wordsworth et Shelley..." (Taine, H. *Histoire de la Littérature Anglaise*, Paris, Librairie Hachette, 1911, pág. 265).

(191) "... To connect myself by sympathy with ages past..." (Carta a G. Bedford, datada de 3 de abril de 1803, in *Life & Correspondence*, II, pág. 205).

sonhar”, escrevia Southey em 1803, “são as despertadas pelas casas antigas, — não digo pelas que caíram em ruínas — mas pelas que entram em declínio...” (192).

O gênio poético de Scott tinha suas raízes nas superstições e nos costumes primitivos das antigas baladas escocesas. Southey encontrava inspiração poética nos mais variados aspectos do passado: na história e nos velhos costumes do país de Gales (193); na mitologia católica e nas histórias de bruxaria (194), na luta dos gregos contra os turcos (195). Em 1798, comunicava a um amigo seu desejo de escrever... “sobre a opressão exercida em diferentes eras sobre determinadas classes do povo: os hilotas, por exemplo, ou os albigeneses, ou os judeus”. Planejava uma tragédia sobre os primeiros mártires (196).

Tanto em Southey, como em Scott, o esforço imaginativo de comunicação com o passado associava-se à criação poética. As qualidades artísticas do historiador tomaram forma na vivência do poeta. Em certa ocasião, Southey quiz escrever um poema sobre a criptéia infernal dos hilotas. Mas, hesitou, porque receava não chegar a reincarnar-lhes os sentimentos e a maneira de ser, o que lhe parecia essencial da parte do poeta: “... Eu tenho medo de me meter com os Espartanos: não há meios de sentir, pensar ou falar como o faziam os indivíduos educados na escola de Licurgo; conhecer a natureza humana não é o mesmo que conhecer a natureza lacedemonia ” (197).

Em março de 1801, no decurso de suas pesquisas para a História de Portugal, Southey fez uma peregrinação pelos principais sítios históricos. Visitou Coimbra e sentiu que o poeta e o historiador encontravam-se ali:

---

(192) *Ibidem*, *idem*.

(193) Carta a Charles Wynn, datada de 29 de agosto de 1801, in *Warter, J. B. Selections*, I, pág. 166.

(194) Carta a Ch. Wynn, datada de 10 de janeiro de 1805. *Ibidem*, I, pág. 305.

(195) Carta a Ch. Wynn, datada de 30 de dezembro de 1804. *Ibidem*, I, pág. 295.

(196) Carta a John May, datada de 15 de dezembro de 1798, in *Life & Correspondence*, I, pág. 350.

(197) *Ibidem*, I, *idem*.

“Coimbra é o sitio que o historiador e o poeta quase nunca perdem de vista: tudo o que houve de interessante na história ou na literatura de Portugal teve aqui seu núcleo e eu contemplei a cidade recordando-me vivamente dos tempos antigos e dos antigos heróis... A fonte das lágrimas era de longe o objeto mais cativante nestas paragens... Os amores de Inez e Pedro são historicamente fascinantes. Eu que de há muito venho planejando uma tragédia sobre esse tema, achei-me verdadeiramente no meu cenário. Dois cedros — a mais antiga e magnífica das árvores — estavam a cada lado da fonte. Creio, e não porque desejo crer, que Inez sentou-se à sombra dessas árvores há quatrocentos anos. Quem não sentiu achando-se à sombra de uma bela árvore o que há de mesquinho na existência de um homem?” (198).

O poeta participava do ofício do historiador a tal ponto, que Southey escrevia a um amigo queixando-se do estado febril em que ficava: “... Battles & folios, & Moors & Monarchs teeze me terribly in my dreams...” (199). Particularmente ilustrativa da vivência do historiador e da experiência por vezes dolorosa de identificação com o passado é uma carta de abril de 1805, quando já iam adiantados os seus trabalhos para a história de Portugal:

“...Tenho que escrever a história de dois naufrágios — o de Sepúlveda com sua mulher, que vem mencionado em Camões e o de D. Paulo de Lima, um dos últimos portugueses que se distinguiram favoravelmente na Índia. Um e outro, mas particularmente o primeiro, são tão terrivelmente mortificantes, que é com grande relutância que encaro o dever de lidar com toda as circunstâncias, de chamá-las diante de meus próprios olhos e de retê-las em minha memória, como é indispensável que eu faça. Há quinze anos, quanto mais impregnada de melancolia, mais me

(198) Carta a Charles Danvers, datada de 28 de março de 1801, in Cabral, A. Journals, pág. 157.

(199) Carta a William Taylor, datada de 26 de novembro de 1800, *ibidem*, pág. 139.

agradava uma narrativa... Hoje, porém, repugna-me tanto dar com esta espécie de padecimento moral, como com qualquer dor física..." (200).

Este trecho de Southey lembra a experiência quase mística do historiador, descrita por Michelet no prefácio de 1869 à *História da França* (201). É interessante lembrar que Carlyle, outro a levar a um extremo esta vivência subjetiva do historiador, também voltou-se no início de sua carreira para o campo da literatura e teria, do mesmo modo, o seu estilo de historiador marcado pela experiência artística (202).

Além desse processo inteiramente subjetivo, convém lembrar que Southey e Scott viveram um momento em que a literatura, especialmente as peças dramáticas, exerceriam uma influência marcante e decisiva sobre a historiografia (203). Eles encarnaram o fenômeno em si mesmos, absorvendo influências comuns na época e as aprofundando em sua própria experiência criadora. É bem sugestiva a admiração de Southey por Schiller e a frequência com que o cita em suas cartas. Scott por sua vez traduzira o *Goetz von Berlichingen* de Goethe para o inglês. Ambos partilharam intensamente do culto de seu tempo pelas peças históricas de Shakespeare. A sensibilidade histórica do estudioso do passado identificava-se com a do artista.

Aspectos e nuances do manejo artístico de temas históricos serão herdados pelo historiador, com a marca das tendências literárias da época. A própria matéria tratada, a preferência do historiador pelos temas mais concretos da vida humana e das sociedades do passado seria uma herança

(200) Carta a Charles Wynn, datada de 3 de abril de 1805, in *Life & Correspondence*, II, pág. 322.

(201) "... Mais comment ayant eu ce bonheur singulier d'une telle société, ayant longues années vécu de ta grande âme, n'ai-je pas profité plus en moi? Ah! c'est que pour eu refaire tout cela il m'a fallu reprendre ce long cours de misères, de cruelles aventures, de cent choses, morbides et fatales. J'ai bu trop d'amertumes. J'ai avalé trop de fléaux, trop de vipères et trop de rois..." (Michelet, Jules. *Histoire de France*. Paris, Ernest Flammarion, s.d., I, pág. XLV).

(202) Em carta para J. S. Mill, descrevendo seu método de redigir, dizia Carlyle que procurava manter "... the whole matter simmering in the LIVING mind and memory rather than laid up in paper bundles or otherwise laid up in an inert way... Only what you have LIVING in our own memory and heart is worth putting down to be printed; this alone has much chance to get into the living heart of other men..." (New Letters of Thomas Carlyle, ed. por Alexander Carlyle, London, 1904; cf. Neff, op. cit., pág. 126).

(203) Neff, E., op. cit., págs. 88-89.

do processo de alastramento dos horizontes e de liberalização do gosto literário que começou na Inglaterra do século XVIII (e que iria influenciar Herder na Alemanha) (204).

O historiador já não se satisfaria apenas com o respeitar a cronologia dos acontecimentos do passado: aspirava encarnar uma realidade mais palpável e as diferentes nuances dos usos e costumes dos homens. Antecipando-se a Scott (e mesmo aos *Mártires* de Chateaubriand), comentava Southey em carta de dezembro de 1798 como os autores teatrais e romancistas vinham saqueando a história "... de tal sorte que hoje temos tantos cruzados nos palcos e nas bibliotecas circulantes quantos viajaram para a Palestina; mas eles só prestam atenção à cronologia e não aos modos e aos temperamentos, que então prevaleciam..." (205).

Queriam reincarnar, visualizando-os, os usos e costumes de seres humanos reais, de homens comuns do passado. Scott julgava "... altamente susceptíveis de ornamentação poética os hábitos simples e rudes da vida no "border" escocês. A busca da vida quotidiana e dos pormenores triviais do passado era um prolongamento daquele fenómeno de aburguezamento da arte que se inicia durante o século XVIII na Inglaterra. Analisando o fenómeno em seu livro *O eclipse do Herói na Ficção Vitoriana*, Mario Praz lembra a moda dos pintores holandeses depois de 1750 na Inglaterra —, os primeiros a darem expressão artística à vida da burguezia —, e a sua influência sobre Hogarth e sobre Fielding e Defoe (206), sugerindo como que um paralelo entre a sociedade comercializada dos Países Baixos do século XVII e a nova sociedade burguesa que ia tomando forma na Inglaterra, à medida que a industrialização aumentava as classes médias das cidades. Convém lembrar o quanto o estilo narrativo de Southey e o de Scott herdou da prosa narrativa inglesa, tal como surgira na veia satírica dos romances de Fielding e Defoe, com seu minucioso estudo da pequena realidade burguesa. O processo acentuara-se em

(204) *Ibidem*, pág. 60.

(205) Carta a John May datada de 15 de dezembro de 1798, in *Life & Correspondence*, I, pág. 351.

(206) Praz, Mario. *op. cit.*, pág. 23. Em sua História da Literatura inglesa, lembrava Taine a semelhança entre o estilo realista e moral criado por Scott e pelos românticos ingleses em geral com a literatura do grande século holandês. (*op. cit.*, IV, pág. 283).

seu tempo. "...I have wished to keep the Reader in the company of flesh and blood", escrevia Wordsworth, no prefácio às *Lyrical Ballads* (1799) (207).

Era objetivo dos "lake poets" —, como ficaram conhecidos Wordsworth, Coleridge e o próprio Southey —, introduzir na poesia a linguagem do homem comum, selecionar incidentes e situações da vida simples de todo o dia, de preferência da vida rural, colorindo o trivial com a imaginação (208). A mesma tendência marcaria a busca dos temas históricos. Temas que fossem de preferência da vida popular de outros séculos, como a situação dos servos entre os seus conterrâneos da Idade Média "... the grievances of wardship and the situation of a fief or villain" (209).

A história social tal como desponta nas obras de Southey ou de Scott tem raízes no romance de costumes do século XVIII. Em outubro de 1801, e pois muitos anos antes de *Waverley* (1814), Southey sugeria, em carta a uma senhora amiga, um novo tipo de literatura.

"... Já que isso mostra seu pendor para escrever, ousarei dizer-lhe como gostaria que escrevesse? Através de que forma nova poderia distinguir-se nobremente? Convertendo-se, respondo, numa historiadora de costumes; fixando a trama de sua narrativa em alguma era remota que melhor lhe agrade e tornando-a expressiva dos usos e, o que é mais difícil, dos sentimentos e dos hábitos mentais dominantes na mesma era e no mesmo cenário..." (210).

No entanto, essas relações seriam muito mais de forma — os pormenores descritivos realistas — do que de real conteúdo intrínseco. Quão longe andava sua motivação do cosmopolitismo e da serena confiança dos homens do século XVIII nos valores racionais de sua própria civilização!

---

(207) *The Poetical Works of William Wordsworth*, London, Oxford University Press, 1936, pág. 936.

(208) *Ibidem*, pág. 935.

(209) *Life & Correspondence*. I, pág. 351. (V. nota 200).

(210) Carta a Miss Barker, datada de 10 de outubro de 1801, in *Warter, J. B. Selections*, I, pág. 173.



Teria realmente raízes na prosa narrativa do século XVIII aquêlê impulso de concretizar em minúcias a totalidade da vida humana, de buscar o insolito, o característico, o único?

A experiência de Southey e de Scott, o desejo expressado pelo primeiro numa carta de 1800, de assemelhar-se mais a um cronista medieval do que a um historiador moderno, <sup>(211)</sup> entrelaçando aos fatos históricos os costumes de todo o dia, parece assinalar, como uma outra fonte dêsse impulso de esmiuçar pequenas peculiaridades, a sua participação no movimento de redescobrimento da Idade Média.

Movimento de início puramente literário, para o qual contribuíram divulgando velhos autores e romances medievais. “We are beginning to do justice to the historians of old...”, escrevia Southey, em 1804, resenhando uma nova tradução de Froissart para o inglês <sup>(212)</sup>. No mesmo artigo, elogiava Walter Scott e George Ellis pelo seu trabalho de divulgação, de aproveitamento e de revivência do velho cronista <sup>(213)</sup>. Ele mesmo vivia, como dizia numa carta, a ressuscitar velhos autores: “I call them my ducks —, dirty, but good”. “Você ficaria surpreso”, continuava êle, “de ver a quantidade de fatos interessantes que encontro percorrendo êstes veneráveis. Fatos que dizem respeito de modo geral à biografia, à história dos costumes, e da ciência. Regosijome ao pensar em devolver pérolas há tanto tempo jogadas ao lixo. Será que não posso reclamar uma recompensa da Sociedade Humanitária por devolver à vida tantos autores extintos?” <sup>(214)</sup>.

Dentre as peculiaridades do poeta herdadas pelo historiador ia uma curiosidade imaginativa pelos pequenos pormenores de um texto, que se traduzia na habilidade de catar num contexto maior aquilo que havia de singular, de característico:

“... Se eu tenho algum dom especial é o de catar os pontos notáveis e interessantes de pormenores

---

(211) Carta a William Taylor datada de 26 de março de 1800, in Cabral, A. Journals, pág. 69.

(212) (Southey, R.) “On Froissart”, art. cit., pág. 190.

(213) (Southey, R.) “On Froissart”, art. cit., pág. 192.

(214) Carta a John May, datada de 20 de julho de 1803, in Warton, J. B. Selections, I, pág. 222.

monótonos, de onde o prazer e a instrução que eu consigo retirar de certas obras geralmente consideradas enfandonhas e sem interesse...” (215),

anotava Scott em seu Diário. Essa tendência há de dar um colorido especial ao método do historiador, deste modo englobando na história erudita um treino destinado a marcar na ficção o pitoresco da experiência dos homens e da realidade de outros tempos. É o que exemplifica maravilhosamente bem uma certa carta de Southey, datada de junho de 1805, pedindo a um amigo para verificar um estatuto de Eduardo II:

“... Certo estatuto feito em Kilkenny no ano III do reinado de Eduardo II, 1310 A. D. faz menção de côcos vazios servindo de taças, que parece subentender um intercâmbio maior com o Oriente do que outros fatos fazem supor. Bocaccio fala numa pena de papagaio que foi exibida a um frade como se proviesse das asas do arcanjo Gabriel; as cascas de côco, porém, são artigos muito volumosos e de pouco valor e porisso mesmo menos próprios para ser introduzido na Irlanda pela Sociedade Frescobaldi de Florença...” (216).

Nas antigas baladas, nos cronistas e nos romances medievais procuravam informações involuntárias e espontâneas, sugestivas dos hábitos domésticos, do modo de vida dos homens do tempo e da sua concepção do mundo, à maneira de Herder, quando se exercitava com Johann Voss, o tradutor alemão de Homero, a ler os clássicos de modo que nêles colhesse as informações casuais, daquilo que o autor tomava como evidente (217). A idéia de Southey era deixar que as próprias fontes pintassem a sua época, com uma interferência mínima do historiador. Um velho monge cronista procurava lançar luz sôbre seu convento apenas para honra e glória da Ordem “...mas sucede que graças à luz

---

(215) *Journal of Sir Walter Scott from the Original Manuscript at Abbotsford*, New York, Happer & Bros, 1891, pág. 198.

(216) Carta a John Rickman, in Warter, J. B. *Selections*, I, pág. 325. Em carta inédita ao Rev. Hill escreve, referindo-se a êsse gênero de informações: “... there is no building without it. It is always among rubbish that one makes discoveries...” (Carta de II de maio de 1809. Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 37-38).

(217) Neff, Emery. *op. cit.*, pág. 94.

podemos saber o que lá se passa. Há uma espécie de prazer desportivo nesses dados espantosos. Além do que são sempre honestos, por serem depoimentos acidentais e não voluntários..." (218).

Os historiadores contemporâneos, que os sucederam quase imediatamente, revelaram a mesma conformidade entre o seu método de historiador e inspiração literária. É o que demonstram as palavras de Ernest Renan, descrevendo o método de trabalho de Augustin Thierry —, a habilidade do mestre no exumar de um documento tudo o que continha sobre as relações sociais e os usos do tempo:

"Nunca deixei de admirar a rapidez e a vida com que se apoderava de um documento original, entranhando-se nêle, assimilando-o na narrativa, indo por vêzes além dêle. O menor resquício revelava-lhe um todo orgânico que surgia completo em sua imaginação, por não sei que força regeneradora..." (219).

Os pormenores cheios de vida inspiravam a tendência a visualizar, a sentir a história. A inspiração, êste culto quase visual dos pormenores não teria surgido por simples coincidência de uma técnica de leitura treinada em velhos romances e crônicas medievais. Deve ter sido em parte alimentada pela nova sedução de religiosidade concreta e corporal do catolicismo medieval. Talvez se originassem nas próprias fontes do romantismo, tendo se impregnado do seu espírito: no misticismo de São Francisco de Assis e no novo espírito do século XII, de glorificação da vida e da imanência de Deus na natureza, assim como na revolta contra o dogmatismo e contra os ideais ascéticos, contidos nos romances provençais, e particularmente, naqueles romances do crepúsculo da idade média como o *Amadis* ou a *Morte D'Arthur* — leituras preferidas tanto de Southey como de Scott — que

(218) Carta a John May, datada de 7 de junho de 1802, in Warter, J. B. *Selections*, I, pág. 199. Em carta para o Rev. Hill, exprimia Southey o seu gosto pelos cronistas e testemunhos contemporâneos de épocas passadas: "... I have an insatiable appetite for contemporary history — and look to your Muratori as to a feast. I sup every night upon the *Acta Sanctorum* at present and for my dessert after dinner regale every-day upon the *Collection of French Memoirs*..." (Carta inédita datada de 10 de maio de 1819, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 52-53).

(219) Renan, E. *Essais de Morales et de critique*, Paris, 1860, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 115; cf. Neff, E. *op. cit.*, pág. 122.

teriam pronunciado a exaltação da vida, da natureza e dos homens do humanismo renascentista para o qual se voltaram os românticos <sup>(220)</sup>.

A inspiração literária, orientando a seleção dos dados e o gôsto pelos pormenores, não predomina menos na visão histórica de Southey do que na de Scott. Tinham ambos preferência nitida pelas fontes que consideravam "vivas"; as baladas e os romances, expressões diretas da vida do povo; os velhos cronistas e mesmo os viajantes modernos, porque exprimiam um testemunho humano direto. Quase se poderia dizer que julgavam a verdade, a autenticidade das fontes pelo calor humano e pela espontaneidade de vida que manifestavam.

Aos cronistas medievais, a Froissart, sucedem-se em sua preferência o testemunho vivo dos viajantes. Forneciam ao historiador as informações "ilustrativas dos costumes e do caráter de um povo" <sup>(221)</sup>. "... mesmo nos piores pode-se ter a fortuna de achar alguma coisa que ilumine a história e faça compreender aquilo que de outra forma seria dificilmente inteligível" <sup>(222)</sup>, observava Southey, em carta de agosto de 1809 para o irmão Henry.

Como poetas, acrescentavam à verdade histórica o colorido da imaginação. Como historiadores, no entanto hão de desenvolver critérios bem definidos a serem aplicados nas transações entre dominos tão diferentes como os da ficção e da história <sup>(223)</sup>.

---

(220) Holanda, Sergio Buarque de — Visão do Paraíso, Rio de Janeiro, Livraria José Olympo Editôra, 1959, págs. 206-207 — Grierson, Herbert. "Classical and Romantic", in *The Background of English Literature and other Essays*. A Perigrine Book, 1962, págs. 240-241.

(221) Carta a John Rickman, datada de 22 de agosto de 1800, in Cabral, A. *Journals*, págs. 105-106.

(222) In Warter, J. B. *Selections*, II, pág. 156.

(223) Em carta de 1 de dezembro de 1809 para Sir George Beaumont, Southey comentava a propósito de um conto de Coleridge: "... We should beware of mingling fancy with the narration of what we believe to be truth, — I mean to say of weaving into it, and making it part of the story. However true the circumstances, an air of fiction is thrown over them whenever this is done..." (*Memorials of Coleorton, being letters from Coleridge, Wordsworth, and His Sister to Sir George and Lady Beaumont of Coleorton, Leicestershire, 1803 to 1804*, ed. por William Knight, University of St. Andrews, vol. II, Edinburgh, David Douglas, MDCCLXXXVII, págs. XX-84).

É o que exprimia Scott em carta de dezembro de 1811, a propósito de seus poemas históricos:

"... Nunca tolero a mistura do verdadeiro com o falso e sempre que me foi dado introduzir personagens reais, preocupei-me em não distorcer os sucessos históricos, mas concatenar na medida do possível o relato imaginário com a verdade histórica. Em *Marmion*, por exemplo, tôda a trama é fantástica mas os acontecimentos históricos reais que a conduzem a uma crise são rigorosamente verídicos..." (224).

A princípio, concordavam entre si que a poesia, assim como o romance histórico, ocupavam um lugar digno na literatura, e muito especial porque tinham o dom de ensinar ("to impart knowledge"), ao mesmo tempo em que divertiam (225). Como Wordsworth, assombravam-se ante a degradação da arte literária em seu tempo com a proliferação de romances folhetinescos e contos germânicos de terror (226). Com o correr dos anos e, à medida em que a erudição do historiador se foi sobrepondo à inspiração do poeta, Southey

---

(224) In Parker, W. M. "Suggestions for Scott's Muse," *TLS*, march 23, 1940, pág. 152; cf. Moore, John Robert, *op. cit.*, pág. 720. A disposição de Scott para um rigor crítico nunca passou de boa intenção. É conhecida a liberdade com que adaptava fatos em seus romances e são frequentes em sua obra os lapsos da veracidade histórica. Num romance, o bispo de Beauvais é assassinado trinta anos antes da data em que se deu realmente o fato; em outro, contrariamente à verdade histórica, Carlos II fica escondido em seu castelo de Woodstock em vez de fugir imediatamente para o continente; o líder infiel Suleimann aparece em um de seus livros bem mais culto e agradável do que o parecem demonstrar as fontes históricas. Nem poderia ser de outro modo, dado o método de trabalho de Scott sempre escrevendo às pressas para alcançar o editor: "... I love to have the Press thumping, clattering and banging at my rear, it creates the necessity which almost always makes me work at my best..." David Munroe em um artigo sobre "Scott e o desenvolvimento dos estudos históricos", lembra que "... while there is a wealth of historical lore in the novels, they are scarcely more accurate than the ballads" (Munroe, D. *art. cit.*, pág. 220). Os romances escoceses são geralmente tidos como o ciclo mais profundo e significativo da obra de Scott e, sob o ponto de vista histórico, muito especialmente o romance *Old Mortality* (Dalches, D., *art. cit.*, 2.<sup>a</sup> parte, pág. 159).

(225) A propósito de um poema histórico que Southey estava escrevendo, observava Scott, em carta de maio de 1810: "... your complete knowledge of every Historian who has touched upon the period, promises the reader at once delight and instruction" (Letters, I, pág. 340). V. tbem carta de Southey para Miss Barker, datada de 10 de outubro de 1801, in Warton, J. B. *Selections*, I, pág. 173.

(226) *The Poetical Works of W. Wordsworth*, pág. 937.

passou a condenar e a precaver-se contra o gênero (227). Em carta inédita de fevereiro de 1815, já se referia em tom crítico à tendência do poeta ou do romancista para inventar fatos ou costumes a fim de agradar o público e proporcionar melhor e mais ameno divertimento (228). "... A mescla entre a novela e a história, "escrevia em Janeiro de 1817", é sempre desagradável para quem se delicia com a verdade histórica (229). Finalmente, em 1825, no prefácio ao poema *A Tale of Paraguay*, um sub-produto da *História do Brasil*, definia bem suas idéias a respeito do tratamento literário de temas históricos:

"Um dos meus amigos observou-me em carta que muitas narrativas que se presumem *fundadas* em fatos são na realidade *fundidas* nêles. É o que acontece quando se manifesta grosseira violação ou ignorância dos acontecimentos históricos nas partes culminantes de um relato onde o autor pretende observá-los; ou quando os alicerces são

- (227) Sabia o quanto era difícil para o poeta manter o necessário equilíbrio entre a inspiração, a imaginação e a veracidade histórica. Criticava, por ex., o poema *Madoc* de Scott pelo que definiu como certo "... want of feeling. This pervades the whole poem — he buries his whole story in his circumstances, just as ladies of old used to be lost under the load of their full dress. Scott is too passionately the Antiquarian — a painter who has to paint knight in armour has no need of any anatomical knowledge and if he keeps their beaver closed it is to no consequence whether he can ever paint a human face. Scott has done wilfully what such a painter might do to hide his ignorance, — he has cased everything in costume and made that the essence of his writing which ought only to be their ornaments..." (Carta inédita a Miss Seward, datada de 28 de maio de 1808, National Library of Scotland, Ms 2521).
- (228) Carta a Henry Southey, datada de 16 de fevereiro de 1815, Bodleian Library (Oxford) Ms Don. d. 3. ff. 8 v. Embora ressaltando sua admiração por Scott e o prazer que suas poesias lhe proporcionavam, Southey costumava criticar suas falhas de método e sobretudo as concessões que fazia para o público. Ainda a propósito de *Marmion*: "... He never narrates perspicuously and it is necessary to read slowly or to read thrice before the thread of his story can be comprehended. His languages has the unpardonable fault of belonging to no age or country, sometimes rust, sometimes tinsel: — and he spells and accents the same word either in the new fashion or the old and writes Scotch or English, just as happens to be convenient. With all this, Scott is a poet of great powers and great originality. When I was in town it fell to my lot more frequently to defend Marmion than to speak of its faults and I did it willingly. The story of the poem would be excellent if he had only developed it well and given himself time to mature it and not hurried it up to be in time for the season, — as green geese are fattened for the London market..." (Carta inédita a Miss Seward, datada de 28 de maio de 1808, National Library of Scotland, Ms 2521).
- (229) Carta inédita a Henry Southey, datada de 6 de janeiro de 1817. Bodleian Library, Ms Don. d. 4, folio 135.

tirados de alguma parte da História tão popular e notória que qualquer mistura da ficção perturba o senso da verdade. E isso é ainda mais verdadeiro quando o tema em si é tão importante que a menor liga de ficção vem necessariamente amesquinhá-lo." (230).

Apesar de decisivamente marcada pelo crivo da orientação literária, a história, segundo Southey, tinha leis próprias e constituía-se em campo nitidamente a parte (231).

Até essa época, no entanto, a história e a literatura constituíam campos afins, em estreita conexão, chegando a confundir-se em um só; Gibbon ocupa inegavelmente um lugar de destaque na prosa inglesa do século XVIII. Pela primeira vez nos inícios do século XIX, lembra Croce a propósito da historiografia romântica, juntaram-se numa só figura o erudito e o historiador, identificando os respectivos misteres. O desenvolvimento da filologia e da crítica dos documentos em geral, erigindo a história em ciência, começava

---

(230) Southey, R. *A Tale of Paraguay*, London, Longmans, 1825, págs. 2ss.

(231) Com sua obsessão das fontes primárias e sua apurada crítica dos documentos, Southey deve ser reputado um dos precursores da história erudita do século XIX. "I should disturb the spiders of Necessidades and leave no convent library unransacked...", escrevia ele sobre as pesquisas para a História de Portugal. (Carta a John May, datada de 18 de fevereiro de 1800, in Cabral, A. *Journals*, pág. 64). Atitude que há de refletir-se em sua História do Brasil, obra surpreendentemente documentada para um primeiro ensaio em tão vasto campo e de um rigor crítico exagerado para a época: "... This will be as true a history, "escrevia ele em 1809", and as industriously and painfully made as ever yet appeared". E logo mais: "This book has costed (sic) me infinite labour..." (Carta a Richard Duppa, datada de 31 de março de 1809, in *Life & Correspondence*, III, pág. 227). Não admirava Scott como historiador. A sua Vida de Napoleão pareceu-lhe uma tentativa infeliz e pequena demais para o que equivalia à história da Europa durante vinte anos. "... He is a novelist, not an historian", comentava ele a propósito dessa obra em carta de 15 de setembro de 1827 para um amigo. (in Warter, J. B. *Selections*, IV, pág. 60). A mesma crítica, fundamentalmente de método, assoma novamente em certa referência ao historiador Barante: "... a sort of Sir Walter Scottish historian, whose book has had great success in France, much more than it would have had if it had been more of what it ought to be..." (Carta inédita ao Rev. Hill, datada de 4 de novembro de 1827, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, ff. 101-102). O seu conceito de uma obra histórica ideal, ao mesmo tempo rigorosamente crítica, artística e interpretativa, transparece em suas cartas nas numerosas referências ao mais acalentado de seus projetos, o da História de Portugal, que não chegou a completar: "... The Mother-Country will make the most amusing work of the series. The materials are so interesting and the documents so good that I expect to produce a work more popular as well as more truly philosophical than any which has preceded it..." (Carta inédita ao Rev. Hill, datada de 10 de outubro de 1810, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, ff. 65-66).

a romper os laços de estreita união com a literatura. Paradoxalmente, é nesse período de transição, que conduz de Goethe e Schiller às obras de Carlyle e Michelet, que a imaginação do historiador aproxima-se como em nenhuma outra época da experiência criadora do artista. Para Southey, a história, embora se constituísse em campo nitidamente aparte da literatura, nem porisso deixava de ser uma arte de reconstrução e de revivência do passado. Caberia à ciência e à erudição crítica fixar e comprovar os fatos históricos e à arte e à imaginação do historiador narrá-los e demonstrar-lhes o sentido humano e o verdadeiro significado dos acontecimentos. Nesse sentido, partilhava das críticas de Scott ao erudito ("antiquarian") "Dryasdust".

Quanto às raízes dessa visão pictórica e imaginativa da história, que Southey e Walter Scott exprimiram em suas obras, dificilmente se pode afirmar até que ponto foram puramente literárias. Assim, por exemplo, a idéia de que a unidade é tão importante na obra histórica como no drama, enunciada por Southey em 1803 <sup>(232)</sup>, não se resume apenas num princípio estético, de raízes literárias, mas corresponde também à consciência de um princípio orgânico e, portanto, interpretativo da história. A identificação por simpatia e a vivência subjetiva, é uma herança da imaginação criadora do poeta, mas também representa para o historiador um recurso de interpretação, o de humanizar a história, face ao que consideravam a retórica e o desprendimento dos historiadores racionalistas. O estilo de representação pormenorizado e realista, quase visual, de um passado familiar e muito humano também reflete uma certa visão da história, com raízes em conceitos filosóficos correntes na época e em experiências vividas pelo historiador.

A REVOLTA CONTRA OS UTILITARISTAS — *a visão humanizadora e a intuição de um progresso orgânico na história.*

Descendo às minúcias, focalizando pequenos acontecimentos e fatos laterais, aproveitando sutilmente os "dados complementares" dos documentos, tanto Southey como Scott

---

(232) (Southey, R.) "On William Godwin's Life of Chaucer", *The Annual Review*, II (1803), pág. 473.



chegaram em suas narrativas a humanizar o passado e a exibir através das grandes conturbações da história, a consciência de uma continuidade de vidas quotidianas.

Balzac teria admirado a habilidade com que Scott e Cooper tratavam uma campanha, concentrando-se apenas em pequenas escaramuças menores, localizadas. Esta concentração ou intensificação do enquadramento histórico teria sido, segundo Lükacs, uma contribuição inédita de Scott para o romance histórico (233). Este traço de estilo já se achava também presente na *História do Brasil* de Southey, na maneira como o historiador focalizava e pintava com cuidado especial pequenos encontros armados entre os colonos e os holandeses e humanizava através dos pormenores as batalhas mais importantes, como a do monte das Tabocas:

“... com o nascer do sol perceberam tôda a extensão da sua vitória: armas e munições jaziam no campo em abundância; os soldados armados e os negros e índios vestidos dos despojos. As nove, chegaram os moradores dos arredores com a notícia de que os holandeses fugiam para o Recife... Tôda a gente do exército sabendo então da sua libertação e do seu grande sucesso, caíram de joelhos e deram graças ao Deus da Vitória; as colinas ecoavam os gritos de “Viva a Nossa Santa Fé Católica Romana! Liberdade para sempre! Viva El Rei Dom João!” enquanto Fernandes, de chapéu na mão, passava por entre as tropas, felicitando, aplaudindo e abraçando um por um” (234).

Scott admirava o gênio com que Defoe descrevia os fatos tão minuciosamente como se tivesse sido testemunha ocular deles, assumindo o próprio caráter dos personagens envolvidos (235). De fato, mais do que um simples espectador o historiador ou romancista do passado deveria revi-

(233) Lükacs, GEORG op. cit., pág. 43.

(234) *History of Brazil*, II, pág. 113.

(235) “... The contrast between the soldiers of the celebrated Tilly, and those of the illustrious Gustavus adolphus, almost seems too minutely drawn to have been executed from anything short of ocular testimony. But Defoe's genius has shown this and other instances, how completely he could assume the character he describes” (*Miscellaneous Works*, IV, pág. 253; cf. Moore, John Robert., art. cit., pág. 722).

ver em si mesmo os motivos, os revezes, os sofrimentos dos seres humanos do passado, participando intimamente de suas vidas <sup>(236)</sup>. Na *História do Brasil*, João Fernandes Vieira aparece como um ser humano de carne e ossos, compelido pelas circunstâncias a mandar a mulher em estado adiantado de gravidez para a casa de um parente e a refugiar-se êle mesmo no mato "... sem nunca ir a algumas de suas propriedades ou dormir duas noites sucessivas no mesmo lugar" <sup>(237)</sup>.

Em cada documento e em todos os cronistas, advertia Scott na introdução a *Ivanhoe* (1819), encontram-se pistas e pequenos indícios sobre a vida íntima de nossos ancestrais. "... em proporção diminuta, comparado a outros tópicos, mas capazes, se bem concatenados, de lançar muita luz sobre a vida particular dos homens do passado..." <sup>(238)</sup>.

Era grande a familiaridade que sentiam com êsses ancestrais remotos. "Não havia novidade alguma na descoberta de que os homens, há quatrocentos anos atrás, tinham os mesmos temperamentos e as mesmas paixões de hoje", escrevia Southey em 1803 <sup>(239)</sup>. Em 1814, na introdução de seu primeiro romance, escrevia Scott que fora sua intensão reviver

"... aquelas paixões comuns aos homens em tôdas as etapas da sociedade e que agitaram igualmente os corações que pulsaram sob o arnés de aço do século XV, as casacas bordadas do Setecentos ou os fatos azuis... dos dias de hoje" <sup>(240)</sup>.

---

(236) É sugestivo do interesse e da vivência do historiador do Brasil a seguinte passagem de uma carta inédita, ao tio: "... I suspect that the great I de Joanes in the mouth of the Maranham was made far too large in the maps, and Pimentel confirms me in this notions... I suppose the main current of the river turns the corner and flows by Belem, for otherwise I do not see how the poor Friars whose adventure occasioned Teixeira's expedition could have reached that city by abandoning themselves to the stream. Frightened and in fact lost as they were, they must have been carried strait (sic) to the sea..." (carta datada de 11 de maio de 1809, Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 37, 38).

(237) *Hist. of Brazil*, II, pág. 85.

(238) Scott, W. *Quentin Durward. Ivanhoe*. Kenilworth, págs. 388-400. ..

(239) (Southey, R.) "On William Godwin's Life of Chaucer", art. cit., pág. 469.

(240) Scott, W. *Waverley*, London, Macmillan & Co., 1910 ("border edition"), pág. 5.

A diversidade dos costumes e das leis, continuava Scott, daria necessariamente a esses sentimentos um colorido diferente; “mas, embora a tintura fôsse não apenas diferente, e sim oposta em forte contraste, os brazões — para usar a linguagem da heráldica — permaneciam os mesmos” (241). Graças a esse “campo neutro” (242) o romancista sentia afinar-se sua alma com as de outros tempos e encorporava na criação artística essa comunicação espontânea com o passado histórico. Demonstrou com grande dramaticidade em sua obra como as forças históricas envolvem e arrastam em seu curso o destino dos homens. Seus heróis “mediocres” são seres incautos, que sem estarem diretamente interessados nas maquinações do poder ou em conflitos sociais vêm-se como o jovem Waverley, envolvido na rebelião escocesa de 1775, ou como Henry Morton, lançado pelas circunstâncias na rebelião dos fanáticos “cameronians”; sua sorte tão intimamente comprometida com a deles que se torna involuntariamente um de seus líderes (243).

Acontecimentos contemporâneos por eles presenciados, as guerras napoleônicas, a campanha peninsular que seguiram com tão particular empenho e viva emoção, teriam certamente vindo aguçá-lhes a sensibilidade e a consciência do drama de vidas humanas na história. Não poderiam encenar friamente uma batalha. Uma guerra, mesmo quando exaltada pelas maiores aspirações nacionais, como a que moveram

---

(241) *Ibidem*, *idem*.

(242) Scott, W. *Quentin Durward*, *Ivanhoe*, *Kenilworth*, pág. 401 (*Ivanhoe*). “... The passions, the sources from which these (sentiments and manners) must spring in all their modifications, are generally the same in all ranks and conditions, all countries and ages; and it follows, as a matter of course, that the opinions, habits of thinking, and actions however influenced by the peculiar state of society, must still, upon the whole, bear a strong resemblance to each other. Our ancestors were not more distinct from us, surely, than Jews are from Christians: they had eyes, hands, organs, dimensions, senses, affections, and passions...” (*ibidem*, pág. 402).

(243) Sentindo-se envolvido pelas circunstâncias, Morton constata a insignificância de uma vida na maré da história e do tempo: “... Murmurer that thou art”, said Morton, in the enthusiasm of his reverie, “..... why chafe with the rocks that stop their course for a moment? There is a sea to receive thee in its bosom; and there is an eternity for man when his fretful and hasty course through the vale of time shall be ceased and over. What thy petty fuming is to the deep and vast billows of a shoreless ocean, are our cares, hopes, fears, joys, and sorrows, to the objects which must occupy us through the awful, and boundless succession of ages!” (*Old Mortality*, pág. 362). Os cuidados, receios, esperanças, alegrias e dores dos homens do passado deveriam, entretanto, ser o objeto do historiador.

contra Napoleão, representava o sofrimento de seres humanos e a desgraça de indefesos. A propósito da retirada de Sir John Moore da Península, em 1809, escrevia Southey para Scott:

“... Com toda certeza, se eu tiver de escrever a história da sua campanha não incluirei uma só sílaba de má fé. Mas também, por Deus, nada atenuarei. A retirada será pintada em suas verdadeiras côres de vergonha e horror, tão nítida como a própria vida ou melhor como a própria morte, que foi o que significou, não apenas para as desgraçadas mulheres e crianças, que nunca deveriam ter tido permissão de entrar na Espanha, mas também para os homens e os animais — uns e outros marcharam até faltar-lhes a carne e o sangue, e os homens tomados de desespero ao saberem que suas vidas tinham sido assim ignomiosamente desperdiçadas...” (244).

A vivência do homem marcaria o estilo do historiador. Na guerra contra os holandeses, explicitava Southey, os colonos não tinham sofrido apenas em sua condição de soldados ou rebeldes, mas também como seres civilizados e sociais. Atacando suas mulheres e crianças, os holandeses os atingiam em sua natureza moral e humana (245).

“...O edital contra mulheres e crianças foi assim baixado, e não lhes restava senão a alternativa de ficar expostos às chuvas e enchentes, assim como aos répteis e bichos do mato, ... ou ficar à mercê da soldadesca brutal e dos selvagens que seriam largados sobre elas. “Considere agora o pio leitor, “diz F. Manoel, “o que fariam as pobres e miseráveis mulheres, vendo seus pais, maridos, irmãos, e filhos ausentes, sem saberem as paragens aonde estavam, vendo-se sós e desamparadas, e no meio do rigor do inverno, sem mantimento para se sustentar entre as silvas horridas dos matos e vendo que a tirana espada do inimigo estava

(244) Carta a Scott, datada de 6 de agosto de 1809, in *Life & Correspondence*, III, pág. 250.

(245) *Hist. of Brazil*, II, pág. 102.

já ameaçando seus pescoços e gargantas; umas se prostravam de joelhos, e com as mãos levantadas ao Céu, e os olhos arrasados em lágrimas, pediam a Deus perdão, e misericórdia... outras se abraçavam com os inocentes filhinhos, e com soluços e gemidos se despediam dêles; outras caíam desmaiadas em terra..." (246).

A consciência das paixões e dos sentimentos muito humanos dos homens do passado e a conseqüente humanização da história foi uma contribuição nova para a historiografia. Os historiadores dos inícios do século XIX afastaram os moldes psicológicos e racionais que norteavam a conduta dos homens no século das luzes, admitindo fatores alheios a sua vontade ou contrôle. Escrevendo em 1838, observava Carlyle, que os romances de Scott tinham ensinado aos homens uma verdade que, embora pudesse parecer evidente, era antes ignorada: a de que os tempos idos não tinham sido habitados apenas por protocolos, papéis de estado, contróversias e abstrações, mas por seres reais, vivos

"... por homens vestidos de pele, ou de outros casacos e calções, com a côr nas faces, com paixões no estômago, e com os idiomas, os traços e as vitalidades de todos os homens" (247).

Southey também sentia o elemento humano como uma presença viva na história.

Este sentimento de familiaridade com os homens do passado subentendia no historiador um sentido peculiar de continuidade histórica. De fato, em seu livro *The Transition in English Historical Writings (1780-1830)*, Thomas Peardon procura demonstrar como o sentimento de profundo nacionalismo que se apoderou dos ingleses na época das guerras napoleônicas veio unir o cidadão aos seus ancestrais, acen-

(246) *Ibidem*, II, págs. 102-103. Para o trecho em que Southey traduz Frei Calado recorremos ao original do Valeroso Lucideno. Fr. Manoel Calado, *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*, S. Paulo, Edições Cultura, pág. 366.

(247) "... History will henceforth have to take thought of it... It is a great service, fertile in consequences, this that Scott has done..." Carlyle, Thomas. "Sir Walter Scott", in *Essays, Scottish & other Miscellanies*, London, Everymanns Library, 1964, págs. 102-103.

tuando a noção de viva familiaridade com os homens do passado e ressaltando de forma muito peculiar a consciência de uma continuidade histórica a cimentar a nacionalidade (248).

Em certa passagem de um romance, Walter Scott chega a identificar num mesmo arroubo o sentimento da história e o amor à pátria, em um cidadão capaz de compreender o passado e porisso mesmo, também capaz de prever o futuro da nação:

“... A conversa do senhor Jarvie exibia a marca de um espírito atilado, observador, liberal e, na medida das suas oportunidades, evoluído. Era um bom conhecedor das antiguidades locais e entre-tinha-me durante o trajeto com a narrativa dos fatos notáveis ocorridos nos sítios que percorriamos. E, como êle estava bem a par da história antiga da sua região .contemplava com o olhar de um patriota iluminado, muitos dos sucessos ainda em botão que floresceram e sazouaram nos últimos anos...” (249).

Fascinava-os principalmente na história a fase de transição, a ponte, os elos que uniam o presente ao passado e Southey recorria com frequência a certas expressões e referências que reforçavam êsses traços de união na história, entre os homens do presente e os do passado. Descrevendo, por exemplo, a abertura do antigo caminho para Cuiabá, concluiu lembrando a persistência dos mesmos perigos no presente:

“... Os Paulistas até hoje seguem o mesmo caminho para Cuiabá que os primeiros colonos seguiam e continua a ser uma viagem muito difícil e de grande perigo” (250).

Ao descrever o perigo do terror na França, com o mesmo intuito de realçar os horrores de um passado muito próximo, Carlyle haveria de lembrar que a irmã de Marat continuava viva em Paris... (251).

---

(248) Peardon, Thomas. op. cit., págs. 181-182.

(249) Scott, W. Rob Roy, pág. 308.

(250) Hist. of Brazil, III, pág. 255.

(251) Cf. Neff, E., op. cit., pág. 124.

Costuma-se freqüentemente negar, como Taine, em sua *História da Literatura Inglesa*, a autenticidade do sentimento e da visão histórica de românticos como Southey e Scott (252). Aponta-se a tendência corrente na historiografia da época para uma representação pictórica do passado como artifício: excesso de fausto e pompa colorida, produto antes da pura imaginação artística, do que de um verdadeiro sentido histórico (253).

Todavia tanto um como outro, ocuparam-se muito de história contemporânea. Em artigos para a *Quarterly Review* ou para o *Edinburgh Annual Register* procuraram abordar os grandes problemas da época e remontar as suas raízes no passado, o que de per si caracteriza atitude de pensamento essencialmente histórica. Foi este o objetivo de Southey em sua *Biografia de Nelson*, na *História da Guerra Peninsular*, em seu livro sobre a igreja anglicana, no projeto de uma obra sobre "A idade de George III" (254) e em seus *Colóquios sobre o progresso e as perspectivas da Sociedade* (1829) — e o de Scott, em seus ensaios sobre a jurisdição escocesa ou em sua *Vida de Napoleão*. Um tom de proselitismo predomina nessas obras: ensinar, alertar, esclarecer a opinião e a mentalidade dos leitores. Sir Walter estava sempre a lembrar a utilidade dos estudos históricos — como guia para o futuro e com bálsamo ("a healing balm") para alívio das dissensões internas de uma nação (255). Southey também adotava uma atitude pragmática em relação à história, procurando na compreensão do passado explicações para o presente e lições para o futuro. Era porém mais cético: "... Eu gostaria de ver o paralelo que você sugere entre a nossa grande rebelião e a revolução francesa, "escrevia para Scott, em carta inédita de 27 de outubro de

---

(252) Taine, H., op. cit., IV, pág. 265.

(253) Fueter, Ed., op. cit., II, págs. 122-123.

(254) "... After I had written that sketch of Cromwell's life some years ago in the Q.R. I was dispensed to have taken up the subject at length: but Murray offered me so shabby a price that it would have been degrading to have listened to such a proposal. At present, I have some thoughts of undertaking a summary view of our civil history to the accession of the house of Hanover under the title of the Book of the State. This would require three octavos,—and following it with *The Age of George III* — upon a larger scale, and with an introductory and connecting view of the two intermediate reigns..." (Carta inédita a Scott, datada de 7 de outubro de 1824, National Library of Scotland, MS 868).

(255) *Letters*, VII, p. 47: cf. Forbes, Duncan, art. cit., pág. 27.

1824, “traçada pelas suas próprias mãos. Seriam interessantíssimas e importantíssimas as advertências que ela pode oferecer, se é que as nações se deixam advertir pela experiência” (256).

A proximidade, a familiaridade que sentiam com os homens do passado, homens afinal idênticos a eles em seus sentimentos e inquietações, favorecia essa atitude. Graças ao “campo neutro”, tão bem definido por Scott, os homens da “idade das revoluções”, como chamavam a sua época, buscavam a compreensão de um presente atribulado num passado que lhes parecia cheio de calor humano, muito acessível e real. Para Southey, o *Minstrelsy of the Scottish Border* de Scott correspondia bem ao sentimento vivo da história, predominante na época, àquela “... curiosidade natural e ansiosa, que nos convida a compulsar os feitos de nossos ancestrais, a investir assiduamente sobre cada documento que possa jorrar luz sobre a História, as opiniões, os usos e os costumes dos antigos” (257).

Captar as forças históricas e sua evolução no tempo era a chave para a compreensão das sociedades humanas. O que distinguia os homens dos animais, lembrava Scott, era justamente o fato dele ser um animal “progressivo”, pelo que queria dizer histórico:

“Nossos olhos têm a faculdade de encarar o passado, de melhorar os progressos feitos pelos nossos antepassados, evitando seus erros. Isso só se pode alcançar estudando a história e comparando o atual com o pretérito...” (258).

Era a mesma a atitude de Thomas Morus reencarnado nos *Colloquies* de Southey:

“... retrocedendo aos tempos idos, olhando as coisas como eu as vi, notando onde eu acertei ou erre e traçando os progressos daqueles motivos que hoje desenvolvem toda a sua tremenda força é que se chega a obter algum ensinamento” (259).

(256) National Library of Scotland, MS 868.

(257) *The Annual Review*, I (1802), pág. 635.

(258) *Letters*, VII, pág. 34; cf. Forbes, Duncan, art. cit., pág. 27.

(259) Southey, Robert, *Colloquies*, I, pág. 19.



Julgavam de essencial importância compreender aqueles fatores que se lhes afiguravam tão ameaçadores à sociedade de seu tempo.

Ao passo que Bentham e seus discípulos faziam a apologia da idade da máquina, o seu espírito romântico revoltava-se contra o rumo que ia tomando a sociedade em seu tempo, com o “nôvo sistema manufatureiro”. Repugnava-os a aridez da moral liberal que aplaudia a transformação do mundo moderno em uma comunidade industrial densamente povoada, cuja aspiração obsessiva parecia ser a satisfação dos apetites e cujo padrão era a mediocridade <sup>(260)</sup>.

Southey freqüentemente dá largas, em sua correspondência a seu horror às grandes cidades em geral e a Londres em particular. “Em qualquer lugar, “escrevia em outubro de 1817, “eu poderia achar alimento para o coração e a fantasia, naqueles dias que nos achamos mais acessíveis às influências externas, a não ser nas grandes cidades. Se me confinassem nelas, eu acabaria murchando como uma flôr à meada de uma janela” <sup>(261)</sup>. Jeannie Deans, em *The Heart of Midlothian* de Scott, sente-se perdida em Londres e não tem coragem de ir passear naquele “labirinto de casas negras” <sup>(262)</sup>.

“A natureza requer que as populações se achem espalhadas pelo solo, proporcionalmente a sua extensão (escrevia Scott). Nós acumulamos em cidades imensas e em oficinas sufocantes multidões que deveriam disseminar-se sobre amplas áreas. Pudera se elas são tão corruptas! <sup>(263)</sup>.

Do mesmo modo, Southey revoltava-se contra os inventores e cientistas que contribuíam para a mecanização do homem e para materialização da vida pregada pelo espírito utilitarista:

---

(260) Kirk, Russel, *The Conservative Mind*, London, Faber & Faber Ltd. s. d., pág. 113.

(261) Carta a Chauncey H. Townshend, datada de 31 de outubro de 1817, in *Life & Correspondence*, IV, pág. 283.

(262) Scott, W. *The Heart of Midlothian*, pág. 536.

(263) Lockhart, George. *Memoirs of Sir Walter Scott*, vol. XIX, p. 218: cf. Kirk, Russel, op. cit., pág. 113.

“De modo geral, não simpatizo muito com os cientistas; suas pesquisas me parecem ressecar a imaginação e endurecer os corações. Eles se habituaram tanto a analisar e esmiuçar tudo, a compreender ou cuidar que compreendem tudo o que aparece diante de seus olhos, que muitas vezes se tornam simples materialistas, tudo explicam em termos de mecanismo e movimento e desterrariam do mundo tudo quanto o torna suportável. Eu não subestimo seus conhecimentos, nem a utilidade de seus descobrimentos, mas eu não gosto dessa gente. Minha própria natureza requer um pouco mais do que aquilo que eles ensinam; ela aspira o não visto; ela existe na esperança de um futuro melhor, que parece comprovado por todos os seus anelos e promessas” (264).

Em oposição ao árido materialismo e à mecanização da sociedade incentivada pelos utilitaristas, esses românticos conservadores, cujo pensamento se desenvolvera à sombra do idealismo filosófico de Coleridge, queriam ressaltar na história, humanizando-a com sua revivência dramática, a imensa variedade de motivos humanos, o jogo das paixões, o caráter nacional, o valor das tradições, a importância da religião e da ordem moral dos homens. Valôres que julgavam ameaçados pela moderna civilização industrial e pelo pensamento racionalista dos utilitaristas: apegavam-se à filosofia política e à imaginação de Burke: revoltava-os a atomização da sociedade num individualismo utilitarista e o materialismo estatístico dos “economistas políticos”. Temiam, sobretudo, os seus projetos de reformas radicais da sociedade. Em 1809, Southey manifestava-se por princípio contra o “constitution-making” de Locke para o estado da Virgínia, precursor, a seu ver, do Abbé Siéyès na França (265). Scott envolvera-se, em 1806, numa polémica violenta com Bentham, a propósito de seu projeto de reforma da jurisdição escocesa. Acreditava que um sistema cheio de tradições e estabelecido havia séculos não podia, a seu ver, ser posto a prova como uma teoria nova qualquer. Durante séculos, o povo tinha adaptado seus costumes às leis.

(264) Carta a Walter Savage Landor, datada de 23 de abril de 1809, in *Life & Correspondence*, III, pág. 231.

(265) (Southey, R.) “History and Present State of America”, *Quarterly Review*, vol. II, (1809), pág. 329.

Uma nação civilizada, havia muito dotada de um código com o qual conseguira florescer, adaptando-o e consertando-o, apesar de seus inconvenientes, não poderia ser tratada como uma colônia nova, sem precedentes e, pois, mais susceptível de experiências legislativas (266). Parecia-lhes monstruoso a adulteração de leis consagradas pela história para satisfazer uma atitude temporária e a seu ver illusória. A uniformização da sociedade, advertia êle, viria apenas acrescentar a instabilidade e a fermentação de revolta.

“... destruindo aos poucos o que resta da nacionalidade e fazendo do país TÁBULA RASA para doutrinas audaciosamente inovadoras, relaxando e dissolvendo tôdas as peculiaridades, que nos distinguem como escoceses, reduzirão o país à situação de uma democracia e, em lugar de vagabundos inofensivos, hão de ter uma perigosíssima vizinhança de gente do norte da Grã-Bretanha...” (267).

dispostas a irromper a qualquer momento sôbre êles em sangrenta rebelião.

Foram acusados de reacionários e de retrógrados pelos “Whigs” e reformadores utilitaristas de seu tempo. A julgar pelo modo hostil com que se manifestaram acêrca do radicalismo filosófico, poder-se-ia de fato concluir que Southey e Scott tivessem descartado a idéia do progresso, como o fariam os historiadores do movimento liberal anglicano, em muitos aspectos, seus continuadores (268). Entretanto, a idéia do progresso foi central em sua visão histórica e mesmo artística, provavelmente por terem sofrido em sua juventude influências profundas de Condorcet e da escola filossófica escocesa.

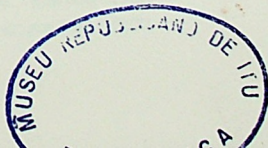
“Estou certo de que há, de que houve desde o comêço e continuará a haver no mundo um progresso gradual, até que a espécie humana tenha atingido tôda a perfeição de que é capaz em sua condição mortal” (269).

(266) Lockhart, G. *Memoirs*, III, págs. 305-306; cf. Kirk, R., *op. cit.*, pág. 111.

(267) *Ibidem*, VIII, pág. 220; cf. *Ibidem*, pág. 112.

(268) Forbes, Duncan. *The Liberal Anglican Idea of History*, Cambridge University Press, 1952.

(269) Carta a Richard Gooch, datada de 30 de novembro de 1814, in *Life & Correspondence*, IV, pág. 87.



escrevia Southey em carta de novembro de 1814 e fazia questão de salientar, que se tratava de uma convicção que deduzira de seus estudos históricos. Tôda sua correspondência testemunha uma atitude diante da vida marcada por uma fé fundamental no progresso como essência da natureza humana e linha mestra na história. Era a mesma a orientação de Scott, segundo o qual, um dos objetivos mais curiosos e o de maior valor dos historiadores era justamente o de

“... traçar o progresso da sociedade através dos esforços feitos em eras remotas, no sentido de melhorar a rudeza dos meios até chegarem à perfeição, ou, como é mais freqüente, até aqueles primeiros expedientes serem substituídos por descobrimentos novos e fundamentais, que superam o sistema mais antigo e grosseiro, assim com os melhoramentos anteriormente adotados...” (270).

O progresso constituía a própria essência do progresso histórico. O conceito repousava “...em fundamentos razoáveis e é sustentado pelo progresso geral que a história denuncia (sempre avançando se a considerarmos pela escala mais ampla)...” (271). Mas se tratava de um progresso orgânico e gradativo, orientado por um espírito transcendente, o da Providência Divina, que eles opunham ao conceito revolucionário do progresso, pregado pelos filósofos da Revolução Francêsa.

Julgavam-se fundamentalmente em desacôrdo com o racionalismo filosófico do século XVIII, que, a seu ver, ignorava o jôgo das forças históricas: às abstrações do “homem natural”, ou do homem “mecanizado” de Bentham e Mill, queriam opor o sêr histórico e viam as nações e as sociedades à luz de seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Em seu livro *Edmund Burke and The Revolt against the 18th Century (A study of the political and Social Thought of Burke, Wordsworth, Coleridge and Southey*, Alfred Cobban afirma ter sido o sentido histórico a verdadeira força criadora da sua revolta contra o século XVIII (272). Em 1803,

---

(270) Scott, W. *Quentin Durward*. Ivanhoe. Kenilworth, pág. 168.

(271) Southey. R. *Colloques*, I, pág. 30.

(272) Cobban, A., *op. cit.*, pág. 258.

Southey escrevera um violento ensaio contra Malthus, rebatendo com argumentos sôbre a evolução e a heterogeneidade das instituições sociais, a deshumanidade da sua filosofia naturalística. Em lugar da “constituição física da nossa natureza”, dizia, Malthus deveria ter escrito — “no atual sistema de nossa sociedade” (273).

Embora acatassem conceitos de Montesquieu e mesmo das novas investigações antropológicas incentivadas pelos estudos científicos de Buffon desde 1749, nunca aceitaram as leis mecânicas que regiam o universo dos PHILOSOPHES (274). Em suas obras, conferiam com relativa frequência à influências climáticas certas características humanas morais. Entravam porém, em contradição consigo mesmos e eram os primeiros a desmentir as implicações que resultariam de uma tal relação causal (275). Assim como Wordsworth, em seu poema *Ruth*, imputa a exaltação e o desregramento das paixões ao clima dos trópicos da América (276), também Scott, em seu romance *Peveril of the Peak*, atribui a perdição dos homens ao seu contato com o clima tórrido: “Se as minhas idéias do bem e do mal são rudes e incoerentes, “diz a anã de Marrocos, “devo-as primeiro à febre escaldante que o sol da minha terra natal comunicou

---

(273) (Southey, R.) “On Malthus' essay on Population”, *The Annual Review*, vol. II (1803), pág. 297.

(274) Cobban, Alfred, *op. cit.*, págs. 157ss e 258ss.

(275) Erskine, John, “Sir Walter Scott”, *Columbia University Quarterly* (1940), págs. 46-47.

(276) “... The wind, the tempest roaring high,  
Might well be dangerous food  
For him, a Youth to whom was given  
So much of earth——so much of heaven,  
And such impetuous blood.

Whatever in those climes he found  
Irregular in sight or sound  
Did to his mind impart  
A kindred impulse, seemed allied  
To his own powers, and justified  
The workings of his heart.

Nor less to feed voluptuous thought,  
The beauteous forms of nature wrought,  
Fair trees and gorgeous flowers;  
The breezes their own languor lent;  
The stars had feelings, which they sent,  
Into those favoured bowers...” (The Poetical  
Works of W. Wordsworth, pág. 193).

às minha veias..." (277). No entanto, no romance *The Heart of Midlothian*, o jovem Robertson é levado para o caminho dos vícios, não tanto por influência do clima das plantações das Antilhas em que fôra criado, mas por sua convivência com crioulos e escravos de moral degenerada (278). Não era o clima das colônias da América, observava Southey, mas a instituição da escravidão e o preconceito contra o trabalho manual, presentes em tôdas as sociedades coloniais, a verdadeira causa do relaxamento da moral e dos costumes: "... De todos os sofistas, os mais perigosos são aqueles que querem regular a moralidade, segundo os graus de latitude" (279).

Revoltavam-se contra o determinismo utilitarista de seus contemporâneos. No plano moral, a natureza e o mundo físico representavam um sistema de causa e efeito completamente independente do destino humano. A moral seria uma contribuição independente, do próprio homem, à natureza exterior. Como Herder, não aceitavam um fatalismo da natureza sôbre os homens: êstes seriam os seus próprios espíritos do mal.

Os indivíduos na história não desconheciam o pêso da responsabilidade. Em muitos momentos de crise na vida dos povos fôra decisiva a atuação de um indivíduo. Na introdução ao capítulo sôbre os holandeses no Brasil Southey culpa os ministros Buckingham e Olivares pelos sofrimentos e crimes que ocasionaram, contaminando as disposições pacifistas de seus soberanos (280). Em outra passagem, observa no mesmo espírito: "Tivesse Mem de Sá sido menos hábil e menos infatigável e a área que hoje abriga a capital do Brasil e dos Braganças seria francesa..." (281). Assim também, teria sido Schoutens o responsável pela derrota dos holandeses "... porque confiou demais na atividade de seu governo e na negligência da Espanha" (282).

---

(277) Scott, W. *Peveril of the Peak*, pág. 188.

(278) Scott, W. *The Heart of Midlothian*, pág. 519.

(279) (Southey, R.) "On the Feroese Islands", *Quarterly Review*, vol. n. 8. (Aug-nov. 1810), pág. 333.

(280) *Hist. of Brazil*, I, pág. 438.

(281) *Ibidem*, I, pág. 302.

(282) *Ibidem*, I, pág. 449.

Acreditavam em uma Providência Divina a reger em última instância os destinos históricos da humanidade. As vicissitudes da história não refletiriam apenas os crimes e as loucuras dos homens, como o pretendia Voltaire. Seriam o desenrolar do plano da moral divina nas relações humanas. Apesar de todos os seus temores e inquietações, eram por princípio otimistas — um otimismo de fé que se manifestava numa confiança "... no progresso da verdade, do saber e do bem estar geral", nos destinos finais da humanidade (283). No esquema da Providência — dizia Southey — tôdas as coisas militavam para o melhor e os males do presente acarretavam os benesses do futuro" (284).

Mas o processo histórico seria em si um fenômeno independente da ordem sobrenatural. Prezavam o livre arbítrio dos homens com decidida convicção. "... Human actions are free and we exist in time", escrevia Southey em 1829 (285). E nesse plano mais imediato da história, os indivíduos assim como as sociedades eram responsáveis pelo seu destino histórico. As suas convicções "tories", enraizadas em momentos de graves crises sociais, não de manifestar um pessimismo profundo, o mesmo que ressurgiria mais tarde na obra de Thomas Arnold. Em seus escritos empregavam mesmo um tom predonitório, de alerta àqueles que acreditavam cegamente no progresso.

Para êles, a história não refletia o progresso contínuo e mecânico da razão. No seu próprio conceito do progresso, as sociedades evoluíam segundo uma ordem divina, "a seu tempo", no processo lento das tradições. Este processo, entretanto, acelerara-se súbitamente nos últimos tempos e o presente, assim como o futuro, os apavorava. A história oferecia inúmeros exemplos de estagnação de um povo e mesmo de regressão e decadência de grandes nações, cuja responsabilidade atribuíam, como Coleridge, à iniciativa individual e à moral dos homens.

---

(283) Carta a Sharon Turner, datada de 2 de abril de 1816, in *Life & Correspondence*, IV, pág. 155.

(284) (Southey, R.) "On the Church of England Missions", *Quarterly Review*, vol. 63, pág. 27.

(285) Southey, R. *Colloques*, I, págs. 17-18.

"A sociedade (escrevia Southey, em seus *Colloquies*) tem suas fases críticas e seus climatórios; nenhuma alteração, nenhuma evolução há de ocorrer em tais épocas sem indicar algum perigo peculiar e acessório... Este é um dos seus climatórios. Um nóvo princípio, um NOVUM ORGANUM foi introduzido, ... o mais poderoso já conferido pelo homem... O vapor governará o mundo... e irá abalá-lo antes de estabelecer o seu poder" (286).

O sistema industrial parecia-lhe uma febre incontrolável de acumulação de capitais. Escravizando uma parte do povo, provocando tumultos e excessos no âmago da sociedade, parecia ameaçar o futuro da Grã-Bretanha. Estas são atitudes e conceitos que ficaram gravados no estilo do historiador.

A história não alertava tanto contra indivíduos como contra instituições: "A tendência dos estudos históricos", observava Southey, "era a de tornar os homens mais tolerantes com relação aos indivíduos e menos tolerantes para com as instituições e os usos, que corrompem as disposições e pervertem a consciência dos homens" (287). Um mesmo tom de acentuado moralismo domina consequentemente as reconstruções do passado nos romances de Scott (288) e na história do Brasil de Southey. Eles julgam os fatos que narram, pois, como vimos, a experiência do passado, devidamente medida pelo historiador, deveria servir de lição para o presente e de guia para o futuro. A propósito da tentativa do Seigneur de Bretigny em Caiena, observa judiciosamente Southey, que muitas vêzes, "... o poder absoluto ocasiona a demência em espíritos predispostos para o mal" (289). Caracteriza indivíduos como "ruffians" e circunstâncias

---

(286) Southey, R. *Colloquies*, I, pág. 119.

(287) (Southey, R.) "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", *Quarterly Review*, vol. 75, pág. 210.

(288) "This tale", escreve Scott, na conclusão do romance *The Heart of Midlothian*, "will not be told in vain, if it shall be found to illustrate the great truth that guilt, though it may attain temporal splendour, can never confer real happiness; that the evil consequences of our crimes long survive their commission, and, like the ghost of the murdered, for ever haunt the malefactor; and that the paths of virtue, though seldom those of worldly greatness are always those of pleasantness and peace" (págs. 777-778).

(289) *Hist. of Brazil*, III, pág. 13.



como “atrocious”. Era o que Prescott chamaria “the plain spoken school” (290). Do distrito das Minas, diria Southey em tom profundamente moralista, que “... era o pôrto mais rico de todo o Brasil em produtos minerais, mas o mais pobre em tudo quanto representa a verdadeira riqueza ou contribui para o bem estar dos homens...” (291).

Além de discordar do conceito do progresso e do determinismo utilitarista, Southey e Scott tinham, sobretudo, a atividade dos Radicais e os movimentos revolucionários que aquela filosofia inspirava; Segundo o processo brusco daquele progresso revolucionário em que acreditavam, não apenas indivíduos, mas sociedades inteiras poderiam perder-se, ser suprimidas, pois as revoluções desencadeavam as paixões nos indivíduos e a anarquia nas sociedades. Na história, apenas o ritmo ordenado era o da Providência; as revoluções cabiam à fatalidade, ao caos do acidental e da destruição, ao destino que o homem entregue ao jôgo do acaso e da natureza acarreta para si mesmo.

O horror às revoluções sociais reflete-se em figuras e imagens de suas obras. Em sua história do Brasil, a propósito da revolução de Antequera em 1728, Southey chama atenção para “... um desses homens que figuram sempre na primeira linha das sedições populares” (292). O mesmo cego oportunismo e interesses individuais aparecem também na figura de Robertson, no romance *The Heart of Midlothian* de — Scott, o líder de um levante da população de Edimburgo em 1736 (293). Como Robertson, estes revolucionários são geralmente “marcados” (“fey”), isto é, estão sob a égide da fatalidade que é a história sem Deus. Este personagem do romance está condenado por seus fados cegos, ao passo que a jovem camponesa Jeannie Deans, apesar de todos os riscos a que se expõe para salvar a irmã, em nenhum momento se arrisca a perder-se pois sua vida está conforme aos princípios da Providência. Revolucionários como Robertson, ex-

---

(290) “... I think the historian gains nothing by throwing about hard names, calling them miscreants and demons, like Southey and others of that plain spoken school...” (Carta a Gayangos, datada de 16 de agosto de 1856, in Prescott, W. *Unpublished Letters to Gayangos in the Library of the Hispanic Society of America*, ed. por Clara Louisa Penney, N. York, 1927, pág. 123).

(291) *Hist. of Brazil*, III, pág. 58.

(292) *Ibidem*, III, pág. 233.

(293) Scott, W. *The Heart of Midlothian*, págs. 50, 95, 98, etc.

primia o "Tory", são homens sem o princípio da lei moral que está para a consciência como a lei de Deus para os homens. Os grandes homens da história, os homens providenciais, identificam-se com o espírito ou gênio moral que guia as tradições de um povo. Têm o caráter firme, a sua consciência é o próprio espírito do povo e seus princípios repousam no conhecimento das tradições nacionais (294). Em geral, aqueles que desencadeiam tumultos populares são, pelo contrário, os que deixam o caminho bem trilhado dos precedentes e sem a missão do herói envolvem-se, a si mesmos e à sociedade, no emaranhado cego das contingências naturais, da anarquia, que é a história sem Deus e o homem sem caráter (295).

Sir Walter partilhava com Southey do horror às turbas em revoltas. O romance *The Heart of Midlothian* começa com a descrição de um motim em Edimburgo (os "Porteous Riots"). No romance *Peveril of the Peak* pai e filho vêm-se envolvidos num levante popular nas ruas de Londres (296). A propósito de um motim dos soldados da Bahia em 1688, comentava Southey: "... O humanitarismo não encontra acesso aos ouvidos de uma assembléia tumultuária" (297). Descreve a "fúria cega da ralé", a propósito do levante do vintém (298) e o "espírito de tirania que toma conta das turbas", a respeito da revolta de 1720 nas Minas (299). É o que exprime na passagem em que descreve a vitória dos fluminenses sobre os franceses de Duclerc: "... mas agora a gentilha que se achava enfurecida pela intoxicação do bom êxito, não tinha ouvidos nem corações para condoer-se e quase todos foram massacrados" (300). Marcados em sua juventude pela Revolução Francesa e vivendo ainda sob o seu signo uma época de grande instabilidade política e social, viam no radicalismo popular e na filosofia utilitarista, alheios à ordem Providencial, a ameaça do caos, e da anarquia, que resultaria no regresso à barbarie primitiva.

---

(294) Fisher, P. F. "Providence, Fate and the Historical Imagination in Scott's *The Heart of Midlothian*", *Nineteenth Century Fiction*, 1955, págs. 99-113.

(295) *Ibidem*, pág. 112.

(296) Scott, W. *Peveril of the Peak*, págs. 710-711.

(297) *Hist. of Brazil*, III, pág. 20.

(298) *Ibidem*, III, pág. 127.

(299) *Ibidem*, III, pág. 159.

(300) *Ibidem*, III, pág. 113.

Como que obsecados pela ameaça de grandes mudanças, demoram-se em seu estilo de representação do passado a descrever e pintar a experiência humana do dia-a-dia dos homens de séculos extintos. Antes de abordar as grandes crises e revoluções, que hão de conturbar a vida de seus personagens, Sir Walter revive a normalidade que há de ser bruscamente transformada, com todo pormenor de circunstâncias. Após o episódio do roubo do gado que o introduz entre os "Highlanders", Waverley passa certo tempo no meio do clã, familiarizando-se com seus hábitos, sentimentos e alegrias. Em *The Heart of Midlothian*, demora-se no lar da jovem camponesa: seus hábitos, sua fé; a severidade dos costumes, as manias do pai, o velho presbiteriano David Deans; os contatos da família com a pobreza da viúva Butler ou com Lord Dumbiedikes, senhor das terras, porém igualmente integrado na rusticidade, na parcimonia e na estreiteza puritana de seu meio rural, que vem à tona com todas as minúcias, antes que a desgraça da irmã venha romper a monotonia dos afazeres domésticos de Jeannie.

David Daiches demonstrou em admirável estudo como, em seus romances escoceses, <sup>(301)</sup> Scott procurou retracar os grandes rumos da evolução histórica de sua pátria. A seu ver, a história escocesa caracteriza-se por uma sucessão de crises súbitas e revoluções intempestivas que impediram o florescer de uma civilização pacífica. Dois conflitos em permanente tensão — o do jacobitismo heróico e o do puritanismo fanático — vinham periodicamente conturbar os destinos nacionais. Esta dualidade exacerbada parece entretanto perder as forças, fenecer, tender para ajustes e compromissos, quando apanhadas na vida rotineira de todo o dia, que simbolizava para ele o princípio orgânico do progresso histórico. A normalidade de vidas quotidianas, julgava Scott, fazia calar revoltas, sarar feridas e abria na história o caminho construtivo das soluções pacíficas, intermediárias <sup>(302)</sup>. A vida quotidiana representa a síntese, a absorção de conflitos, o verdadeiro processo criador, a continuidade na história.

A idéia de um princípio de desenvolvimento orgânico do processo histórico norteou-lhes a visão pictórica e humani-

(301) Daiches, David. "Scott's Achievement as a Novelist", *Nineteenth Century Fiction*, 1951, p II, págs. 61-73.

(302) Daiches, D. art. cit.; V. também Lukacs, G., op. cit., pág. 37.

zadora da história. Coleridge ressaltara em sua *Biographia Literaria* (1817) o fato de que, ao organizar os fatos numa narrativa coerente, o historiador se via obrigado a depender da presença de idéias, pois, a partir do momento em que entrevisse numa série de atos, determinados propósitos ou idéias, estava automaticamente estabelecendo relações “intrinsecas” ou “internas” entre uma série de atos. Era o princípio de desenvolvimento histórico orgânico “... às vezes com, outras sem, freqüentemente contra a vontade do indivíduo ativo” (303).

Para Southey, o processo civilizador de expansão pelo Novo Mundo oferecia grandes temas e ampla margem para reconstruções de amplitude épica. Admirava o espírito de iniciativa e o ânimo indômito dos colonos portugueses, o elemento ativo daquele processo (304). Seu interesse, porém, concentrou-se no esforço de traçar o dia a dia dos colonizadores do continente. A verdadeira reconstrução do progresso da civilização no Novo Mundo, que era o seu objetivo, se faria através da vida e da luta diária, pois tratava-se de um processo lento, conciliador, cheio de adaptações e compromissos: o de tradições desarraigadas que se vão integrando na nova terra e de raças pouco a pouco se caldeando; o de índios cristianizados, e, portanto, não mais selvagens; o de colonos brutalizados, deixando a sua condição de europeus civilizados para viverem em um estado de semi-selvageria a que a terra os condenava. No Maranhão, escrevia Southey, “... o povo reduzira-se quase todo à condição de sertanejos; regredira da sociedade civilizada em seus usos e costumes, e mais ainda, em seus sentimentos, aproximando-se em tudo da condição de selvagens” (305). “Prudent men” — escrevia êle em outra passagem, reproduzindo Vieira — “advise us to wear cotton, eat mandioc, and take to bows and arrows for lack of other arms, so that we shall shortly relapse into the savage state, and become Brazilians instead of Portuguese...” (306).

Tratava-se também de um processo de transformação mútua entre os homens e a terra. Ao passo que os colonos.

---

(303) Freyer, R. Coleridge, Bentham and the Science of History, pág. 21.

(304) Hist. of Brazil, III, pág. 162.

(305) Ibidem, II, pág. 450.

(306) Ibidem, III, pág. 19.

sofriam a influência selvagem do meio e que os índios absorviam a influência civilizadora dos europeus, a própria natureza do Novo Mundo transformava-se pouco a pouco com o advento da civilização. Na região das reduções do Paraguai, toda a vegetação metamorfoseara-se com a introdução dos cavalos:

“... As plantas bulbosas e as numerosas variedades de aloes (“pitas” ou “caraguatas”), de que as planícies antes se achavam vestidas, desaparecem e em lugar dêles cobriu-se o solo de excelentes pastos e de uma casta de trepadeira espinhosa bastante insistente para resistir ao atropêlo que tinha destruído as plantas de antes. Assim como o mundo vegetal, os insetos viram-se afetados e os animais, indígenas, aves e feras, adquiriram novos hábitos” (307).

Esta noção viva da continuidade histórica, exacerbada em espíritos alarmados por ameaças de grandes revoluções e reformas radicais, que se traduzia na convicção de que independentemente de reformas e revoluções se poderia discernir um progresso no correr da própria história, foi vivamente partilhada por Southey e Scott.

A sua idéia era de um progresso que se manifestava no passado como um processo gradativo, agindo lentamente sobre as tradições e harmonizando em si mesmo a nova e a antiga ordem das coisas, muito diferente daquilo que os utilitaristas pregavam. De onde sua familiaridade tão viva com homens de outras épocas, sua “humanização” da história, a tendência para reviver-lhe a experiência, recriar a atmosfera, em que viviam e colorir-lhes os costumes e os hábitos da vida quotidiana, resultando naquela visão pictórica e imaginosa da história que exprimiram em suas obras.

Carlyle haveria de retomar esta idéia de uma continuidade orgânica na histórica tão presente em Southey e em Scott. Para êle, os séculos eram “linearmente” gerados um pelo outro e “... freqüentemente no retrato de ancestrais remotos há de desvendar-se, para mútua elucidação, um ou

---

(307) *Hist. of Brazil*, III, págs. 376-377.

outro traço da nossa geração” (308). Também êle haveria de marcar a sobrevivência da continuidade de vidas quotidianas em meio aos grandes cataclismas, por meio de pequenas circunstâncias triviais; Meia hora após a execução de Luis XVI, a multidão dispersara-se; pasteleiras, vendedoras de café, leiteiros cantavam seus triviais gritos quotidianos e o mundo continuava como se fôsse um dia comum... (309). Em *Past and Present* (1843) também há de dar o colorido da vida real a uma cena do século XII com pequenos pormenores domésticos.

#### A BUSCA DE UMA TOTALIDADE E A HISTÓRIA ANÔNIMA DAS SOCIEDADES

Outra peculiaridade comum a Southey e a Scott é o fato de procurarem encarnar a continuidade histórica não através dos propósitos e das maquinações dos grandes homens mas no próprio processo de desenvolvimento da sociedade, como um todo na história.

Mais uma vez, certos conceitos históricos identificam-se com os do artista. O conceito do “espírito de uma época” tornava mais amplo o prisma do historiador. Como poetas, achavam que o retrato psicológico e o desempenho das grandes figuras históricas eram temas que tolhiam a imaginação do artista. É bem conhecida a regra de Scott, de nunca fazer de um personagens histórico conhecido, o principal herói do romance. Antes de introduzir a figura de Luis XI, em *Quentin Durward*, a da rainha Elizabeth, em *Kenilworth*, a de Jaime I, em *The Fortunes of Nigel*, a de Cromwell em *Woodstock*, descreve através de personagens obscuros, de homens simples, a atmosfera geral da época, em que se moldaram e em que agiram aquelas personalidades, justificando muitas vezes a sua existência, mas dando também a elas uma aparência accidental. Em 1814, no mesmo ano em que Scott inaugurava com *Waverly* a sua técnica peculiar

---

(308) Carlyle, Thomas. *Past and Present*, II, cap. I: cf. Neff, E. op. cit., pág. 126.

(309) Carlyle, Thomas. *History of the French Revolution*, III, livro II, cap. VIII. cf. Neff, E. op. cit., pág. 125.

(310) Carlyle, Thomas. *Past and Present*, liv. II, cap. V. Cf. Neff, E. op. cit., pág. 126.

dos “middle-of-the-road heroes”, Southey abandonava o projeto de um poema sobre D. João I e a redenção de Portugal, por causa das dificuldades e dos perigos que representava para um poeta lidar com grandes heróis históricos:

“... Nuno Alvares é um herói tão perfeito quanto se poderia imaginar, mas a estória é demais para mim; e é muito difícil, impossível talvez, quando o interesse histórico é tão poderoso, associar nele as paixões individuais e imaginárias de modo a formar um todo coerente” (311).

Procuravam em geral nas intrigas da trama, um pretexto para a reconstrução de ambientes e costumes. Em 1798, Southey idealizava um poema sobre a fuga de uma pitoniza:

“Hei de ter os jogos píticos celebrados... Os costumes da Grécia serão novidade para o drama inglês devido aos defeitos do nosso teatro” (312).

O prefácio do *Lay of the Last Minstrel* (1805) de Scott parece indicar o mesmo:

“O poema que ora se oferece ao público pretende ilustrar os usos e maneiras que antigamente prevaleceram nas raias entre a Inglaterra e a Escócia. Os habitantes, que vivem num estado em parte pastoril e em parte guerreiro, combinando hábitos de constante depravação com a influência de rude espírito cavalheiresco, participaram com frequência de cenas altamente suscetíveis de ornamentação poética. Como a descrição dos cenários e costumes constituiu a grande preocupação do autor, mais do que a elaboração de uma narrativa coerente e regular, presumiu-se adotar o esquema dos velhos romances métricos...” (313).

O artista aspirava, através dos temas históricos, à representação de uma totalidade: os contraste e a interação de

---

(311) Carta ao Rev. Hill, datada de 28 de novembro de 1814, in Warter J. B. Selections, II, pág. 381.

(312) Carta a John May, datada de 15 de dezembro de 1798, in *Life and Correspondence*, I, pág. 350.

(313) *The Poetical Works of Sir Walter Scott*, pág. 2.

usos, costumes, da religião, e do drama intimo dos homens. A propósito do projeto de um poema de Southey, escrevia Scott em carta de 10 de maio de 1810:

“... Quanto a Don Pelayo, imagino que seria uma maravilha sob o seu manejo: o tema é nobre, as partes claramente contrastadas nos usos, indumentária, religião, em tudo, enfim, quanto o poeta possa desejar por em ação...” (314).

Há de ser o mesmo o prisma do romancista da Escócia e do historiador do Brasil; Voltaram-se ambos de preferência para a história social. Procuravam um passado profunda, essencialmente humano e, no entanto, — fato curioso e paradoxal em se tratando de contemporâneos de Byron —, mais do que os grandes personagens do passado, fascinava-os um heroísmo anônimo, latente nos homens. Parecia-lhes ser este o verdadeiro tema da história. Southey insistia, por exemplo, nos heróis anônimos que construíram cidades nos sertões da América

“... Fundadores, tais como êsses nas Minas Gerais, nada oferecem em verdade de interessante em seus motivos: no entanto, eram homens de indômita coragem e de resistência impávida” (315).

Mereciam mais do que outros a consagração da posteridade. “A História”, comentava em tom de crítica, “registra os nomes daqueles que destroem cidades e esquecem aqueles que as fundaram...” (316). Assim no romance *Old Mortality* de Scott, o heroísmo de um jovem obscuro que tempera

---

(314) Letters, I, pág. 340 .

(315) History of Brazil, III, pág. 55.

(316) Ibidem, idem. No mesmo tom, observa um personagem do romance *The Antiquary* de Scott, que a obra cultural dos monges nos conventos é menos lembrada nos anais da história do que o são as guerras e escaramuças de cavaleiros e barões belicosos: “... These, “he contended, “were not such as resemble the gradual progress of a fertilizing river, but the headlong and precipitous fury of some portentous flood. The eras by which the vulgar compute time has always reference to some period of fear and tribulation, and they date by a tempest, an earthquake or burst of civil commotion. When such are the facts most alive in the memory of the common people we cannot wonder, “he concluded, “that the ferocious warrior is remembered and the peaceful abbots are abandoned to forgetfulness and oblivion”. (Scott, W *The Antiquary*, pág. 217).



como líder o fanatismo religioso dos "cameronianians" em revolta, pondo em segundo plano a figura de Claverhouse; em *The Heart of Midlothian* o espírito puritano escocês é retratado no heroísmo de uma simples e obscura camponesa que deixa a Escócia e parte a pé para Londres a fim de pedir à rainha a comutação da sentença que condenara sua irmã. Muitos já chamaram atenção para o papel apagado e secundário do personagem principal e para a inexistência dos grandes heróis nos romances de Scott.

Este heroísmo sem nome parecia-lhes a própria essência da história: a verdadeira síntese, o meio termo necessário, no embate das grandes crises; a capacidade de adaptação às novas condições, o espírito conciliador, a explicação da sobrevivência, da continuidade do progresso histórico através das grandes transformações (317).

Era objetivo do historiador do Brasil retratar o progresso de uma sociedade em formação, o crescer e florescer de uma nova nação na América. Seu principal interesse, conforme transparece de correspondência em parte inédita com o orientador de seus estudos brasileiros, é o de retratar os passos desta sociedade em gestação. Reviver o espírito empreendedor, e a iniciativa dos colonos portugueses, e, sobretudo, a atuação na história "das leis comuns da natureza e da sociedade" (318).

"... Terei um capítulo muito divertido sobre o estado da sociedade após a restauração de Pernambuco, (escrevia ao tio em carta de 11 de maio de 1809) um pedaço de mosaico cujos materiais serão fornecidos principalmente por ele (Vieira) e meu velho amigo Simão de Vasconcellos, inclusive a vida de João de Almeida e o romance de Anchieta. Os viajantes pouco me dão, mas mesmo esse pouco é alguma coisa e se os quadros da escravidão e da superstição não forem dos mais vivos, a culpa será toda minha, porque Deus sabe como são intensas as cores com as quais devo trabalhar..." (319).

---

(317) Lukacs, G. op. cit., pág. 52.

(318) Southey, R. *Colloquies*, II, pág. 90.

(319) Carta inédita ao Rev. Hill, datada de 8 de março de 1814, Fitz Park Museum, MSS, Coleção Southey-Hill, folio 23.

Um dos capítulos mais interessantes seria sôbre a mudança de costumes ocasionada pela introdução do cavalo no Paraguai <sup>(320)</sup>. Está sempre nessas cartas chamando atenção para "... alguns fatos bastante extraordinários sôbre a história do progresso da sociedade na América do Sul" <sup>(321)</sup>.

O seu grande tema lhe parecia único . Em janeiro de 1809 escrevia êle:

"Meu livro há de ser muito diferente de tôdas as outras histórias; não, Deus sabe, que eu me tenha esforçado para fazê-lo assim, mas devido à própria matéria de que é compôsto..." <sup>(322)</sup>.

O processo histórico no Novo Mundo fascinava-o:

"... Nesses países onde as matas têm de ser destruídas e os selvagens que vagueiam por elas caçados além da estacada que separa o mundo civilizado, os colonos são obrigados a levar consigo não apenas os rudimentos mas também os materiais da sociedade..." <sup>(323)</sup>.

Não era muito diverso o interesse de Walter Scott, que se propunha em seus romances a retratar "as antigas maneiras, os hábitos e os costumes da raça aborígene que povoou os "Highlands" da Escócia" <sup>(324)</sup>, a condição da sociedade ao norte da Ilha..." <sup>(325)</sup>, " as formas de vida dos habitantes da fronteira" <sup>(326)</sup>. Seu verdadeiro herói é o estado da sociedade que está descrevendo: "Conforme o notou Leslie Stephen, é sômente por um ou outro feliz acaso que o interesse no cenário não deixa fóra de fóco os personagens principais..." <sup>(327)</sup>.

---

(320) Carta inédita ao Rev. Hill, datada de 16 de novembro de 1817. Fitz Park Museum, MSS Coleção Southey-Hill, folio 43.

(321) Carta de 8 de março de 1814. V. nota 319.

(322) Carta a John Rickman, datada de 18 de janeiro de 1809, in Warter J. B. Selections, II, pág. 121.

(323) Southey, R. Colloquies, II, pág. 90.

(324) Scott, W. *The Lady of the Lake other Poems*, pág. 17.

(325) Scott, W. *Waverly*, pág. 18.

(326) Prefácio ao poema "Lay of the Last Minstrel", in *The Poetical Works of Sir W. Scott*, pág. 2.

(327) Forbes, Duncan., art. cit., pág. 31.

Tinham um grande tema em comum: o estudo da gestação e da lenta transformação de uma sociedade “heróica e bárbara” pela civilização comercial moderna.

A turbulência heróica de tóda sociedade primitiva identificava-se em sua época com o “medieval”. Vico comparara os combates homéricos e o temperamento anárquico de Aquiles com a atmosfera da idade média e do feudalismo europeu. Niebuhr também identificava a idade heróica de Roma antiga com a Europa na idade das trevas. Da mesma maneira, a Escócia do século XVII e XVIII evocava para Scott a atmosfera do cavalheirismo heróico dos tempos feudais. Em sua *História do Brasil*, Southey traça frequentes comparações entre os aspectos heróicos da conquista e da colonização e os da Europa cavalheiresca <sup>(328)</sup>. Adotavam ambos um idêntico colorido “medieval e heróico”.

Partilharam da tendência corrente nos seus dias para estudar “as origens” das nações, retrazando uma história sem grandes homens, a história anônima da comunidade <sup>(329)</sup>. Embora nunca o tivesse lido e nem o conhecesse nesta época <sup>(330)</sup>, o prefácio de Southey ao primeiro volume da *História do Brasil* lembra as palavras de Vico sôbre a formação de uma sociedade., Refere-se, como êle, a uma história diferente das outras, sem grandes heróis ou grandes nomes, em que a humanidade aparece criando-se a si mesma através da iniciativa dos homens, em sua totalidade. O tema da *História do Brasil*, dizia êle,

“... difere do que se oferece em outras histórias. Aqui não há aquela urdidura de uma política embaraçosa para desfazer, nem segrêdos de estado para desvendar, nem revoluções para registrar, nem triunfos para celebrar, cuja fama perdura mesmo depois de transcorridas as lembranças de seus efeitos... Devo falar de selvagens tão bárbaros, que seus padecimentos quase não despertam comiseração, e de colonos cuja vitória pouca

---

(328) V. por ex. passagens *History of Brazil*, III, pág. 35; pág. 40; pág. 251; etc.

(329) Neff, E. op. cit., p., págs. 94ss.

(330) Vico teria se tornado conhecido entre os ingleses através de Coleridge, que o começou a ler em 1825, Neff, E., op. cit., pág. 131.

alegria há de suscitar, porque juntam á barbarie a avareza... Gente ignóbil, empenhada numa pe-  
leja obscura, mas de resultados maiores do que  
os das conquistas de Alexandre e Carlos Magno e  
que serão bem mais duradouros..." (331).

Vico, onde trata da Roma primitiva, é tido como o pri-  
meiro a ter introduzido as massas anônimas na história.  
Mais tarde, a Revolução Francêsa veio acelerar êsse processo  
de democratização da história. Historiadores como Niebuhr  
passam a procurar revoluções e lutas de classe na Roma  
Antiga. Augustin Thierry haveria de estudar na sua *Histó-  
ria da Conquista da Inglaterra* (1825) a lenta transformação  
de uma luta de raças em uma luta de classes.

Na introdução desta obra, posterior à *História do Brasil*  
de Southey e à maioria dos romances de Scott, Thierry defini-  
a essa nova orientação da história, lembrando que seu  
objetivo primordial era o de figurar "os destinos dos povos  
e não o de alguns homens famosos"; o de apresentar as  
vicissitudes da vida social e não as dos indivíduos. "...A  
simpatia humana pode apegar-se a populações inteiras, como  
sêres dotados de sentimento e cuja existência, maior do que  
a nossa, decorre na mesma alternância de sofrimento e ale-  
gria, de esperança e desengano". Assim considerada, res-  
saltava êle, a história do passado poderia adquirir em parte  
algo do interesse do atual, pois as coletividades de que nos  
conta, nunca cessaram de viver e sentir: "... são os mesmos  
sêres que ainda sofrem e têm esperanças diante dos nossos  
olhos..." (332).

## CONCLUSÃO

Southey e Scott tiveram ambos consciência muito clara  
da importância dos conflitos sociais no processo de desen-  
volvimento histórico.

A escola filosófica escocêsã dos fins do século XVIII  
enunciara o princípio da tendência de tôdas as sociedades

(331) *History of Brazil*, I, págs. 1-2.

(332) Thierry, Augustin. *Histoire de la Conquête d'Angleterre par les Nor-  
mands*, Paris, 1846, VI, pág. 95. Cf. Neff, E. *op. cit.*, pág. 121.

a uma gradativa liberalização. Ferguson indicara a propriedade como mola motriz dos conflitos sociais. Smith desenvolvera o princípio da competição individual <sup>(333)</sup>.

Nas primeiras décadas do século XIX, o radicalismo e as "poor laws" acentuavam a consciência dos problemas sociais; a rivalidade política crescente entre as classes rurais e a nova burguesia das cidades entravam em crise. Wordsworth, como Scott, relacionava a propriedade de terras à configuração do caráter nacional e à consciência da cidadania. Southey partilhava do seu conservadorismo. Escrevia êle em 1828, que, assim como os indivíduos, as comunidades eram suscetíveis de uma certa precocidade cujos efeitos não deviam ser menos temidos. Os homens adquiriam por vêzes, certos poderes, quando êstes só lhes podiam ser maléficos, pois seriam certamente mal empregados: era o caso dos selvagens quando adquiriam cavalos ou aprendiam o uso das armas de fogo. Da mesma maneira, certos avanços da civilização podiam ser alcançados por uma parcela do corpo social, ao passo que a outra parte ainda não estava em condições de absorvê-los, assim criando um princípio de desunião. "... Quando isso ocorre, tentativas precipitadas de mudanças bruscas são ensaiadas, — igualmente lamentáveis tenham elas sucesso ou não; esforços de reformas bem intencionadas terminam também por confirmar ou agravar os males que pretendiam remover..." <sup>(334)</sup>. O seu pessimismo convinha com o de Scott em relação ao papel das novas massas proletárias na sociedade. Mas a sua tendência "cooperativista" e socialista, as suas relações com Owen of Lanark levaram-no nesse sentido um passo além de Scott, pois de certo modo fizeram de Southey um precursor de Thomas Arnold e dos socialistas cristãos (F. Denison Maurice, Charles Kingsley) contra o chartismo e outras tendências revolucionárias democráticas <sup>(335)</sup>.

Em suas obras, não enfrentaram senão indiretamente os problemas sociais da época, mas exibiram uma sensibilidade histórica igualmente atilada, pelas raízes do desenvolvimento

---

(333) Bryson, Gladys. *Man & Society: The Scottish Inquiry of the 18th Century*.

(334) Southey, R. "On Barante", art. cit., pág. 7.

(335) Schilling, Bernard N. *Human Dignity and the Great Victorians*, N.Y., Columbia University Press, 1946, págs. 61-74.

social. A admiração do historiador do Brasil pelo sistema comunitário dos jesuítas "...de um despotismo absoluto, mas ainda assim uma sociedade em que o bem estar temporal e eterno de seus membros era o objeto exclusivo do governo..." (336) tinha relação com suas tendências socialistas e com as experiências de Lanark; a respeito de Cromwell e da guerra civil, comentava caracteristicamente Scott, em seu romance *Woodstock*, o projeto de estabelecer-se na Inglaterra uma república democrática, lembrando que o sistema não poderia firmar-se numa sociedade (como era a da Inglaterra na época), em que faltava aquele nivelamento das classes, que uma tal república pressupunha. Ressaltava a "... infinita diversidade de hierarquia, de hábitos, de educação e da moral, a enorme desproporção entre a riqueza de um e a pobreza de outro e, sobretudo, a incapacidade política de uma grande porção da sociedade, das classes inferiores das grandes cidades e distritos manufatureiros" (337).

Scott procurou demonstrar em seus romances o desenvolvimento orgânico da história da Grã-Bretanha e da Escócia em particular, encarnando artisticamente uma continuidade no passado, a superar crises e a amalgamar conflitos sociais. Entretanto, as idéias conservadoras opõem-se em ambos êsses contemporâneos ao seu cuidado em demonstrar o processo histórico de liberalização das sociedades.

A lenta decadência dos velhos padrões cavalheirescos, o processo de extinção dos clãs escoceses e da antiga sociedade gentilícia, a necessidade do progresso e do advento da civilização comercial, é o tema de Scott em seus romances.

Em sua *História do Brasil*, Southey procura acompanhar o processo de comercialização, de diversificação da sociedade patriarcal e escravocrata e de liberalização do sistema colonial. Ao sumarizar os progressos do Brasil durante o século XVII, compara-o com as colônias da América espanhola: O amálgama de raças e cores "... was silently going on". Não havia no Brasil aquele sistema de castas, semente de guerras civis. O mulato, o negro fôrro e o nativo da

---

(336) *History of Brazil*, II, pág. 361.

(337) Scott, W. *Woodstock*, pág. 186.

Mãe Pátria eram igualmente respeitados (338). Dá largas a sua idealização de uma sociedade onde "... nenhuma barreira sistemática se erguerá contra a harmonia social".

A sua afirmação do progresso parece opor-se ao medievalismo e a tendências reacionárias do romantismo, refletindo aquele espírito peculiar ao romantismo inglês e às circunstâncias históricas da Inglaterra que se contrapõe sob muitos aspectos ao movimento dos "émigrés" e da restauração francesa. Na verdade, entre tantas afinidades de tendências e de gosto, a afinidade básica entre Southey e Walter Scott estava na contradição entre a fé no progresso da civilização e a inconformidade com a revolução industrial, — raiz de sua inspiração e tema de sua arte.

O seu horror ao sistema industrial, pondo em conflito sua fé no progresso dos homens e da civilização, não os alienou do tempo. Teria pelo contrário incentivado atitude essencialmente histórica de volta aos tempos heróicos e bárbaros para retrazar o lento advento da civilização comercial moderna, como que em busca de um novo rumo e de novos padrões, que não os da sociedade industrial. Daí o amplo âmbito em seu pensamento para a idealização do Novo Mundo.

Como poetas e historiadores, voltaram-se em espírito e imaginação para a fase de transição entre a Idade Média e o Renascimento, em que os antigos valores cavalleirescos entraram em choque com os novos padrões comerciais. Esta época não lhes oferecia somente os contrastes de um colorido exótico, mas também se lhes afigurava como a fonte do espírito moderno, onde tinham raízes os problemas contemporâneos que enfrentava a sociedade em que viviam.

Inútil ressaltar a influência de uma tal atitude na sua visão humanizadora da história, o impulso de remontar às origens de problemas que os afligiam, o sentimento nacional a recriar um passado "que lhes pertencia", a proximidade, entrevista através da continuidade histórica, de seres humanos de "experiências afins". Uma imaginação histórica nova, incomum, de traços afins, igualmente trabalhada pela

---

(338) *History of Brazil*, II, págs. 691-692.

experiência poética e literária, teria contribuído com o colorido quase palpável das telas dos grandes pintores para uma nova representação ampla e panorâmica dos grandes momentos históricos e de todo o “espírito de uma época”. A continuidade entre o passado e o presente, que procuravam englobar nessa visão pictórica e humanizadora da história, teria suas raízes, como vimos, na intuição de um desenvolvimento orgânico da história e de um progresso gradativo, envolvendo as grandes tradições nacionais, — diante do qual apareciam como aberrações as grandes revoluções e as formas radicais do racionalismo utilitário.

As afinidades de sentido e visão histórica com os romances de Scott vem esclarecer muito do aspecto formal e da conceituação deste primeiro ensaio sistemático de organização e interpretação dos fatos da história do Brasil, que foi a obra de Southey. Na medida em que refletem a sensibilidade e em que encarnam aspectos característicos do pensamento romântico inglês, as afinidades entre Southey e Scott jorram muita luz sobre a elaboração e repercussão dessa obra na Inglaterra. Vêm integrá-la na vanguarda da historiografia romântica e ressaltar os reflexos do meio em que foi escrita — necessariamente alheio à realidade brasileira, mas curiosamente voltado em imaginação para o Novo Mundo, com perspectivas bem definidas como vimos, e peculiares.



## BIBLIOGRAFIA

### *Fontes primárias*

#### *Manuscritos*

**Fitz Park Museum** MSS Coleção Southey-Hill (Cartas inéditas de Southey ao seu tio Rev. Herbert Hill) — Maço I) 1809-1823, 69 ff. Maço 2) 1807-1819, 110 ff.

#### **National Library of Scotland**

MS 2521 (Carta de Southey a Miss Seward, datada de 28 de maio de 1808)

MS 868 (Carta de Southey a Walter Scott, datada de 7 de outubro de 1824)

#### **Bodleian Library (Oxford)**

MS Don. d. 3 (Carta de Southey ao irmão Henry, datada de 16 de fevereiro de 1815)

MS Don. 4. 4 (Carta para o mesmo, datada de 6 de janeiro de 1817).

### *Impressos*

#### *Correspondência*

**The Letters of Sir Walter Scott 1787-1832**, ed. por H. J. G. Grierson, London, Constable, 1932-7. (12 vols.)

**Sir Walter's Post Bag**, selecionado e editado por Wilfred Partington, London, John Murray, Albermale St., 1932.

**The Life and Correspondence of Robert Southey**, ed. pelo Rev. Charles Cuthbert Southey, M.A. London, Longmans, 1850 (6 vols.)

**Selections from the Letters of Robert Southey**, ed. por J. B. Warter, London, Longmans, 1856 (4 vols.)

**Memorials of Colcorton, being letters from Coleridge, Wordsworth to Sir George and Lady Beaumont of Coleorton, Leicestershire, 1803 to 1804**, ed. por William Knight, University of St. Andrews, Edinburgh, David Douglas, MDCCCLXXXVII. (2 vols.)

“A Correspondência de Robert Southey com Henry Koster”, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, vol. 178 (1943), pág. 46.

**The Collected Letters of Samuel Taylor Coleridge**, ed. por Earl Leslie Griggs, Oxford, At the Clarendon Press, 1956, vol. I (1785-1800) vol. II (1801-1806).

(PRESCOTT, William) **Un published Letters to Gayangos in the Library of the Hispanic Society of America**, ed. por Clara Louisa Penney, New York, 1927.

**Robert Southey's Journal of a Residence in Portugal 1800-1801 and A Visit to France 1838, Supplemented by Extracts from His Correspondence**, ed. por Adolfo Cabral, Oxford, At the Clarendon Press, 1959.

**The Journal of Sir Walter Scott from the Original Manuscript at Abbotsford**, New York, Harper & Bros, 1891.

### *Obras*

**The Poetical Works of Sir Walter Scott**, London, Frederick Warne & Co, s.d.

SCOTT, W. **The Lady of the Lake & Other Poems**, New York, The New American Library, 1962.

SCOTT, W. **Waverly**, London, Macmillan & Co, 1910 ("Border edition").

SCOTT, W. **Guy Mannering**, London, Collins, 1961.

SCOTT, W. **The Antiquary**, London, Macmillan & Co. 1901 ("Border edition").

SCOTT, W. **Old Mortality**, London, Collins, 1964.

SCOTT, W. **Rob Roy**, London, Collins, 1953.

SCOTT, W. **Quentin Durward. Ivanhoe. Kenilworth**, New York, The Modern Library, s.d.

SCOTT, W. **The Pirate**, London, Macmillan & Co, 1908 ("Border edition").

SCOTT, W. **Woodstock**, London, Macmillan & Co, 1906 ("Border edition").

SCOTT, W. **Feveril of the Peak**, London, Macmillan & Co, 1908 ("Border edition").

SCOTT, W. **The Bride of Lammermoor**, London, Macmillan & Co, 1908 ("Border edition").

SCOTT, W. **The Monastery**, London, Macmillan & Co, 1907 ("Border edition").

- SCOTT, W. **The Heart of Midlothian**, London, Macmillan & Co, 1906 ("Border edition").
- (SOUTHEY, R.) **The Poetical Works of Robert Southey, Esq: L.L.D.** London, Longmans, 1837 (10 vols.)
- SOUTHEY, R. **A Tale of Paraguay**, London, Longmans, 1825.
- SOUTHEY, R. **Letters from England**, ed. por Jack Simmons, London, The Cresset Press, MCMLI.
- SOUTHEY, R. **The History of Brazil**, London, Longmans, 1810-1890. (3 vols.)
- SOUTHEY, R. **Sir Thomas Moore; or Colloquies on the Progress and Prospects of Society**, London, John Murray, MDCCCXXXI (2 vols.)
- SOUTHEY, R. **The Doctor**, London, Longmans, 1834-1847 (7 vols.)
- (SOUTHEY, R.) "On Sharon Turner's History of the Anglo-saxons", **The Annual Reivew**, I (1802), p. 226.
- "On Walter Scott's Minstrelsy of the Scottish Border", **The Annual Review**, I (1802), p. 633.
- Idem, **The Annual Review**, II (1803), p. 534.
- "On William Godwin's Life of Chaucer", **The Annual Review**, II (1803), p. 471.
- "On Malthus' Essay on Population", **The Annual Review**, II (1803), p. 295.
- "On Froissart", **The Annual Review**, III (1804), p. 188.
- "On the History and Present State of America", **Quarterly Review**, IV (1809), p. 327.
- "On the Feroese Islands", **Quarterly Review**, vol. VIII (1810), p. 331.
- "On the Church of England Missions", **Quarterly Review**, vol. 63, p. 25.
- "On Barante", **The Foreign Review**, vol. I (1828), p. 2.
- "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", **Quarterly Review**, vol. 75 (1828), p. 208.
- CARLYLE, Thomas. **Essays**. London, Everyman's Library, 1964, (2 vols.)
- MICHELET, Jules. **Histoire de France**. Paris, Ernest Flammarion, S.d. (10 vols.)
- (WORDSWORTH, William) **The Poetical Works of William Wordsworth**, London, Oxford University Press, 1936.

*Fontes secundárias*

*Livros*

- BERNBAUM, Ernest. *Guide through the Romantic Movement*, New York, The Ronald Press Company, 1949 (2.<sup>a</sup> ed.)
- BLACK, J. B. *The Art of History*, London, Methuen & Co, 1926.
- BOND, Harold. *The Literary Art of Edward Gibbon*, Oxford, At the Clarendon Press, 1960.
- BOXER, C. R. *The Dutch in Brazil*, London, Oxford University Press, 1957.
- BRINTON, Crane. *The Political Ideas of the English Romantics*, London, Oxford University Press, MCMXXVI.
- BRYSON, Gladys. *Man and Society: The Scottish Inquiry of the 18th Century*, Princeton University Press, 1945.
- CARNALL, Geoffrey. *Robert Southey and His Age (The development of a Conservative Mind)*, Oxford, At the Clarendon Press, 1960.
- COBBAN, Alfred. *Edmund Burke and the Revolt against the 18th Century*, London, George Allen & Unwin Ltd., 1960 (2.<sup>a</sup> ed.)
- COLINGWOOD, R. G. *The Idea of History*, Oxford, At the Clarendon Press, 1946.
- CROCE, Benedetto. *Tcoria e Storia della Storiografia*, Bari, Gius. Laterga & Figli, 1948.
- DOCKHORN, Klaus. *Der Deutsche Historismus in England*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprech, 1950.
- DOWDEN, Edward. *The French Revolution and English Literature*, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltd., 1897.
- FORBES, Duncan. *The Liberal Anglican Idea of History*, Cambridge, Ca. University Press, 1952.
- FUETER, Ed. *Historia de la Historiografia Moderna*, Buenos Aires, Editorial Nova, s.d. (2 vols.)
- GEYL, Peter. *Debates with Historians*, New York, Meridian Books, Inc., 1958.
- GOOCH, G. P. *Historia y Historiadores en el siglo XIX*, Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1942.

- GRIERSON, Herbert. **The Background of English Literature and Other Essays**, A peregrine Book, 1962.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympo Editôra, 1959.
- KIRK, Russel. **The Conservative Mind**, London, Faber & Faber Ltd., s. d.
- LEVIN, Daxid. **History As Romantic Art (Bancroft, Prescott, Motley and Parkman)**, Stanford, Stanford University Press, 1959.
- LUKACS, Georg. **The Historical Novel**, Boston, Beacon Press, 1963.
- MEINECKE, Friederich. **Die Entstehung des Historismus**, München und Berlin, Verlag von R. Oldenborg, 1936 (2 vols.)
- NEFF, Emery. **The Poetry of History**, New York, Columbia University Press, 1961,
- PEARDON, Thomas. **The Transition in English Historical Writings: (1750-1830)**, New York, Columbia University Press, 1933.
- PRAZ, Mario. **The Hero in Eclipse in Victorian Fiction**, London, Oxford University Press, 1956.
- PREYER, Robert. **Bentham, Coleridge and the Science of History**, Western Germany, Verlag Heinrich Poppinghaus OHG, Bochum-Langendreer, 1958.
- SCHILLING, Bernard N. **Human Dignity and the Great Victorians**, New York, Colufbia University Press, 1946.
- STOKOE, F. W. **German Influence in the Romantic Period 1788-1818**, Cambridge, At the University Press, MCMXXVI.
- TAINE, H. **Histoire de la Litterature Anglaise**, Paris, Librairie Hachette, 1911.
- The English Romantic Poets & Essayists (A Review of Research and Criticism)**, New York, The Modern Language Association of America, 1957.
- TREVELYAN, G. M. **An Autobiography and Other Essays**, London, Longmans, 1949.
- WILLEY, Basil. **Nineteenth Century Studies**, Penguin Book, 1949.
- \* DAVIS, Nelson V. **Five English Romantics and Napoleon Bonaparte**. Tese (inédita) de doutoramento, Princeton University. 1958. (mic.)

*Artigos*

- BERLIN, Isaiah. "J. G. Herder", *Encounter*, vol. XXV (July 1965), n. 1, parte I, p. 29; (august 1965), n. 2, parte II, pág. 48.
- DAICHES, David. "Scott's Achievements as a Novelist", *Nineteenth Century Fiction*, 1951, parte I, pág. 81; parte II, pág. 153.
- DUNCAN, Joseph E. "The Anti-Romantic in Ivanhoe", *Nineteenth Century Fiction*, 1955, pág. 297.
- ERSKINE, John. "Sir Walter Scott", *Columbia University Quarterly*, 1914), pág. 46.
- FISHER, P. F. "Providence, Fate and the Historical Imagination in Scott's Heart of Midlothian", *Nineteenth Century Fiction*, 1955, pág. 99.
- FORBES, Duncan. "The Rationalism of Sir Walter Scott", *Cambridge Journal*, 1953, pág. 20.
- JARRET-KERR, Martin. "Southey's Colloquies", *The Nineteenth Century*, vol. CXXXII (july-december 1942), pág. 181.
- MOORE, John Robert. "Defoe and Scott", *Publications of the Modern Language Association of America*, VI, pág. 720.
- MUNROE, David. "Sir Walter Scott and the Development of Historical Study", *Queen's Quarterly*, vol. XLV, 1938, pág. 219.
- PASCAL, Roy. "Property and Society, The Scottish Historical School of the 18th Century", *The Modern Quarterly*, vol. X, 1933, n. 2, pág. 166.
- RANKEN, T. E. "Sir Walter Scott and Medieval Catholicism", *Month*, 1903, pág. 32.